Mistérios e Romances dos Maiores Ocultistas do Mundo

CHEIRO (conde Louis Hamon)

Tradução: Amadeu Antônio

MISTÉRIOS E ROMANCES DOS MAIORES OCULTISTAS DO MUNDO

por Cheiro (Conde Louis Hamon), 1935

ÍNDICE

PARTE I

PREFÁCIO I. O ROMANCE DE CAGLIOSTRO, ASTRÓLOGO, MÍSTICO E MAGO II. CAGLIOSTRO APARECE PERANTE O CONSELHO SECRETO DA ROSA-CRUZ III. CAGLIOSTRO ESTABELECE «O RITO EGÍPCIO» EM PARIS IV. CAGLIOSTRO PERANTE A INQUISIÇÃO. OS SEUS ÚLTIMOS ANOS NA MASMORRA DE SAN LEO V. DOUTOR DEE: O VIDENTE E ASTRÓLOGO FAVORITO DA RAINHA ISABEL VI. DOUTOR DEE E O SEU «ESPÍRITO FAMILIAR», EDWARD KELLEY VII. ELIAS ASHMOLE, O RECLUSO MÍSTICO DE OXFORD VIII. PIERRE LE CLERC, MONGE BENEDITINO, E AS SUAS PREVISÕES SOBRE O DESTINO DE NAPOLEÃO IX. VAN GALGEBROK, O MÍSTICO HOLANDÊS, E A SUA VIDA EM LONDRES X. PAULO PHIM, O HOMEM DO MISTÉRIO, QUE AFIRMAVA SER UM «IMORTAL»

PARTE II

UM RELATO DAS MINHAS PRÓPRIAS EXPERIÊNCIAS PESSOAIS COM ALGUMAS DAS CELEBRIDADES OCULTAS DOS ANOS RECENTES XI. A PRINCESA ZISKY DE VIENA: HERR ZUNKLEHORN, O MÍSTICO ALEMÃO XII. MADAME GUTJEN SUND, A MÉDIUM SUECA, E RASPUTIN XIII. UMA ESTRANHA EXPERIÊNCIA COM EUSAPIA PALLADINO DE ITÁLIA XIV. ALGUNS OCULTISTAS MODERNOS, — MADAME BLAVATSKY XV. A SRA. ANNIE BESANT, WILLIAM Q. JUDGE, A SRA. KATHERINE TINGLEY E KRISHNAMURTI XVI. SIR OLIVER LODGE E CAMILLE FLAMMARION XVII. MÍSTICOS HINDU: O FAQUIR QUE FOI ENTERRADO VIVO E UM TIGRE MORTO POR HIPNOTISMO XVIII. A ESTRANHA CLARIVIDÊNCIA DO PAPA PIO IX XIX. UM ASTRÓLOGO QUE PREVIU A SUA PRÓPRIA MORTE XX. UM FEITICEIRO MODERNOR: O «MOTOR DE KEELY» E O SEU INVENTOR XXI. PREVISÕES VERIFICADAS XXII. PODERÁ O FUTURO SER ANTEVISTO? Um Relato de Previsões cumpridas: A Morte da Rainha Vitória — Rei Eduardo VII — O Czar da Rússia — Marechal de Campo

Lord Kitchener — Papa Pio X — Rei Humberto de Itália — O Xá da Pérsia — Joseph Chamberlain e Sir Austen Chamberlain — Sir Lionel Phillips — Lord Pirie, etc. etc.

PARTE III

A HISTÓRIA DA ALQUIMIA XXIII. ALGUNS DOS FAMOSOS ALQUIMISTAS E A SUA BUSCA PELO «ELIXIR DA VIDA» XXIV. MAIS SOBRE ALQUIMISTAS QUE FAZIAM OURO XXV. HISTÓRIAS ESTRANHAS DOS ALQUIMISTAS XXVI. A HISTÓRIA EXTRAORDINÁRIA DE GILLES DE LAVAL, O HOMEM QUE FEZ UM PACTO COM O DIABO

PARTE I

PREFÁCIO

Em todas as épocas as pessoas se interessaram pelas investigações de Alquimistas, Químicos e pensadores de todas as classes na sua busca pelos mistérios da natureza; a humanidade sempre sonhou que um dia seria feita a descoberta de «O Elixir da Vida», ou, se não isso, de alguma fórmula para vencer a doença e acrescentar mais alguns anos ao curto período da vida.

Subconscientemente, a humanidade sentiu que em alguma época passada foram feitas invenções e descobertas que, em tempos posteriores, se perderam no fluxo e refluxo de várias civilizações à medida que estas varriam esta terra.

A recente descoberta, nos tempos modernos, de alterações causadas pela «precessão do Equinócio» provou que, em éons passados, raças antigas, tais como os chineses, os hindus, os hebreus ou os caldeus, sabiam de alguma forma misteriosa que a duração de tempo para o «processo» completar o seu ciclo era um período de 25 800 anos, ao fim do qual toda a civilização seria completamente alterada ou varrida e uma nova era iniciada.

Os antigos filósofos e pensadores tinham, de alguma forma extraordinária, adivinhado que aquilo que é conhecido como os «pontos do Equinócio» entrava numa constelação diferente do Zodíaco a cada 2150 anos. Multiplicando este período por doze, o número dos Signos do

Zodíaco, eles chegaram ao ciclo completo da «precessão», a saber, 25 800 anos.

Além disso, demonstraram que cada período zodiacal de 2150 anos produzia alterações em nações e raças que não podiam ser explicadas de outra forma senão pelo facto de que cada secção diferente dos céus parecia influenciar uma determinada raça mais do que outra.

Trabalhando a partir desta tese, eles posicionaram países e vastas porções do mundo como sendo governados por certos Signos do Zodíaco e não por outros.

Como estes antigos estudantes dos céus descobriram tais coisas, ou que eras de tempo foram consumidas em tais investigações, nunca se soube — e talvez nunca se saberá. Em todo o caso, deve admitir-se que a mesma ideia é claramente transmitida nas páginas da Sagrada Escritura, nas quais se diz: —

«E não levantes os teus olhos ao céu, de modo que vejas o sol, e a lua, e as estrelas, sim, todo o exército do céu... os quais o Senhor teu Deus repartiu a todas as nações debaixo de todo o céu.» — Deut. iv, 19.[1]

«Desde o céu te fez ouvir a sua voz (o Senhor dos Exércitos — ou dos céus) para te instruir.» — Deut. iv, 36.[2]

Noutra parte, tratando dos descendentes dos três filhos de Noé, diz: —

«Por estes foram repartidas as ilhas dos gentios nas suas terras, cada um segundo a sua língua, segundo as suas famílias, entre as suas nações.» — Gén. x, 5.[3]

Há muito que vigora a ideia entre muitos escritores modernos de que numa época passada, quando os homens estavam talvez mais próximos da natureza, Deus, o Criador de tudo, por inspiração ou outros meios, revelou segredos ao homem que, nos séculos seguintes, se perderam.

No Génesis, capítulo v, 22, lê-se: —

«E andou Enoque com Deus.»[4]

Seguindo isto, no capítulo seguinte, ao descrever Noé, diz: —

«Noé era homem justo e perfeito nas suas gerações; Noé andou com Deus.»[5]

Não é, portanto, incompatível com a razão seguir a ideia de que esses antigos filósofos e astrólogos decifraram grandes segredos da natureza por algum sistema ou método de estudo superior às nossas mentes mecânicas.

Sabemos como um facto absoluto que eles descobriram «a precessão dos equinócios», e que foi apenas em anos muito recentes, com todos os instrumentos científicos à nossa disposição, que provámos que eles estavam corretos nas suas afirmações.

Se, portanto, esses antigos «Sábios» eram tão exatos nos seus cálculos sobre uma das maiores maravilhas da natureza, não poderiam estar igualmente corretos nas suas divisões do Zodíaco para influenciar ou, como eles lhe chamavam, para «governar» diferentes países do mundo?

Eras antes de Mercator ter planeado o seu Mapa do Globo, estes antigos estudantes dos céus tinham estabelecido que «as Ilhas do Norte», de outro modo a Inglaterra, eram governadas por Carneiro — o Signo do Carneiro e Casa de Marte; e que a porção da Europa agora designada como Alemanha estava sob o mesmo Signo.

À França e à Itália deram o Signo de Leão, o Leão. Eles estabeleceram o interessante e instrutivo axioma de que os países sob «signos animais» do Zodíaco se deveriam aliar para a autopreservação, ou então teriam de lutar uns contra os outros até à morte.

A Rússia, colocaram-na sob o Signo de Aquário, governada pelo planeta Saturno, cujo símbolo era a figura de um homem velho curvado pelo Tempo, esmagado pela experiência, mas que, no fim, derrama água sobre a terra para lhe devolver a fertilidade.

Para o longínquo continente da América, então desconhecido, exceto nas mentes daqueles antigos estudantes, eles colocaram a parte norte, incluindo a porção agora conhecida como os Estados Unidos, sob o Signo de Gémeos — os Gémeos, cujo governante é Mercúrio no seu aspeto positivo. Com o passar do tempo, esta definição tornou-se perfeitamente aplicável à parte norte do continente americano, já que o planeta Mercúrio representa a Ciência, a Invenção, os Negócios, o Comércio e qualidades semelhantes; Gémeos é a primeira casa da Triplicidade do Ar.

O grou ou a águia, o Rei do Ar, foi escolhido como o signo simbólico dos Estados Unidos, uma nação que estava destinada a ser o berço dos Irmãos Wright, os inventores do aeroplano.

Os Estados Unidos não só construíram a maior aeronave que o mundo já viu, como também possuem a maior reserva natural de Hélio, um gás não inflamável que garante a segurança das aeronaves mais leves que o ar.

Estaria fora de lugar aqui dar mais detalhes sobre as divisões dos céus que afetam outras nações; os leitores podem, se desejarem, encontrar uma descrição completa a respeito dos países e cidades governados pelos Signos Zodiacais na minha obra chamada *«World Predictions»*, publicada na Inglaterra e nos Estados Unidos em 1926.

Ao tratar dos «Mistérios e Romances dos Maiores Ocultistas do Mando», ressuscitei, tanto quanto possível, das histórias e manuscritos disponíveis, os factos que estão registados a respeito dos caracteres mais marcantes destas personagens notáveis.

Na segunda parte deste livro, tratei de Ocultistas modernos, ou daqueles que acredito terem sido influenciados por tais estudos e que me eram pessoalmente conhecidos, tais como Madame Blavatsky; Annie Besant; William Q. Judge; Katherine Tingley; Krishnamurti; Sir Oliver Lodge; Camille Flammarion; Alfred Minchin, um astrólogo que previu a sua própria morte; Místicos Hindus; Cardeal Sarto, mais tarde Papa Pio X; e John W. Keely, o inventor do «Motor de Keely».

Desta forma, espero que os meus leitores considerem que eu, tanto quanto esteve ao meu alcance, atualizei a matéria, tornando-a útil para esse círculo cada vez mais amplo do público que, na presente época, se interessa cada vez mais por assuntos ocultos.

«Cheiro»

CAPÍTULO I

O ROMANCE DE CAGLIOSTRO.

ASTRÓLOGO, MÍSTICO E MAGO

Como muitos poderão desejar saber algo sobre Cagliostro, que foi uma das figuras mais marcantes nos registos do ocultismo, sinto que não posso fazer melhor do que iniciar este livro dando um relato de alguns dos incidentes notáveis que recolhi de arquivos e de outras fontes a respeito da sua espantosa carreira.

Não há dúvida de que poucos homens no decurso das suas vidas experimentaram tais calúnias como as que couberam em sorte a Cagliostro. A razão para isto será, no entanto, aparente para qualquer mente imparcial, especialmente quando se considera a época e as condições em que ele viveu.

As suas curas notáveis, efetuadas principalmente por poções feitas a partir da destilação de ervas, atraíram sobre ele a inimizade de médicos e curandeiros onde quer que vivesse.

Que ele curava os doentes e enfermos não pode haver dúvida; além disso, que ele dava o seu tempo e os seus remédios aos pobres sem preço ou qualquer esperança de recompensa foi igualmente aceite, até pelos seus detratores mais ferozes.

Que ele era um mestre do hipnotismo também é concedido, mas como o termo «curandeiro» não era compreendido no período em que viveu, as curas maravilhosas que realizava foram, como é talvez natural, atribuídas à magia ou à ação do Diabo ou a qualquer outro poder não compreendido naquele momento.

O facto de não pertencer a nenhuma profissão reconhecida também jogou em sua desvantagem. No seu tempo, havia apenas duas classes — os muito ricos ou os muito pobres. O aristocrata da riqueza ou da linhagem mal podia respirar o mesmo ambiente que o comerciante ou o ser desafortunado que tinha de trabalhar para viver.

Cagliostro ficou no meio destas duas mós de moinho. Quem se pode espantar, então, se no fim ele foi moído «extremamente miúdo».

Quem era Cagliostro, onde nasceu e de onde veio são perguntas que nunca foram claramente respondidas.

Por muitas razões, este homem extraordinário atraiu o antagonismo. Nuns casos, este nasceu do ciúme pelo seu sucesso, noutros proveio de propaganda política, especialmente pela sua *«Lettre au Peuple Français»* após o seu banimento de França, carta essa que expôs de tal forma tanto a Realeza como o Governo que se diz ter ajudado a provocar a Revolução Francesa.

O órgão do Governo francês, *«Courrier de l'Europe»*, publicado na Inglaterra, foi pago para fazer circular a história de que o Conde Cagliostro e o infame Joseph Balsamo, um homem nascido nas mais baixas condições em Palermo, eram a mesmíssima pessoa.

Como o Sr. W. R. Trowbridge aponta no seu livro, *«Cagliostro»*, esta infâmia «apoia-se na palavra do editor do Courrier de l'Europe, um homem dos hábitos mais baixos e dissolutos, e numa carta anónima de alguém em Palermo para o Chefe da polícia de Paris.»

A vítima não tinha meios de se defender contra estas histórias mentirosas. No momento em que tais libelos eram postos a circular mais ativamente com o objetivo de o desacreditar em França, ele encontrava-se sob banimento na Inglaterra, com todos os órgãos da imprensa contra si.

O Sr. Trowbridge também salienta, muito justamente, que «ninguém que tivesse conhecido Balsamo alguma vez viu Cagliostro», além disso, que Balsamo, que estivera na Inglaterra em 1771, era «procurado» pela polícia de Londres. «Como foi então», pergunta ele, «que seis meses depois não o reconheceram no Conde Cagliostro, que passou quatro meses numa prisão por dívidas em Londres sem qualquer culpa própria?»

A Inquisição em Roma, sendo naturalmente a inimiga mais declarada de Cagliostro, num esforço para acalmar o público após a sua suposta morte às suas mãos, fez circular a sua chamada confissão sob tortura, numa tentativa de provar que ele e o falsário Joseph Balsamo eram um e o mesmo.

A *«Vida de Joseph Balsamo»*, de um escritor anónimo, publicada em Roma por ordem da Corte Apostólica em 1791, foi aparentemente escrita por um dos juízes que oficiaram no seu julgamento, mas se nos lembrarmos

dos métodos habituais da Inquisição, dificilmente nos surpreenderemos com qualquer coisa dita numa tal publicação.

Deve ainda ter-se em mente que Cagliostro foi condenado à morte pela Inquisição sob a única acusação das suas atividades maçónicas e pela propagação do seu «Rito Egípcio».

À data do seu julgamento, a Maçonaria de qualquer descrição era peculiarmente abominada pela Igreja de Roma, e era processada sob pena de morte.

Tomando estas circunstâncias em consideração, é natural supor que, quanto mais rematado patife Cagliostro fosse retratado, sob a capa de Joseph Balsamo, melhor a Inquisição pareceria aos olhos do mundo.

Seria impossível para alguém de mente imparcial acreditar que um homem de tão profundo conhecimento, como é admitido que ele tinha até pelos seus inimigos — um homem que falava tantas línguas, como o grego, o hebraico, o latim, o árabe, o francês, o alemão, o italiano e o inglês —, cujo conhecimento de medicina estava muito avançado em relação aos professores daquela época, pudesse ser o mesmo que o inculto Joseph Balsamo.

Tal é, contudo, o poder da propaganda da Igreja, do Estado e da Imprensa que a maior maravilha é Cagliostro ter sequer existido apesar de tal oposição.

Embora o seu próprio relato sobre a sua origem e início de carreira, tal como o apresentou perante os seus juízes em Paris na altura do famoso caso de «O Colar da Rainha», possa parecer à superfície mais ou menos fantástico, deve contudo ter-se em mente o axioma «de que homens que levam vidas invulgares devem ter experiências invulgares.» Deve ainda ter-se em mente que, com todas as forças da lei dispostas contra ele naquele julgamento sensacional, ele foi absolvido pelos seus juízes.

Nenhuma menção ao nome de Joseph Balsamo foi trazida para o caso. Ele foi simplesmente banido de França por ordem de Luís XVI, que tinha de fazer algo para aplacar a ira da sua Rainha. E, no entanto, alguns meses mais tarde, o próprio Rei revogou a ordem de exílio e Cagliostro foi convidado a regressar a França.

Na própria declaração de Cagliostro perante a Corte francesa, ele disse: «Sou incapaz de ser preciso tanto em relação ao lugar do meu nascimento como à minha ascendência. Fiz investigações exaustivas, mas estas não me trouxeram mais do que suspeitas vagas, embora certamente elevadas, quanto à condição da minha família. As minhas primeiras recordações são da cidade de Medina, na Arábia.

«Aqui passei a minha infância, sendo conhecido como Acharat, um nome que continuei a usar mais tarde durante as minhas viagens através da África e da Ásia.

«Em Medina, vivi no palácio do Mufti Salahaym, que era o chefe da religião maometana. Havia quatro pessoas consagradas aos meus cuidados; um tutor com cerca de sessenta anos de idade, cujo nome era Althotas, e três criados, um homem branco que servia como meu criado de quarto, e dois negros que me mantinham sob o seu olhar noite e dia.

«De acordo com o meu tutor, eu tinha ficado órfão aos três meses. Os meus pais, disse-me ele, eram cristãos e de nascimento nobre. Mais do que isto ele não revelava.»

[1] Nota do Tradutor: Corresponde ao texto bíblico citado pelo autor como «Deut. iv, 19». Na tradução portuguesa da Bíblia (Almeida), o trecho guarda correspondência direta com o sentido vertido pelo autor.

[2] Nota do Tradutor: Corresponde ao texto bíblico citado pelo autor como «Deut. iv, 36».

[3] Nota do Tradutor: Corresponde ao texto bíblico citado pelo autor como «Gen. x, 5».

[4] Nota do Tradutor: Corresponde a Génesis 5:22.

[5] Nota do Tradutor: Corresponde a Génesis 6:9.

Althotas, cujo nome não posso pronunciar ainda agora sem emoção, foi mais do que um pai para mim. Instruiu-me em todas as ciências, em cada uma das quais era profundamente versado. Fiz mais progressos em botânica e química. Ele ensinou-me a temer a Deus, a amar o meu próximo e a respeitar a lei.

«O meu tutor também me instruiu na maioria das línguas orientais. Falava-me sobre as Pirâmides do Egito e as suas maravilhas até que o meu

desejo de ver estas coisas por mim próprio se tornou tão forte que a vida em Medina começou a cansar-me.

Finalmente, no meu décimo segundo ano, Althotas informou-me de que iríamos partir em viagem. Despedimo-nos do Mufti, que estava relutante em ver-nos partir, e juntámo-nos a uma caravana para Meca.»

Cagliostro continuou então a descrever a sua estadia no palácio do Xarife de Meca, até à sua chegada final a Malta.

«Aqui», prosseguiu ele, «Pinto, o Grão-Mestre dos Cavaleiros de Malta, convidou-me para o seu palácio e alojou-me perto do seu laboratório. Tenho razões para acreditar que o Grão-Mestre Pinto conhecia o segredo do meu nascimento. Falava frequentemente do Xarife e mencionava a cidade de Trebizonda, mas nunca em detalhe; contudo, tratava-me sempre com toda a honra e prometeu-me uma rápida promoção se eu aceitasse a cruz. Eu gostava demasiado de viajar e da prática da medicina para aceitar a sua generosa oferta.

«Após a morte na ilha do meu professor e melhor amigo, Althotas, roguei ao Grão-Mestre que me permitisse partir para viajar. Ele consentiu relutantemente e, sob as suas instruções, o Cavaleiro d'Aguino acompanhou-me primeiro à Sicília, depois à Grécia e, finalmente, a Nápoles e a Roma.

«Aqui conheci Sua Eminência o Cardeal Orsini, que me convidava frequentemente para jantar com ele e me apresentou a muitos Cardeais e Príncipes romanos, nomeadamente ao Cardeal Ganganelli, que mais tarde se tornou o Papa Clemente XIV. Tive várias vezes a honra de uma entrevista privada com o Papa Rezzonico,[1] que ocupava o Trono Papal naquela época.

«In 1770, no meu vigésimo segundo ano, conheci uma jovem de boa linhagem, Lorenza Seraphina Feliciani, cuja beleza acendeu em mim uma chama que dezasseis anos de casamento não conseguiram extinguir.»

Cagliostro terminou a sua defesa refutando cada afirmação caluniosa que a Condessa de Lamotte tinha lançado contra ele, tais como:

«Empírico é uma palavra que tenho ouvido frequentemente sem compreender precisamente o seu significado. Se significa alguém que, embora não professando ser médico, consegue contudo curar tanto ricos

como pobres sem honorários ou recompensa, então confesso que sou um empírico.

«Alquimista reles? Quer eu seja alquimista ou não, o termo "reles" só se pode aplicar a mendigos e sicofantas. Ninguém pode dizer que Cagliostro mendigou a qualquer homem.

«Sonhador sobre a Pedra Filosofal? Qual quer que seja a minha opinião sobre a Pedra, guardei-a para mim e nunca a impus ao público.

«Falso profeta? Nem sempre. Avisei o Cardeal de Rohan de que a Condessa de Lamotte-Valois era uma mulher enganadora e perigosa. Se ele tivesse seguido o meu conselho, não estaria na sua posição atual.

«Um Judeu? Nunca fui judeu nem maometano.»

Como não estou a tentar escrever a vida do Conde Cagliostro, não preciso de entrar em mais detalhes, mas prosseguirei com incidentes de talvez maior interesse para os meus leitores.

Cagliostro era um mistério para todos os que o conheciam. Eis um homem que atraía dinheiro e, no entanto, o desprezava, um homem que esbanjava riquezas como nunca tinham sido esbanjadas antes ou desde então.

Onde conseguia ele a sua riqueza? Esse mistério por si só era suficiente para a sua condenação.

Cagliostro tinha, contudo, dois incentivos para a sua busca de ouro. Um era o sentido de poder que este dava — o outro, o maior incentivo de todos —, o amor de uma mulher.

Não importa como Cagliostro possa ser criticado ou censurado por juízes autoproclamados, ao longo de todas as muitas vicissitudes da sua atribulada carreira, como um fio de ouro que às vezes pode ter conduzido ao Céu, o seu amor pela sua bela Lorenza, «esposa perante Deus», destaca-se mais como um sonho do que como uma realidade.

Para ela, ele acumulava riqueza — para ela, vendia filtros de amor ou o «Elixir da Vida». As pérolas dela tinham de ser as mais finas, os seus diamantes os mais brancos, os seus vestidos os mais ricos de qualquer mulher na terra.

Ele perdoava os pecados dela — e ela teve muitos, se se acreditar em metade dos rumores que lhe diziam respeito —, mas, apesar de todas as belas mulheres que se lançavam aos seus pés, Cagliostro permaneceu o seu devoto amante até ao último momento da sua vida.

Onde conheceu ele Lorenza Feliciani? Esse é um dos muitos mistérios que envolvem os acontecimentos do início da sua carreira.

Pode notar-se que, na sua declaração perante o Tribunal em Paris, ele apenas disse: «No meu vigésimo segundo ano conheci uma jovem de boa linhagem»; não mencionou em que circunstâncias a conheceu.

Existe uma história intensamente romântica que pode ser tão verdadeira como qualquer outra, mas que foi confirmada mais tarde na confissão de Lorenza à Madre Superiora do Convento de Versalhes, irmã de Luís XVI.

Esta história confirma os extraordinários poderes de hipnotismo de Cagliostro.

Uma tarde, no outono de 1770, uma carruagem que transportava uma jovem e a sua mãe seguia por uma das estradas fora de Roma em direção a um Convento isolado, situado numa das colinas mais desertas daquela parte do país. Por alguma razão, os cavalos tornaram-se subitamente incontroláveis, arrancaram as rédeas das mãos do cocheiro e correram numa fúria vertiginosa pela estrada abaixo em direção a uma ponte estreita que cruzava uma das torrentes da montanha.

Em poucos segundos, o desastre e talvez a tragédia aguardavam-nas.

Subitamente, um jovem saltou de um bosque e, com risco da própria vida, agarrou a rédea de um dos cavalos e acalmou os animais aterrorizados.

A mãe, ruidosa nos seus protestos de agradecimento e temendo uma repetição semelhante, implorou ao jovem que permanecesse com elas até que a segurança do Convento fosse alcançada.

Pouco se disse durante o resto da viagem; a mãe continuava perturbada, a jovem sentava-se recostada no fundo da carruagem, encontrando os seus expressivos olhos escuros, de vez em quando, com os do belo desconhecido.

No Convento, la mãe insistiu em apresentá-lo à Reverenda Abadessa. Esta era velha, austera no seu trato. Recebeu-os numa antecâmara, fora do edifício principal. «Os homens nunca têm permissão para entrar no Convento», explicou ela.

A jovem estava prestes a entrar no seu ano de iniciação; mais alguns momentos e o jovem teria de se despedir dela para sempre.

Os momentos voaram, ele levantou-se para partir, os seus olhos encontraram os dela, as portas do Convento abriram-se e fecharam-se, e ele saiu para a noite.

Cagliostro, pois não era outro, recusou a oferta da carruagem e iniciou a sua longa e solitária caminhada em direção a Roma.

Ele sabia que tinha encontrado a sua alma gémea; sabia também que aquelas muralhas de pedra se erguiam entre eles como uma barreira intransponível.

Sob tais condições, a maioria dos homens teria curvado a cabeça ao Destino. Cagliostro, porém, não era como os outros homens. Olhou para cima, para as estrelas, e resolveu lutar contra o Destino por aquela jovem que tão inesperadamente tinha entrado na sua vida.

O ano da iniciação dela quase passara. Noite após noite, Cagliostro podia ter sido visto a encaminhar-se de Roma e a colocar-se como sentinela fora daquelas mdfas isoladas do Convento.

Ele tinha tomado conhecimento de que a família Feliciani — uma das mais orgulhosas de Roma — era católica devota e estava feliz pelo facto de a sua única filha, Lorenza, estar prestes a tomar «o Véu».

À medida que os dias, as noites e os meses passavam, o amor de Cagliostro tornava-se cada vez mais intenso. Tinha-lhe inflamado o coração e consumido a própria alma.

Ele sabia que Lorenza o amava; os olhos dela tinham-lho dito naquele último encontro. O amor, quando é real, não precisa de votos ou palavras — alimenta-se de si próprio e continua a aumentar para sempre.

Mas o que havia a fazer? Em mais alguns dias a cerimónia estaria terminada, «o Véu» tomado, e Lorenza, a Bela, já não seria deste mundo.

Um plano formava-se no seu cérebro, um plano ousado. Se falhasse, a sua vida pagaria a penalidade. Melhor isso, pensava ele, do que uma morte em vida sem amor.

A manhã da cerimónia rompeu, fria e cinzenta no horizonte. As «colinas eternas de Roma», que tinham visto tantas tragédias, pareciam meditar à distância. O Destino tinha baralhado as suas cartas e esperava em silêncio para «pedir o seu jogo».

As velas tinham sido acesas no altar; monges e sacerdotes tinham entrado em bando para as suas cadeiras, tons profundos do órgão vibravam pelo coro, a família Feliciani já estava de joelhos — devido às regras estritas do Convento, eram os únicos estranhos que podiam estar presentes.

A cerimónia começou, as palavras solenes do Bispo ecoaram pelo silêncio; as Portas do Céu abriam-se para admitir a sua filha.

Uma figura trémula, de branco, estava prestes a renunciar ao mundo para sempre.

Apoiada pela Reverenda Abadessa, Lorenza parecia mais bela do que qualquer santa; as suas faces pálidas, coradas pela febre, eram como as pétalas de uma rosa recém-nascada. Novamente o órgão ressoou, e doces vozes de freiras entoaram uma resposta.

A figura alta de um monge de preto entrou pelo lado e tomou posição junto a um dos pilares.

Chegara o momento em que o voto estava prestes a ser proferido. Todas as cabeças estavam inclinadas — todos os corações aquietados para escutar.

A figura do monge moveu-se; silenciosamente ele deslizou para o lado de Lorenza — um grito lancinante —, ele tinha-a tomado nos seus braços e já passava pela porta lateral para o exterior.

Uma cerimónia de casamento teve lugar numa pequena aldeia além de Roma e, antes do cair da noite, a carruagem que transportava Cagliostro e Lorenza acelerava no seu caminho em direção à fronteira italiana.

CAPÍTULO II

CAGLIOSTRO APARECE PERANTE
O CONSELHO SECRETO DA ROSA-CRUZ

Muitos livros sobre Cagliostro relatam as suas viagens com Lorenza como peregrinos através de Espanha e França. Durante este tempo, muitas evidências podem ser recolhidas de que, em Lorenza, Cagliostro tinha descoberto uma médium notável que lhe podia ser de grande utilidade nas suas operações místicas.

Nalguns registos ela é descrita, quando em estado de transe, fornecendo-lhe descrições exatas de pessoas que estavam prestes a visitá-lo, e até mesmo das propostas que lhe seriam apresentadas.

Antes, porém, de ele fazer uso dos poderes dela nalgumas das extraordinárias manifestações de ocultismo que deu em França e em Inglaterra, devemos acompanhá-lo na sua comparência perante o Conselho Secreto da Rosa-Cruz ou Ordem dos Rosacruzes, que naquele momento era uma Sociedade que exercia grande poder e influência na Alemanha.

Em tempos tão de mentes estreitas, todas as sociedades secretas tinham de observar as maiores precauções para que os seus membros não fossem conhecidos ou os seus locais de reunião descobertos.

Os «Irmãos da Rosa Cruz» — ou, como também eram chamados, os *«Illuminati»* — traçavam a sua origem até cerca de 1422, mas a sua grande ascensão ao poder não ocorreu antes de 1537. A partir dessa data, as suas lojas secretas atraíram alguns dos homens mais instruídos da época, incluindo membros da realeza, príncipes, nobres e até prelados de alta patente na igreja.

Na Alemanha, os «Irmãos da Rosa Cruz» eram especialmente poderosos. Frederico Guilherme II, Rei da Prússia, juntou-se à Ordem em 1781. Estava então no seu trinta e sétimo ano, e a sua posição fez muito para promover os interesses da Sociedade. Esta contava também entre os seus membros os Duques reinantes de Gotha e Weimar.

Algures antes desta data, Cagliostro fez subitamente a sua aparição perante o Conselho Secreto da Rosa-Cruz na sua sede, no coração da Floresta Negra, na Alemanha.

Deixando Lorenza confortavelmente instalada numa estalagem ao cuidado de um criado fiel, ele partiu sozinho para encontrar o local secreto de reunião os «Irmãos».

Tal busca teria sido desesperada para qualquer homem que não estivesse bem versado nas regras e regulamentos da Ordem, e significava a morte para qualquer intruso que não estivesse familiarizado com as palavras de passe, sinais, etc., que dariam entrada na assembleia.

Cagliostro nada tinha a temer; tinha sido bem instruído pelo seu professor, Althotas, em todos esses mistérios.

Ele nunca estivera perto da Floresta Negra ou, de facto, no coração da Alemanha antes. Algum conhecimento secreto parecia guiá-lo.

Num determinado ponto da estrada principal, mandou parar a carruagem da estalagem e, dizendo ao motorista que esperasse ali por ele até ao amanhecer, embrenhou-se sem hesitação numa vereda escura de pinheiros que conduzia a um velho castelo em ruínas completamente escondido na floresta.

Não havia qualquer indício de vida no local; o fosso parecia escuro e ameaçador; não havia sinal de ponte levadiça ou de qualquer meio de entrada para o portal em ruínas do outro lado.

Um vento crescente gemia por entre as árvores, nuvens negras varriam o céu e cobriam a lua. Cagliostro permanecia irresoluto; por alguns momentos parecia um homem que tinha perdido o rumo.

Caminhava de um lado para o outro como se tentasse recolher os seus pensamentos. Subitamente, levou os dedos aos lábios e emitiu um assobio peculiar que soou como três notas distintas. Repetiu isto três vezes. Quando o eco do último tom se extinguiu, uma figura alta de armadura pareceu erguer-se de um monte de pedras ao seu lado, uma espada reluziu, uma voz sepulcral disse em alemão:

«Quem és tu que perturbas os mortos?»

Cagliostro, na mesma língua, respondeu:

«Não venho aqui para perturbar os mortos — mas para falar com os vivos.»

Figura de armadura: «Dá-me o nome daquele que te enviou.»

Cagliostro: «O nome do meu Mestre é Althotas.»

Figura de armadura: «Dá-me as palavras de passe.»

Cagliostro: *«Lilia, Pedibus, Destrue.»*

Figura de armadura (guardando a espada): «Segue-me.»

Passando por um arco, desceram alguns degraus e, depois, uma passagem subterrânea sob o fosso que conduzia a uma cripta abobadada sob o centro do castelo.

A figura de armadura avançou, bateu três vezes no painel de uma pesada porta de carvalho.

Uma voz: «Quem exige entrada?»

Figura de armadura: «Um Irmão que busca a Luz.»

Voz: «Garante que ele é um Irmão?»

Figura de armadura: «Garanto.»

As portas são escancaradas. Cagliostro entra. Sentados à volta de uma mesa, no centro, estão doze homens vestidos com mantos de cores diferentes, de acordo com o Signo do Zodíaco sob o qual nasceram. Estão debruçados sobre um grande mapa da Europa. Quando Cagliostro entra, puxam os capuzes dos seus mantos sobre os rostos.

O Presidente, à cabeceira da mesa, levanta-se. De espada desembainhada, avança em direção a Cagliostro: «Quem é você?», exige ele. «Sabe o perigo que corre ao entrar aqui?»

Cagliostro, com um sorriso, responde: «Não há perigo no coração da Rosa-Cruz para quem pertence à Ordem.»

[1] Nota do Tradutor: O autor refere-se ao Papa Carlo della Torre di Rezzonico, que governou a Igreja Católica sob o nome de Clemente XIII (1758–1769). O texto original apresenta a grafia "Razzonico".

Presidente: «Quem está aqui que possa provar que tem o direito de entrar?»

Cagliostro: «O homem que está atrás daquele biombo, o Grão-Mestre da nossa Ordem.»

O biombo ao fundo abre-se, com os dois lados a afastarem-se lentamente para trás. O Grão-Mestre é revelado sentado num trono de ouro, vestido com uma longa túnica branca. No seu peito repousa uma grande cruz de diamantes com uma rosa vermelha de rubis no centro.

O Mestre, uma figura de aspeto velho e majestoso, levanta-se. Falando numa voz profunda e impressionante, diz: «Em nome dos Irmãos do Ocidente, saúdo Cagliostro, o enviado do Oriente.»

Todos se levantam.

Cagliostro dobra um joelho perante o trono.

O Grão-Mestre, colocando a mão sobre a sua cabeça, diz: «Cagliostro, meu Irmão, foi por minha vontade que vieste aqui. Estou a envelhecer, os dias da minha vida estão contados. Conhecendo o teu conhecimento e os poderes que possuis, escolhi-te para dar continuidade à minha missão na terra. Estás pronto para tomar o meu lugar?»

Cagliostro: «Estou, Mestre.»

O Grão-Mestre abre uma caixa de metal com a forma de um pergaminho enrolado. Tirando um pergaminho, entrega-o a Cagliostro. «Encontrarás aqui, meu Irmão, tudo o que precisas de saber, juntamente com os nomes daqueles que melhor te podem servir a ti e à nossa Ordem. Guarda-o com a tua vida. A perda deste pergaminho significaria a morte para muitos dos nossos irmãos. Vai agora, meu Irmão, de volta para o mundo; semeia as sementes da Rosa-Cruz onde quer que os teus pés se demorem. Usa os teus segredos para fazer com que homens e mulheres vejam a "Luz da Verdade". Levanta os caídos — humilha os poderosos — espalha a única religião verdadeira — a Fraternidade do Homem por toda a terra.

«Adeus, Cagliostro, a minha bênção vai contigo.»

Os doze cavaleiros rodeiam Cagliostro e conduzem-no de volta ao mundo exterior.

CAPÍTULO III

CAGLIOSTRO ESTABELECE

«O RITO EGÍPCIO» EM PARIS

Depois de passar pela Alemanha e de se deter durante algum tempo em Estrasburgo como hóspede do Príncipe Cardeal de Rohan, Cagliostro chegou a Paris no ano de 1781, e procedeu imediatamente ao estabelecimento de «O Rito Egípcio», fundado em antigas leis maçónicas que ele afirmava ter descoberto durante a sua estadia no Oriente.

Para o fazer com o devido efeito, Cagliostro ergueu na *rue de la Sourdière* um magnífico templo do qual era o Grão-Mestre.*

Em oposição às regras dos Maçons franceses que, até então, tinham estado estreitamente aliados ao Rito Inglês e Escocês estabelecido por Elias Ashmole de Oxford, Cagliostro anunciou que o sexo feminino não deveria continuar impedido de participar nas cerimónias maçónicas.

* *Nota do autor:* Quando Cagliostro foi banido de França, a sua casa e o seu templo permaneceram fechados até depois da Revolução. Em 1855, foram feitas reparações e o templo foi demolido. As suas portas foram colocadas numa casa na *rue Sainte-Claude*, onde ainda hoje podem ser vistas.

Isto foi um golpe de mestre de diplomacia, pois por este meio ele obteve o patrocínio direto da brilhante Corte de Luís XVI.

Através da intervenção do Duque de Luxemburgo, à Princesa de Lamballe, a amiga mais próxima de Maria Antonieta, foi oferecido o cargo de Grã-Mestra de Honra, o qual ela graciosamente aceitou. Foi recebida na Ordem na noite de 20 de março de 1785, assistida pelas personagens mais distintas da Corte.

Ela constituía uma figura imponente vestida com um vestido de seda branca, ostentando a condecoração da Ordem sob a forma de uma faixa suspensa do seu ombro direito, de um rico cetim azul com franjas de prata, enquanto no seu ombro esquerdo estava uma roseta branca com três barras de ouro.

Na extremidade da faixa estava suspenso um círculo de ouro que encerrava um cetro, a Mão da Justiça e uma coroa antiga, tudo construído com pedras preciosas. Foi conduzida por Cagliostro a um trono branco e dourado, colocado sobre sete degraus de ouro num estrado de estrelas de prata.

Cagliostro estava sentado noutro trono ao nível dos pés dela.

A própria Rainha, Maria Antonieta, assistiu à cerimónia.

O vasto Templo construído por Cagliostro foi transformado num «salão do Paraíso».

Seguindo-se à cerimónia, um banquete foi oferecido por Cagliostro, cujo semelhante nunca tinha sido superado, mesmo naqueles dias de extravagância real.

Este lançamento real de «O Rito Egípcio» excitou naturalmente uma quantidade considerável de ciúme por parte do Grão-Conselho dos Maçons regulares de Paris. No fim, aprovaram uma resolução para convidar Cagliostro a comparecer a uma reunião da sua Ordem no seu próprio Templo.

A resolução foi enviada em nome dos homens mais distintos da época, tendo sido também convidados os principais Embaixadores das Cortes da Europa.

Cagliostro aceitou, e a reunião histórica teve lugar na noite de 10 de maio de 1785.

O Grão-Mestre de «O Rito Egípcio» foi recebido com todas as honras que lhe podiam ser concedidas pelo Duque de la Rochefoucauld, Court de Gébelin e outros membros do partido real.

Cagliostro foi convidado a falar sobre os mistérios da Maçonaria em geral.

Para surpresa e horror de todos os presentes, com uma eloquência ardente e quase brutal, Cagliostro procedeu de forma a mostrar à distinta assembleia que eles eram absolutamente ignorantes sobre os verdadeiros segredos que sustentavam a verdadeira Maçonaria.

Por fim, em desespero, Court de Gébelin exigiu que Cagliostro desse provas do conhecimento superior que tinha obtido de «O Rito Egípcio».

Falando em tons de decisão e autoridade, Cagliostro aceitou o desafio.

Procedeu de forma a mostrar o significado cabalístico de Nomes e Números. Apresentou à sua audiência os caracteres do «Alfabeto Sagrado».

Pediu-lhes então que formulassem uma pergunta e determinassem a resposta por si mesmos.

A pergunta que selecionaram foi: «Luís XVI, Rei de França e Navarra. SERÁ ELE FELIZ ATÉ AO FIM DA SUA VIDA, E DEIXARÁ ELE O TRONO AO SEU FILHO?»

A resposta que se desenvolveu perante os olhos da assembleia foi: «Luís XVI IRÁ RUINAR O TRONO DOS SEUS ANTEPASSADOS. ELE IRÁ MORRER NO SCAFALDO NO TRINTA E NONO ANO DA SUA IDADE.»

Tomando o número XVI como o da sua dinastia, Cagliostro continuou, explicando que este correspondia ao décimo sexto arcano, o qual era simbolizado como uma torre partida por um raio da qual um homem caía, com uma coroa a tombar-lhe da cabeça.*

** Nota: Ver «Cheiro's Book of Numbers» para mais explicações sobre este número. (Herbert Jenkins, Ltd., 3, York Street, Saint James's, London, S.W.1.)*

Um arquejo de horror e espanto irrompeu da assembleia.

O nome seguinte submetido foi: «Maria Antonieta, Arquiduquesa de Áustria, Rainha de França.»

A resposta que se desenvolveu por si mesma foi: «Infeliz em França, ela será aprisionada E decapitada.»

Cagliostro cessou de falar por um momento.

Court de Gébelin, cientista erudito que era, parecia estupefacto como as outras pessoas ao seu redor.

«Senhor», disse ele, voltando-se para Cagliostro. «Se Deus permite a alguém ver o futuro, não poderão as nossas orações prevenir a catástrofe ameaçada? A Condessa de Lamballe, a amiga da Rainha, é Grã-Mestra de Honra no seu "Rito Egípcio". Por que não transmitir estas mensagens a ela para que possa avisar a Rainha.»

«Não, *Monsieur*», respondeu Cagliostro, «ela não acreditaria. Eu apenas cometeria uma imprudência simultaneamente perigosa e inútil. Apliquemos o nome dela e vejamos o que este irá dar.»

Ele escreveu por extenso o nome e o título dela. «Marie-Thérèse-Louise de Savoie, Princesse de Lamballe.»

A resposta veio: «Ela será massacrada EM Paris por quatro rufiões na esquina DA *Rue des Ballets* na revolução QUE DESTRÓI O REI E A RAINHA.»*

* *Nota do autor:* Sete anos mais tarde, a Condessa de Lamballe foi presa com a Família Real a 10 de agosto de 1792. O seu sogro pagou cem mil escudos pela sua liberdade. Ao deixar a prisão e quando passava pela última casa na esquina da *rue des Ballets*, foi atacada por quatro homens, que a despedaçaram com as suas espadas; a sua cabeça foi cortada e levada numa lança pelas ruas de Paris.

No silêncio que se seguiu, Cagliostro disse:

«Se agora perguntássemos qual será o fim da Revolução? a resposta que é dada é: "UM HOMEM DA ILHA DA CÓRSEGA SERÁ ELEITO PELO POVO, SOB UM NOVO TÍTULO ELE IRÁ RESTAURAR O PODER CAÍDO DAS MÃOS DE LUÍS XVI."»

«Agora, *Messieurs*, vou parar», disse Cagliostro. «Não temo ter dito demasiado. Sendo cavalheiros, não podem ser traidores comigo. Pediram a prova da superioridade do conhecimento dado pelo "Rito Egípcio". Dei-vos as provas — a história mostrará a verdade das minhas palavras.»

«Mais um momento», gritou Jacques Cazotte, o célebre escritor. «Pode dar-nos o nome do corso que está predestinado ao Trono de França?»

«*Monsieur*», respondeu Cagliostro, «a resposta está contida nas palavras da sua própria pergunta. O homem da Ilha da Córsega SERÁ CHAMADO NAPOLEÃO BONAPARTE; ELE SERÁ ELEITO PELO POVO; ELE IRÁ CONQUISTAR NAÇÕES E DOMINAR TRONOS, MAS NO FIM, RUINADO, IRÁ TERMINAR COMO PRISIONEIRO NUMA ILHA SOLITÁRIA.»

Levaria demasiado espaço num livro deste género contar mais sobre as notáveis previsões de Cagliostro. Hoje elas são uma questão de história, e muitas delas podem ser encontradas na Biblioteca Nacional em Paris.

Não seria, contudo, correto se eu não relatasse talvez a última que ele fez, e uma que foi afiançada por ninguém menos que o Marquês de Launay,

o Governador da Bastilha onde Cagliostro, durante o caso de «O Colar da Rainha», tinha sido prisioneiro por mais de oito meses.

No dia da sua libertação, a atenção do Governador foi chamada pelos carcereiros para uma inscrição feita por Cagliostro com a ajuda de um prego de ferro na parede da sua cela.

A tradução da mesma é a seguinte:

«Paz! povo de França. NO DIA 14 DE JULHO DE 1789, esta Bastilha será DESTRUÍDA POR VÓS, E CRESCERÁ ERVA ONDE ELA AGORA SE ERGUE.»

Como a história regista, o povo sitiou esta famosa prisão; ela caiu após uma luta desesperada a 14 de julho de 1789. Erva cobre agora, como Cagliostro previu, o lugar onde ela outrora se erguia, como pode ser visto hoje pelos visitantes de Paris.

CAPÍTULO IV

CAGLIOSTRO PERANTE A INQUISIÇÃO:

OS SEUS ÚLTIMOS ANOS NA MASMORRA DE SAN LEO

A estrela de Cagliostro estava agora a cair; ele teve medo de tirar partido da revogação da ordem de banimento por parte de Luís XVI; recusou-se a regressar do seu exílio na Inglaterra.

As suas tentativas para estabelecer «O Rito Egípcio» em Londres não foram bem-sucedidas: os Maçons ingleses tinham-se virado contra ele.

Lorenza persuadiu-o a regressar a Itália.

Contra o seu melhor juízo e contra o aviso que lhe fora dado pelo Conde de Saint-Germain e por Casanova, ele cruzou o Continente e, depois de parar em várias cidades no seu caminho, chegou finalmente a Roma. À semelhança de tantos outros Videntes, que embora capazes de avisar os

outros do desastre, ele não foi aparentemente capaz de desviar a fatalidade dos dias de encerramento da sua própria carreira.

Talvez possa ter sido que o Destino se provou demasiado forte para ele; que a combinação dos números do seu nascimento e do seu nome — perfazendo o total de dezasseis — que ele tinha demonstrado no caso de Luís XVI pelo arcano cabalístico que produzia o símbolo de «uma Torre atingida por um raio da qual um homem parecia cair com uma coroa a tombar-lhe da cabeça» tinha de se cumprir no seu caso, tal como acontecera até com um Rei.

Pode ter sido provocado pelo orgulho — essa maior fraqueza de todos os grandes homens — que o tentou a desafiar o poder da Igreja de Roma. Pode também ter sido que, devido ao seu amor apaixonado pela ainda bela Lorenza, ele não conseguia recusar o seu mais pequeno pedido.

Quão pouco se pode saber sobre o funcionamento interno da mente de um tal homem.

Por qualquer razão que tenha sido, em maio de 1789 ele cometeu a imperdoável imprudência de chegar a Roma.

Depois de quase dezoito meses de errância pelo Continente e de tentar estabelecer várias Lojas do Rito Egípcio sem encontrar sucesso, ele tinha dissipado o dinheiro que lhe restava, de modo que, ao chegar a Roma, as circunstâncias obrigaram-no a aceitar uma oferta feita por uma Loja Maçónica chamada *«Les Vrais Amis»* (os Verdadeiros Amigos).

Num jantar desta loja, ele explicou a sabedoria superior da Maçonaria egípcia e oriental na esperança de obter conversos.

Este era um procedimento perigoso por causa dos éditos emitidos contra todas as reuniões de Maçons em Roma por Clemente XII e Bento XIV. O Papa reinante, Pio VI, era igualmente hostil a todas as sociedades secretas.

No fim do jantar, ele ficou de algum modo encorajado por dois membros da Loja de *«les Vrais Amis»* se oferecerem para se juntar ao seu Rito Egípcio.

Imprudentemente, mas empurrado pelas más condições financeiras em que se encontrava, ele iniciou os dois candidatos, fazendo-os passar pelos primeiros três graus numa só operação, e apressou-se a voltar para casa

para contar a Lorenza a boa nova, e pintar para ela um quadro brilhante do seu regresso ao poder e à riqueza.

«Lorenza, minha querida», disse ele, ao tomá-la nos seus braços, «as tuas pérolas e joias desaparecidas serão em breve restauradas; reinarás novamente como uma rainha acima de todas as outras mulheres.»

Mas Lorenza não se deixava alimentar por sonhos. Com aquela visão clarividente que tinha sido tantas vezes usada nos planos de Cagliostro, ela estremeceu de horror perante a fatalidade que se aproximava e que sentia desenhar-se tão perto.

Segurando o rosto dele nas suas mãos perto do seu, «Acharat», soluçou ela, usando o velho nome que tão bem conhecia nos seus dias mais felizes, «sinto no meu coração que esses novos conversos foram colocados como uma armadilha; eles são espiões, Acharat, espiões do Santo Ofício. Vejo neste preciso momento que estás a ser denunciado. Pelo amor de Deus, destrói todos os teus papéis, especialmente o manuscrito secreto do Rito Egípcio. Não há tempo a perder.»

Com um longo abraço, ele arrancou-se dos braços dela. Era o último beijo que ele alguma vez iria ter. Cambaleando até a uma secretária ao fundo da sala, escancarou-a. Demasiado tarde! Passos já se ouviam nas escadas, vozes murmurantes já estavam à porta.

Como um leão encurralado, Cagliostro, com Lorenza agarrada a ele, virou-se para enfrentar o perigo.

Quatro homens vestidos de preto com capuzes puxados sobre os rostos entraram, avançando com as varas brancas do Santo Ofício apontadas em direção à sua vítima; arrancaram a mulher em pranto dos seus braços e forçaram-no a ir para a porta.

Mais uma vez o «leão» fez finca-pé. Libertando-se por um momento dos seus captores, com as mãos estendidas implorou que lhe permitissem despedir-se da mulher que tinha amado por tanto tempo.

Com um escarnecer, uma voz dura respondeu: «Vós encontrar-vos-eis novamente perante a Inquisição.»

Eles nunca mais se encontraram. Nessa noite ela foi levada para o Convento de *Santa Apollonia*, ele para a fortaleza de *Saint-Ange*.[1]

O que se passou atrás das portas fechadas da Inquisição ninguém sabe. Diz-se que sob os horrores da tortura Cagliostro confessou ter nascido Giuseppe Balsamo. O seu julgamento arrastou-se por quinze meses.

A sua única e contínua súplica para lhe ser permitido ver Lorenza, mesmo por um breve momento, nunca foi concedida.

[1] Nota do Tradutor: O autor refere-se ao Castel Sant'Angelo (Castelo de Santo Ângelo), em Roma, utilizando a designação francesa.

Por fim, a sentença foi pronunciada a 21 de março de 1791, como se segue:

«Giuseppe Balsamo, chamado Conde Cagliostro, acusado e condenado por muitos crimes, e por ter desafiado as censuras e penalidades pronunciadas contra heréticos, dogmáticos, mestres e discípulos de magia e superstição, foi considerado culpado e condenado às penalidades decretadas pelas leis Apostólicas de Clemente XII e Bento XIV, contra aqueles que de qualquer forma apoiem ou formem reuniões e sociedades de Maçonaria.

«Não obstante, por graça e favor especial, a sentença de morte que este crime acarreta é, por este meio, comutada para prisão perpétua numa fortaleza onde o prisioneiro será estreitamente confinado sem esperança de perdão.

«Além disso, o manuscrito intitulado "Maçonaria Egípcia" é, por este meio, condenado como contendo ritos, doutrinas e um sistema supersticioso, herético e blasfemo. Ordena-se que este livro seja queimado pelo carrasco, juntamente com quaisquer outros documentos relativos a esta sociedade secreta.»

A 16 de abril de 1791, o prisioneiro, fortemente guardado por tropas, foi, após uma viagem de cinco dias através das montanhas escarpadas dos Apeninos, finalmente colocado nas masmorras do Castelo de San Leo, perto de Montefeltro. Este castelo ficava à beira de um precipício profundo; a sua cela, escavada na rocha viva, tinha apenas uma janela fortemente gradeada que olhava para cima, em direção ao céu. A única relação do prisioneiro com qualquer outro ser humano ocorria quando o seu carcereiro erguia as grades para lhe descer alguma comida, duas vezes por dia.

Com a ajuda de pedaços de madeira que por vezes arrancava do seu leito, ele traçava desenhos rudimentares nas paredes da sua cela; o último destes ostenta a data de 6 de março de 1795. Como ou quando ele morreu, não se sabe.

A história diz-nos que, quando as tropas francesas invadiram os Estados Pontifícios em 1797, o Castelo de San Leo foi assaltado e tomado por elas, e os soldados perguntaram se Cagliostro ainda estava vivo. É provável que o considerassem um dos autores da revolução; não tinham esquecido a sua notável previsão gravada nas paredes da sua cela na Bastilha muito antes da revolução. «Paz, povo de França. No dia 14 de julho de 1789, esta Bastilha será destruída por vós e crescerá erva onde ela agora se ergue.»

Eles também não tinham esquecido a sua famosa carta ao povo francês, escrita durante o seu exílio na Inglaterra.

É provável que estes soldados da nova República de França quisessem trazer Cagliostro de volta em triunfo.

Qualquer que fosse o plano deles, chegou demasiado tarde. Foram brevemente informados por oficiais da Inquisição de que o homem que procuravam tinha morrido na prisão; o seu suposto crânio foi-lhes entregue — os soldados encheram-no com vinho e beberam um brinde à Revolução.

Há muitas pessoas que acreditam que a história contada aos soldados franceses era falsa e que Cagliostro não morreu na prisão de San Leo; dizem que, após muitos anos de sofrimento, ele entrou em transe, fingiu a morte, e que o seu corpo foi transportado montanha abaixo e atirado ao Tibre. Este rumor relata que ele nadou para o outro lado e viveu durante muitos anos sob um nome assumido como um velho enfraquecido que praticava medicina entre os pobres em várias cidades do Continente.

Uma história chegou aos meus próprios ouvidos quando eu vivia em Roma, a qual pode ser igualmente verdadeira como qualquer uma das outras. Dou-a aqui pelo valor que tiver.

Ela corre no sentido de que, após três anos de confinamento solitário na sua masmorra, de coração partido por não receber quaisquer notícias de Lorenza, ele pôs em execução um plano ousado de fuga. Está registado que

um monge confessor tinha permissão para o visitar uma vez por mês para exortar o seu arrependimento e trazê-lo de volta para a Igreja de Roma.

Um dia, para espanto do monge, encontrou Cagliostro aparentemente abatido de espírito e pronto para pedir a absolvição. O monge, mal acreditando que tal coisa fosse possível, perguntou a Cagliostro: «Como podia ele estar seguro da sua mudança de coração?»

Cagliostro, com lágrimas a correrem-lhe dos olhos, ordenou ao monge que desatasse o cordão de corda da sua cintura e o açoitasse com ele até que o sangue brotasse.

O monge, um homem de constituição poderosa, estava mais do que disposto a agir como lhe fora dito e, para fazer melhor o seu trabalho, despiu o seu hábito de monge e atirou-o para o chão.

Ao primeiro golpe nas suas costas, Cagliostro virou-se como um leão que tivesse provado sangue; apanhando o confessor desprevenido, forçou-no a ir para o leito de madeira, torceu o cordão à volta da garganta dele e estrangulou-o até estar morto.

O resto foi fácil. Envolvendo-se no hábito do monge, cingindo a sua cintura com a corda e pendurando o crucifixo no seu peito, bateu pelo carcereiro — assim que a porta se abriu, ele saiu para a noite.

Sabendo que a sua amada Lorenza tinha sido enviada para o Convento de *Saint Apollonia* para toda a vida, ele dirigiu-se para lá ao amanhecer que se aproximava.

Tremendo, puxou a sineta do convento — o rosto de uma freira apareceu na grade de ferro.

«Santo padre», perguntou ela, «o que é que deseja a esta hora da manhã?»

«Tenho uma mensagem para Lorenza Feliciani e devo vê-la imediatamente.»

A grade de ferro fechou-se com um rangido enquanto a freira respondia: «Lorenza Feliciani está morta.»

Algumas horas mais tarde, o corpo de um monge sem vida foi encontrado caído à porta do convento.

CAPÍTULO V

DOUTOR DEE: O VIDENTE E

ASTRÓLOGO FAVORITO DA RAINHA ISABEL

A Vida do Doutor Dee, o Filósofo de Mortlake, um estudo dos mais fascinantes. A Rainha Isabel consultava-o em política de Estado e para aconselhamento nos seus numerosos casos amorosos. Ele viveu sob cinco Soberanos no seu país e foi respeitosamente consultado por Príncipes e Reis no Continente. Morreu na miséria à idade de oitenta anos. Com ele esteve associado o misterioso Edward Kelly, o seu adepto.

O DOUTOR JOHN DEE tem sido muito incompreendido e até caluniado pela posteridade. Durante meio século da sua carreira como Ocultista, Astrólogo e Quiromante, ele gozou do favor da Rainha Isabel. Quando a sua Rainha morreu, com a ascensão do Rei Jaime I ao trono, houve uma revisão de sentimentos contra a Astrologia e o Ocultismo. O Doutor Dee foi empurrado para o estrangeiro.

Da sua carreira posterior no Continente, um registo melancólico poderia ser compilado. Finalmente, em 1608, regressou à sua antiga casa em Mortlake, Surrey, para morrer. Faleceu praticamente em circunstâncias de privação de alimentos.

Que o Doutor Dee foi cruelmente incompreendido, não tenho dúvidas. Os seus dons transcendentes estavam além do seu tempo; os seus contactos com fenómenos psíquicos podem agora, talvez, ser melhor compreendidos. Sempre sonhador e bondoso, os assuntos mundanos da vida passavam-lhe ao lado. Pode dizer-se que toda a sua vida foi uma tragédia de pobreza honrada.

John Dee descendia de uma família galesa há muito enraizada no condado de Radnorshire. O seu pai, Rowland, exercia um cargo na Corte de Henrique VIII, pelo que pôde dar ao seu filho John uma boa educação. Depois de estar na Escola de Gramática de Chelmsford, foi enviado, à idade de quinze anos, para o *St. John's College*, em Cambridge, onde se tornou um estudante dedicado e bem-sucedido.

Mas, embora proficiente nas línguas mortas e na erudição geral, rapidamente se tornou aparente que a inclinação da mente de John Dee era para o estudo do Ocultismo e da Astrologia.

Em maio de 1547, fez a sua primeira viagem ao estrangeiro, conferenciando com os homens doutos das Universidades holandesas. Todos ficaram impressionados com a sapiência e o bom senso do jovem universitário. Entre os filósofos famosos com quem foi colocado em contacto, e que grandemente influenciaram a sua mente em expansão, estiveram Gerard Mercator, Gemma Frisius e o orientalista Antonius Gogava.

Um pouco mais tarde, ingressou como estudante na famosa Universidade de Lovaina. Aqui habitou dois anos e obteve uma reputação bastante avançada para a sua idade. Licenciou-se com um grau e, doravante, passaria a ser conhecido pelo título de Doutor Dee.

Em Bruxelas reunia-se a brilhante Corte de Carlos V. Aqui vinham matemáticos, médicos, alquimistas e outros homens sábios, todos ansiosos por pôr à prova este prodígio inglês. Entre os ingleses estava Sir William Pickering, que «humildemente se colocou como aluno sob os cuidados do Dr. Dee para estudar astronomia à luz dos globos de Mercator, do astrolábio e do anel de latão do astrónomo inventado por Frisius».

Tinha apenas vinte e três anos de idade quando chegou a uma Paris já alvoroçada para o ver fazer experiências e ouvir os seus discursos. Muito rapidamente, «para honra do seu país e glória das ciências», foi-lhe pedido que palestrasse sobre Ocultismo. A sua audiência consistia em estudiosos críticos e homens de refinamento e educação. Tão grande era a multidão que alguns subiam pelas janelas e davam-se por satisfeitos se pudessem ver o rosto do Dr. Dee, mesmo que não conseguissem apanhar as suas palavras. Destes discursos ele dava experiências práticas. A sua fama ficou firmemente estabelecida, mas, apesar da glória, da honra e das riquezas que lhe eram oferecidas de todos os lados, os seus pensamentos voltaram-se novamente para a sua terra natal.

No Trono da Inglaterra, nesta altura, sentava-se o rapaz Real, Eduardo VI, um prodígio de erudição e imbuído do fanatismo do ultra-protestantismo. Através dos bons ofícios de Sir John Cheke, o tutor do Rei, o Doutor Dee foi apresentado ao jovem monarca. Ele já tinha dedicado dois

manuscritos ao «Salomão Real» e, como recompensa, foi-lhe dada uma pensão anual de cem coroas. Este estipêndio, com o seu característico desrespeito pelos seus próprios interesses, o Dr. Dee trocou-o imediatamente pelo benefício reitoral de Upton-upon-Severn, em Worcestershire. Ele próprio não tinha ordens sacras, e considerou necessário colocar um ministro no benefício, o que consumiu a sua remuneração e mais ainda.

Dee era agora um mágico credenciado e adepto na arte preditiva. Aquando da morte do jovem Rei, foi chamado à Corte para calcular a natividade de Maria, a jovem Rainha. Foi nesta altura auspiciosa que ele abriu pela primeira vez correspondência com a irmã dela, a Princesa Isabel — um ato destinado a dar muitos frutos.

Mas a sombria perseguição religiosa aos protestantes, que agora subia ao seu zénite, lançou também a sua sombra sobre a carreira do Dr. Dee. Tão perturbados eram os tempos que todo o tipo de acusações eram feitas por informadores e, sob as acusações mais extravagantes, indivíduos eram recolhidos à prisão.

Um homem chamado George Ferrys alegou que um dos seus filhos tinha ficado cego e outro se tinha consumido até à morte pela «magia» de Dee. Além disso, o informador declarou que o mágico estava a dirigir os seus encantamentos contra a própria Rainha. A casa do Dr. Dee foi cercada por soldados, ele próprio foi preso e os seus quartos foram selados. Foi examinado perante o Secretário de Estado sobre dezoito artigos de acusação, mas foi unanimemente absolvido.

Tendo escapado a este perigo, um mais sinistro aguardava-o. Seguiu-se uma acusação de lidar com vários espíritos e de empregar feitiçaria. Foi acusado perante o temível Bispo Bonner; mas tal era a sua subtileza e habilidade em responder ao interrogatório que escapou da armadilha.

Foi então que Dee se dedicou de todo o coração à astrologia e às artes ocultas. No século dezasseis, a crença no poder controlador das estrelas sobre o Destino da Humanidade era universal. Como um dos principais matemáticos do seu tempo, o mágico estava facilmente na linha da frente dos homens que professavam um conhecimento do ocultismo. Abria-se para ele um caminho que parecia salpicado de glória humana e alta distinção.

Em 1558, a Rainha Maria morreu, e a sua irmã Isabel iniciou o seu longo e glorioso reinado. Ela lembrou-se com interesse e afeto do «meu bom e douto Dr. Dee», e ele foi rapidamente chamado para adivinhar um dia auspicioso para a Coroação da «Rainha Virgem». Ele selecionou o dia 14 de janeiro de 1559, e a cerimónia correu bem em todos os aspetos.

Era expressamente o desejo da Rainha que o Dr. Dee aparecesse continuamente na sua Corte. Desaparecida estava a melancolia do reinado anterior, quando as fogueiras de *Smithfield* serviam de constante lembrete da intolerância na religião. Os mais corajosos, mais sábios e mais belos reuniam-se em redor da nova Rainha, e amanheceu uma nova era de animada vida na Corte.

O Doutor foi apresentado à Corte em *Greenwich* pelo favorito da Rainha, o Conde de Dudley. Referindo-se à generosidade do falecido Rei para com o mágico, Isabel disse, enquanto o Dr. Dee se curvava perante ela: «Onde o meu irmão vos deu uma coroa, eu concederei um nobre» — a primeira de uma longa série de promessas vagas que estavam destinadas a amargurar a vida do famoso astrólogo da Corte.

A reversão da direção do *St. Catherine's Hospital* foi-lhe prometida, mas ele nunca a recebeu.

E agora ocorreu um evento que lançou toda a Corte num alvoroço e convulsionou a nação com excitação. Incidentalmente, fez com que o lustre da fama do Dr. Dee brilhasse ainda mais.

Um caminhante, numa manhã cedo, ao passar por *Lincoln's Inn Fields*, encontrou uma imagem de cera da Rainha com um grande alfinete espetado no peito. Naqueles dias, havia uma crença profunda na magia simpática, ou no poder de matar através de um encantamento pronunciado sobre uma efígie. O homem, a tremer, levou a imagem ao Conselho Privado, e a consternação prevaleceu.

Havia apenas um homem que podia lidar com a situação. O Doutor Dee! Ele deve ser convocado imediatamente, foi a opinião do Conselho, e foram enviados mensageiros instando-o a vir sem demora.

Ele examinou gravemente a efígie, escutou o relato das circunstâncias do seu achado e depois procurou a Rainha. Sua Majestade tinha partido a

toda a pressa da Torre para *Richmond*, «aguardando a vinda do bom Doutor Dee para que ele pudesse tranquilizar a sua mente».

O mágico encontrou a Rainha naquela parte do seu jardim privado que declinava em direção ao então prateado Tamisa. Dudley, agora Conde de Leicester, estava presente, magnificamente trajado e portando-se com estudada importância. Rodeado por uma comitiva de cortesãos, o Doutor Dee expôs a Sua Majestade que ela não precisava de ter qualquer temor; que ele tinha anulado o mal através de um amuleto proferido sob circunstâncias auspiciosas; e, para se certificar duplamente, tinha-lhe trazido um pequeno amuleto que lhe pedia que usasse. Sua Majestade consentiu graciosamente, e rapidamente se espalhou por todo o país que o bom Doutor tinha salvo a Rainha de um feitiço maligno de morte por definhamento.

Mas embora a Rainha fosse graciosa em promessas, novamente nada de tangível resultou disso. Foi-lhe prometido o rico Decanato de *Gloucester*; mas ele não o conseguiu, provavelmente porque a fação da Igreja começava a olhar de esguelha para a sua inteligência e contacto com forças estranhas. Foi mencionado como Reitor de *Eton*, e la Rainha respondeu à sua prece com «muito favor»; mas, mais uma vez, ele foi votado ao desapontamento. De novo, foi-lhe vagamente prometida a Direção de *Saint Cross* em *Winchester*, mas isto também se desvaneceu no nada.

Dee tinha agora fixado a sua residência numa casa velha e labiríntica em Mortlake, nas margens do Tamisa. Aqui viveu primeiro com a sua mãe, construindo para si no jardim um laboratório, provavelmente o único do seu género em Inglaterra naquela época. A esta morada vinham cortesãos favorecidos para o verem a escavar em busca do Grande Segredo (a transmutação de metal comum em ouro); belezas da Corte ansiosas por uma poção de amor ou um filtro de beleza; e vários viajantes instruídos para discursarem sobre os corpos celestes e a sua influência sobre os destinos da humanidade.

A casa de Dee desapareceu agora. Até 1860 foi utilizada como uma escola para raparigas. O *Dee's Walk* (Passeio de Dee) e o *Dee's Arbour* (Caramanchão de Dee) perpetuaram, contudo, a sua memória.

Que ele era altamente estimado pela Rainha foi evidenciado pelas muitas visitas que ela lhe fez em Mortlake. Ele adoeceu gravemente em 1571, e a Rainha enviou dois dos seus médicos para o verem. A Senhora Sidney foi também enviada para «confortar o enfermo com muitos ditos expressivos de Sua Majestade, juntamente com diversas iguarias da mesa Real».

Por esta altura, ocorreu uma ideia curiosa a Dee, sem dúvida com o objetivo de afastar a sua pobreza e conseguir dinheiro para as experiências ousadas que tinha em mente.

A 3 de outubro de 1574, enviou a Lord Burleigh uma carta «de quatro páginas e meia em fólio, tão justamente escrita que não haveria desculpa para a saltar». Neste documento, chamou a atenção para o facto de haver muito tesouro secreto escondido em várias partes do domínio da Rainha; pois naqueles dias em que os bancos eram desconhecidos, muitas pessoas enterravam o seu tesouro quando havia um alarme de guerra. Dee salientou que tal tesouro achado pertencia principalmente a Rainha. Pediu que lhe fosse permitido encontrar tesouros achados por meios mágicos, guardando metade para si e entregando metade a Sua Majestade.

Nada resultou do seu pedido, de momento, embora se saiba agora que, em privado, a Rainha disse a Burleigh para usar de mais diligência na busca de tesouros achados. Que estes deveriam ser enormes não se pode duvidar, pois muitos Mosteiros tinham enterrado ricos tesouros de ouro e prata, bem como outras pessoas que tinham sofrido na perseguição mariana.

Uma nova preocupação surgiu então sobre Dee. Decidiu casar-se, mas conhecendo as fraquezas da Rainha sobre este assunto, teve o cuidado de a informar das suas intenções e pediu a sua graciosa permissão. Em retorno, Sua Majestade deu «uma amável carta de crédito para o meu casamento», e a noiva foi trazida para a casa velha e labiríntica em Mortlake para iniciar uma experiência matrimonial muito breve.

A Rainha tinha preferência por passear a cavalo no *Richmond Park* com o seu cortesão favorito e com um grupo de damas. Por vezes, parava na casa do astrólogo. Numa tarde de março de 1576, ela chegou assim inesperadamente — um momento pouco auspicioso, já que a jovem Sra. Dee tinha falecido há apenas uma hora.

Sua Majestade afastou o triste acontecimento com alguma pressa e ordenou a Dee que trouxesse o seu famoso telescópio e explicasse as suas propriedades. Convocou Leicester para o seu lado e os dois, com muitas gargalhadas, examinaram o relógio da igreja e outros objetos distantes. Mas sobre a jovem esposa que jazia morta, nada, ao que parece, foi dito.

Naquele outubro, no mesmo ano, toda a Corte e o país ficaram muito perturbados e aterrorizados com o aparecimento de um grande cometa que flamejava todas as noites nos céus. Era este corpo ardente que Tycho Brahe, o astrónomo sueco, tinha previsto que coincidiria com o aparecimento, no Norte da Europa, de um Príncipe que devastaria toda a Alemanha e desapareceria de cena em 1632. Foi uma previsão extremamente exata, pois o Príncipe Gustavo Adolfo envolveu a Europa numa Guerra dos Trinta Anos e morreu em 1632.

A estrela flamejante parecia pairar ameaçadoramente sobre Londres. A Rainha estava irritada e apreensiva, e nada mais serviria senão convocar Dee. Ele veio para a Torre de barco a partir de Mortlake, e expôs a Sua Majestade e aos cortesãos diversas razões pelas quais não havia necessidade de alarme. A Rainha ficou pacificada, e o mago usou a oportunidade para instar o seu pedido por alguma marca concreta de favor Real. Pois, em verdade, o Dr. Dee estava muito à disposição da sua soberana Real, a qual, embora profusa em promessas, na realidade pouco tinha feito pelo seu «humilde servo».

Chegou novamente o momento em que os seus pensamentos se voltaram para o matrimónio. Casou-se com Jane Fromond, de *East Cheam*, Surrey; Jane tinha sido dama de companhia da Senhora Howard de Effingham, esposa daquele famoso Lorde Alto Almirante que comandou a Frota que enfrentou e dispersou a Armada «invencível». A Senhora Howard concedeu muito patrocínio a Dee após o casamento e tomou um caloroso interesse nos assuntos algo emaranhados do marido de «minha doce Jane».

Mas agora o Dr. Dee cresceu em importância, assumindo o prestígio de um superfísico. Pois por esta altura a Rainha caiu numa condição débil, sofrendo cruelmente de reumatismo e dores de dentes. Uma manhã, o Dr. Bayley, o conselheiro médico mais favorecido da Rainha, veio a correr para Mortlake com a notícia de que a Graça da Rainha desejava que o Dr. Dee a atendesse e lhe desse conselhos alquímicos. Ele apressou-se para o

Hampton Court e encontrou a Rainha num paroxismo de angústia, com Leicester e Walsingham parados impotentes ao lado. Dee trouxe-lhe alívio imediato, e a Rainha ordenou que ele partisse para o estrangeiro a fim de consultar vários médicos Continentais famosos sobre a sua condição. Ele viajou para Hamburgo, Berlim e Frankfurt sobre o Oder, regressando em cerca de vinte dias. Depois disto, a Rainha recuperou rapidamente.

Foi então que Isabel começou a consultar secretamente o seu mago favorecido sobre o delicado assunto do matrimónio.

O irmão do Rei de França, o Duque de Alençon, já tinha enviado um embaixador para pleitear a sua causa, e a 16 de agosto de 1580, este pleiteador avançado encontrava-se em Londres. Dee foi apressadamente chamado para uma consulta e pronunciou-se favoravelmente. Mas o pequeno Príncipe deformado e feio não fez progressos com la Rainha, e em breve uma nova distração ocupou o terreno.

A 17 de setembro, sem aviso, a Rainha veio a andar a cavalo desde *Richmond* na sua carruagem. Dee foi chamado à porta da carruagem, e Sua Majestade puxou a sua luva para que ele pudesse ler a sua mão. Ela desejou que ele recorresse mais frequentemente à Corte e proferiu muitas palavras graciosas. Nesta altura, a Rainha encontrava-se na plenitude da sua imponente beleza. O seu vestido brilhava com milhares de pequenas pérolas; os seus dedos e pulsos cintilavam com diamantes, enquanto o seu pescoço era circundado pela famosa gola Memory, tesa com renda de ouro e pedras preciosas. À luz do sol, o seu maravilhoso cabelo ruivo deve ter brilhado como fogo.

No meio da alegre multidão de cortesãos, o Dr. Dee não teria apresentado uma aparência insignificante. Era alto e elegante; a sua barba preta pontiaguda contrastava com a sua fisionomia pálida e pensativa e com os seus olhos brilhantes. Costumava usar um longo manto de veludo preto e trazia uma bengala de ébano.

Pouco depois disto, a mãe de Dee faleceu, e a Rainha veio instantaneamente a Mortlake, e «tomando-me pela mão condoeu-se comigo na minha grande aflição». Após a comitiva Real ter partido, apareceu um quarto de veado Real e, o que era sem dúvida mais aceitável, uma bolsa de ouro.

O astrólogo encontrava-se, neste período, no mais alto favor com a sua Rainha. Ela considerava-o o seu guia em todos os assuntos de mistério. Em perturbações de saúde, assuntos do coração, estranhas ocorrências nacionais e outros assuntos, ela convocava invariavelmente o «bom Doutor Dee» de Mortlake. Verdade seja dita, nenhuma ajuda muito prática tinha vindo do patrocínio Real, e o Doutor estava a afundar-se rapidamente em dívidas.

E então, sem aviso, ele ficou absorto numa nova busca, ao mesmo tempo que um novo discípulo entrava na sua vida. Doravante, Edward Kelley e a busca por espíritos provaram ser a grande absorção da vida do Doutor — uma busca destinada a trazer muitas aventuras estranhas e a terminar finalmente apenas com o túmulo.

CAPÍTULO VI

DOUTOR DEE E O SEU «ESPÍRITO FAMILIAR» — EDWARD KELLEY

Entra agora na vida do Doutor Dee um indivíduo misterioso destinado a ter um efeito profundo na sua carreira. Este homem, Edward Kelley, professava ter comunhão com espíritos desencarnados e, sob a sua influência, o Doutor Dee começou ele próprio a procurar o grande mistério — o rasgar do véu que esconde o além. Mas o fim da associação foi obscuro e insatisfatório.

Deprimido pelos muitos desapontamentos que teve nas promessas de assistência da Rainha Isabel, o Doutor Dee tornou-se inquieto e insatisfeito. Ansiava por alguma grande revelação — o que seria, talvez ele próprio mal o conseguisse explicar. A sua busca pela Pedra Filosofal continuava, e ele mantinha-se absorto em muitos assuntos científicos, nos quais se

encontrava muito à frente de todos os outros estudantes de ciência daquela época.

Foi durante este período de perplexidade que entrou na sua vida um homem destinado a ter um efeito tremendo na sua carreira.

Um Sr. Clarkson veio a Mortlake um dia, trazendo consigo um «querido amigo». Ele foi introduzido sob o nome de «Sr. Talbot», mas, como os acontecimentos provaram, esta não passava de uma designação assumida.

Não demorou muito até que o recém-encontrado amigo estivesse estreitamente unido em interesses comuns com o Mágico de Mortlake. Disse confidencialmente que tinha comunhão com espíritos desencarnados e que os podia convocar à vontade. Dee ficou muito impressionado com esta afirmação, pois ele próprio andava há algum tempo a namorar a ideia de usar um «médium» para conversar com os mortos. Assim, realizou-se em breve em Mortlake a primeira sessão de «olhar o espelho».

Os resultados pareceram ser maravilhosos. Foi dada a informação de que eles deveriam ter conjuntamente conhecimento dos anjos, do desígnio de Deus, desde que a sua mente e vontade se unissem como uma só. A seguir, Ariel, o Espírito da Luz, apareceu, enquanto mais tarde o Arcanjo Miguel veio e deu ao Doutor Dee um anel com um selo. Dee ficou radiante com esta manifestação e, seguindo as instruções de Ariel, uma «mesa de prática» foi feita. Esta curiosa peça de engenho e um globo de cristal estão todos preservados no Museu Britânico, tendo sido trazidos da biblioteca de Sir Thomas Cotton.

Pode-se imaginar a cena curiosa no aposento baixo e escuro em Mortlake que dava para o rio. Dee faz as perguntas, sentado à sua secretária e anotando as respostas; enquanto o «Sr. Talbot», lançado num transe ao olhar para «o espelho», descrevia os vários espíritos para Dee interrogar.

Estas comunhões diárias com os visitantes do «Além» prosseguiam com grande zelo e já eram murmuradas na vizinhança. Mas quem era este «Sr. Talbot» que agora começava a dominar inteiramente o Dr. Dee e a sua casa?

«Talbot» era um nome fingido que ele usava pelas melhores razões. O seu verdadeiro nome era Edward Kelley, mas naqueles tempos

problemáticos, se um homem pretendia ter qualquer negócio com o sobrenatural, era bom para ele ter um pseudónimo assumido.

Este Kelley era um homem da Cidade de Worcester que tinha iniciado a sua carreira como assistente de boticário. Mostrou habilidade nesta vocação e, com o dinheiro que tinha poupado, foi para Oxford. Mas deixou o grande Colégio de forma bastante apressada, e muito sob uma nuvem que nunca foi totalmente explicada.

Partiu para Lancaster e, juntando-se a dois personagens desesperados, foi preso e acusado de estar implicado numa conspiração para passar moeda falsa. Por esta ofensa, esteve no pelourinho.

Deixando Lancaster, chegou a Birmingham, então praticamente uma aldeia, e viu-se em breve envolvido num assunto particularmente desagradável. Foi acusado de desenterrar um cadáver do adro da igreja. A sua defesa, de que desejava ver se conseguia comunicar com os mortos, pareceu agravar o seu crime, e ele escapou por pouco de ser julgado também por feitiçaria.

Após uma sentença de prisão, vagou pelo País de Gales, onde ia de uma aldeia para outra dando conselhos e pareceres, e dizendo que conseguia comungar com os mortos. Enquanto viajava pelo País de Gales, fez a descoberta acidental de algum manuscrito alquímico e de dois frascos de um pó misterioso. Segundo ele, este pó era nada mais nada menos do que a substância há muito procurada que podia transformar metal comum em ouro, mas, sendo pobre e desconhecido, não conseguia que nenhum filósofo científico aceitasse e explorasse a sua descoberta.

Kelley tinha ouvido falar, escusado será dizer, do famoso Doutor Dee, o principal cientista e bruxo inglês, e o seu objetivo era sem dúvida cair nas boas graças do favorito da Rainha Isabel. Mas talvez, não estando seguro da sua receção se se apresentasse em Mortlake, tivesse usado primeiro o seu nome fingido e tivesse desviado a suspeita com o pretexto de que a comunhão com os mortos era a sua única preocupação.

Kelley tinha vinte e sete anos de idade quando se tornou um membro estabelecido da casa de Dee. No devido tempo, confessou o pequeno engano que tinha pregado ao seu patrono, mas isso foi logo perdoado. E então, gradualmente, revelou ao Doutor a história do manuscrito e dos frascos que continham os pós.

O Doutor ficou radiante. Sentiu que finalmente o Grande Segredo lhe seria revelado. Não tinham passado muitos dias após o seu estabelecimento, «com a aprovação de Ariel», antes de ele introduzir também a sua jovem esposa. Isto foi um golpe para a Sra. Dee, que estava irritada por ver a privacidade da casa assim perturbada; mas teve de se conformar com a ideia e, no devido tempo, reconciliou-se com ela. No entanto, com a intuição de uma mulher, ela detestava Edward Kelley e dizia ao marido que nenhum bem viria daquela ligação. E ela tinha razão, como os acontecimentos provaram mais tarde.

À medida que os dias passavam, a casa em Mortlake era povoada por formas de outro mundo convocadas por Edward Kelley, enquanto o Dr. Dee anotava gravemente tudo o que elas diziam. A grande esperança do mago era que a sabedoria perfeita lhe pudesse ser concedida; por vezes parecia prestes a ser cumprida, pois São Miguel apareceu e disse: «Queres ter a sabedoria perfeita?»

E ao responder humildemente pela afirmativa, Miguel salientou que o governo de todos os Reis e Príncipes estava na sua mão, que ele prevalecia no conselho, no ganho, no comércio e em todas as riquezas, concluindo: «Estas serão todas tuas se a tua fé não falhar.»

Agora, mais do que nunca, Dee quebrava a cabeça com os papéis que Edward Kelley tinha trazido consigo. Chegou à conclusão, finalmente, de que eles não ocultavam o Grande Segredo da transmutação, mas referiam-se a dez locais em Inglaterra onde vastos tesouros tinham sido ocultados na terra por monges durante a inquisição dirigida por Henrique VIII.

Mas, infelizmente, apareceu uma rutura entre Dee e Kelley. Este último era de temperamento quente e incontrolável; era também ganancioso. Estava insatisfeito com a recompensa pecuniária que entrava na casa, pois tinha sido tal a absorção de Dee com a convocação dos espíritos que ele tinha negligenciado a sua venda de poções de beleza e encantamentos de amor que eram o fundo de comércio de todos os antigos «Homens Sábios». Kelley declarou que Mortlake não passava de uma prisão; que tinha de se pôr a caminho e partir para o campo aberto, onde poderia ganhar muito ouro: estava a perder o seu tempo.

O Dr. Dee respondeu, temperadamente, que ele deveria esperar pelo tempo do próprio Deus. Quanto à posição pecuniária, não devia ele (o Dr.

Dee) trezentas libras e não sabia de onde viriam? Mas, «Embora eu perca tudo, Edward Kelley, e tenha de mendigar o meu pão envolto num cobertor, ainda assim não desistirei da minha busca atrás dos Mistérios.»

Foi nesta altura que o Dr. Dee teve uma notável visão clarividente, a qual registou no seu diário, a respeito da Rainha dos Escoceses. «Vi uma mulher bela ter a cabeça cortada por um homem alto»; e mais ainda, «Vi o mar coberto de muitos navios prontos para fazer guerra contra a Inglaterra». Em relação à primeira visão, fez uma previsão de que Maria, Rainha dos Escoceses, seria executada, e isto ocorreu dois anos mais tarde, ao passo que disse à Rainha Isabel para se precaver contra uma invasão naval vinda de Espanha.

O Dr. Dee mantinha uma casa algo dispendiosa e oferecia muitos entretenimentos para amigos e para os patronos que vinham de longe para o ver. Estava constantemente em dívida, e as promessas vagas do seu patrono Real não se tornavam mais substanciais à medida que os meses rolavam. Mas, subitamente, um raio brilhante de esperança dourou o seu caminho.

A sua disputa com Kelley tinha sido remendada. Uma noite os dois estavam sentados — um «ao espelho» e o outro anotando o que se passava — quando «um espíritozinho alegre, saltitando muito vivo pela sala, e estando vestido de vermelho e azul com um gorro como o de um bobo», trouxe notícias de grande alegria. Um grande Conde estaria prestes a ajudá-los nas suas investigações; o dinheiro seria tão abundante como os botões-de-ouro nos campos à beira do Tamisa; tudo o que era necessário era fé.

Três semanas mais tarde, a 18 de março de 1583, um Sr. North veio a Mortlake trazendo uma carta selada com muitos brasões enormes em vermelho. Era da parte do Alto e Poderoso Laski, Conde Palatino de Siradia, Polónia, que vinha a Londres para trazer presentes à Rainha Isabel. Tinha feito um estudo de magia e desejava consultar o sábio de Mortlake.

O Conde Palatino de Siradia era um candidato à coroa da Velha Polónia que tinha sido usada por alguns meses pelo Duque de Alençon, o pretendente de Isabel. Não havia na Europa um aventureiro mais ousado do que ele, ao mesmo tempo que a sua paixão dominante era a magia.

Durante a sua estadia em Londres, ele ficou alojado na *Winchester House*, em *Southwark*, e foi sumptuosamente entretido. O Dr. Dee foi apresentado ao Príncipe nos aposentos do Conde de Leicester, enquanto a

Corte se encontrava em *Greenwich*. Ao ver o Doutor, o Príncipe Laski curvou-se profundamente três vezes, dizendo: «Vós sois o único homem perante quem eu baixaria o meu brasão.»

Cinco dias mais tarde, o Príncipe veio a Mortlake com apenas três homens na sua comitiva, chegando à tarde. Ele era cortês e alegre, pedindo que pudesse ser convidado para uma ceia inglesa. Carnes frias e salsichas foram colocadas diante dele, as quais consumiu com muito gosto. Com ele encontravam-se Sir Philip Sidney e Lord Russell, com um destacamento de trompetistas da Rainha na barcaça Real.

Poucos dias depois, o Príncipe mandou avisar que ele e a sua comitiva viriam jantar no dia seguinte. Isto significava uma visita cerimonial, e o bom Doutor ficou muito perturbado, pois estas visitas eram um grande fardo para os seus parcos recursos. Enquanto ele ponderava tristemente como «o banquete haveria de ser digno da grandeza dele», veio um mensageiro da *Sion House* da parte da Rainha trazendo quarenta anjos de ouro (cerca de vinte libras), tendo a necessidade do mago sido explicada da forma mais ardente à Rainha pelo favorecido Leicester.

O Príncipe desejou que o Dr. Dee olhasse para «o espelho» para que pudesse conhecer a sua fortuna futura. O espírito guardião de Laski, que tinha aparecido através da mediunidade de Kelley, um anjo chamado Jubandalee, anunciou que tudo era propício para o Príncipe e que ele seria ajudado milagrosamente. Um aviso privado foi acrescentado de que o Príncipe deveria acautelar-se contra o astuto Ministro, Cecil, mas que «a Rainha ama Laski com todo o seu coração».

E agora a boa fortuna prometida pelos espíritos parecia propensa a materializar-se. Primeiro, la Rainha, acompanhada pela sua comitiva em muitas barcaças Reais, desceu do *Tower* para Mortlake. Desembarcando, chamou em voz alta pelo «meu querido e muito honesto Homem Sábio, Mestre Dee», e não descansou enquanto o mago não apareceu. Depois disto houve canto e música, com os cortesãos a rivalizarem entre si, enquanto Sua Majestade deu um curto trinado de amor numa flauta francesa.

No dia seguinte, Leicester fez uma visita com cartas da Rainha que expressavam aprovação pelo conselho do Doutor que este tinha dado a respeito do seu reumatismo, e enviando uma muito bem-vinda dádiva em dinheiro. Seguiu-se a isto o Príncipe Laski com uma sugestão avassaladora.

Nada o satisfaria, disse ele, senão que o Doutor e a sua casa regressassem com ele para o Continente. Talvez ele tivesse visões de o seu sábio amigo descobrir o Grande Segredo; pois disse que lhe construiria o mais fino laboratório que o dinheiro pudesse obter e todos os instrumentos que fossem necessários. Kelley haveria de ir também; pois o Príncipe tinha ficado muito impressionado com a facilidade com que este médium convocava vários espíritos ao seu comando.

O Doutor Dee desfez-se da sua casa em Mortlake, mas com o seu habitual desleixo pouco comercial não nomeou nenhum administrador para as rendas dos seus dois benefícios eclesiásticos, as quais, quando ele regressou seis anos mais tarde, estavam em dívida.

Às três horas da tarde de um belo sábado, 21 de setembro de 1583, ele encontrou-se com o Príncipe, e os dois tomaram a barcaça para Londres. De lá desceram o rio de escaler para *Greenwich*. Em *Gravesend* o resto da casa de Mortlake estava à espera, tendo partido mais cedo. Dois navios tinham sido fretados para este memorável êxodo.

Após uma viagem atribulada, desembarcaram em *Brill*, e viajaram seguidamente em barcaças pelos canais lentos da Holanda. Passando por *Tergowd* e *Haarlem* até *Amsterdam*, o grupo desembarcou «para esticar os membros doridos». Por via de *Enkhuizen*, navegaram pelo *Zuiderzee* até *Harlingen*. Lá tomaram os canais novamente, sendo transportados em pequenas embarcações para *Leeuwarden*, *Dokkum*, e seguiram para a Frísia Ocidental. Após uma curta demora, navegaram pelo Ems Ocidental para *Emden* e depois para *Bremen*, onde desembarcaram.

Após uma semana de descanso, o grupo viajou por *Osterholz* para *Harburg*, na margem esquerda do Elba. Finalmente, alcançaram *Lübeck*.

Não passara muito tempo desde que estavam neste lugar antes de Dee ter uma visão clarividente que lhe mostrava que a sua casa tinha sido arrombada por uma multidão, o mobiliário queimado e os seus instrumentos destruídos. Meses mais tarde, uma carta do seu cunhado confirmou esta terrível informação. O medo supersticioso tinha corrido desenfreado.

Após uma demora de algumas semanas, o grupo avançou novamente, alcançando eventualmente *Lask*, o próprio domínio do Príncipe. Ficaram alojados na casa do Reitor e rodeados de luxo.

Ai, depressa se tornou aparente que o Príncipe, por muito bem-intencionado que fosse o seu coração, não tinha dinheiro para gastar em mistérios. Estava profundamente endividado; as suas propriedades estavam hipotecadas; e gastou grandes somas de dinheiro na construção de um castelo que estava incompleto. Percebendo que nada podia ser feito de momento em *Lask*, o Doutor Dee determinou avançar para a antiga cidade de Cracóvia, a capital polaca, então no auge da sua fama e prosperidade.

Encontrou uma casa na *Saint Stephen's Street*, e assim que se soube que o grande Místico inglês estava na cidade ele teve muitos visitantes curiosos e pensativos. Em breve, também, o Príncipe Laski veio com muitas promessas lisonjeiras. Tinha de ir ter com o Imperador da Áustria, Rodolfo II, e desejava que Dee o acompanhasse.

Eventualmente, o grupo chegou a Praga, onde Dee e a sua comitiva ficaram alojados na casa do Doutor Hageck, na *Altstadt*. Nesta altura, Praga era o grande reduto de alquimistas e estudantes de ocultismo, e até o melancólico Imperador aliviava os cuidados do Estado debruçando-se sobre velhos pergaminhos e documentos que tratavam de alquimia.

No devido tempo, o Doutor Dee apresentou-se perante o Imperador, que desejou que ele contasse a história da sua vida, o que o Mágico fez com grande detalhe. Ele derivou então para um relato das suas visões, mas ficou alarmado ao ver o Imperador a cair num cansaço. Ao cessar de falar, o Imperador abriu os olhos e disse que o que tinha ouvido era maravilhoso e interessante, e que veria o Doutor novamente.

Através de um intermediário, Dee informou agora o Imperador cautelosamente sobre os seus poderes, desde que tivesse dinheiro, para fazer a Pedra Filosofal. Não houve resposta. Enviou então uma carta floreada oferecendo-se para mostrar ao Imperador o seu cristal mágico. Também não houve qualquer resposta a isto; e para piorar as coisas Edward Kelley tornou-se amotinado e declarou que a viagem Continental fora toda um erro e nunca deveria ter sido empreendida. O Dr. Dee foi severamente provado.

Chegou um ponto em que, com bastante tristeza no que dizia respeito ao Doutor, a parceria teve de ser quebrada.

Kelley tinha enchido os ouvidos do Imperador Rodolfo com histórias de que conseguia fazer ouro, e ficava frequentemente fechado de perto com

o Imperador num laboratório construído em Praga. Mas o Doutor Dee, mais simples e muito mais honesto, repudiou isto, embora ainda esperasse que o espírito Ariel lhe concedesse o conhecimento.

Kelley, agindo agora inteiramente por sua conta, tinha escrito para Lord Walsingham em Inglaterra, insinuando que o Grande Segredo tinha sido descoberto. Walsingham respondeu de forma bastante cautelosa pedindo uma amostra, mas Kelley era demasiado astuto para responder ao convite insistente de regressar a Inglaterra para mostrar a sua alegada habilidade. Enviou longas epístolas, mas nada do ouro que Walsingham ansiava.

Enquanto estas negociações decorriam, Kelley foi subitamente preso por ordens do Imperador, que tinha dado ouvidos a um boato de que o alquimista era um envenenador e tinha desígnios contra a sua vida. Finalmente, ao tentar escapar da prisão, caiu e sofreu ferimentos dos quais morreu. Assim terminou a carreira variada deste astuto charlatão que jogou com a sinceridade de Dee com um efeito consumado.

Após uma viagem tempestuosa, Dee e a sua família chegaram novamente a Inglaterra e, no Dia de Natal, ele dormiu pela primeira vez na sua própria casa. Esta encontrava-se numa condição ruinosa; a maior parte do mobiliário tinha sido destruída; e pior, os seus instrumentos tinham sido partidos. Felizmente encontrou amigos que o ajudaram.

Por fim, no seu desespero, o Místico preparou uma petição à Rainha expondo a sua condição miseravelmente empobrecida. Em resposta, dois comissários foram nomeados para o visitar em Mortlake a fim de relatarem os factos. No devido tempo ele recebeu ajuda de várias fontes, e isto mitigou até certo ponto a sua condição miserável.

Além disso, recebeu a nomeação de Diretor do *Manchester College*, e fixou lá a sua residência. Desempenhou os seus deveres com energia, e era universalmente amado. Ele conseguiu agora efetuar a classificação da sua maravilhosa biblioteca, provavelmente a melhor de Inglaterra, e rudemente avaliada em cerca de duas mil libras. Vinham pessoas de todas as partes de Inglaterra para pedir livros emprestados e, como ele lamenta, «muitos nunca mais os vi».

Para o Doutor Dee, profundamente versado como estava na ciência oculta, foi um golpe doloroso quando Isabel foi sucedida por Jaime I. Deste

Monarca ele não podia esperar nada senão censura, e assim as coisas aconteceram. O Rei conduziu uma campanha contra bruxas, bruxos e todos «os que traficam com o diabo», e uma lei estrita contra aqueles que praticavam astrologia, quiromancia ou bruxaria foi aprovada no Parlamento, a qual ainda se encontra em vigor.

Até ao fim, o «Sonhador» teve esperanças de algum golpe de fortuna dourado. No dia antes de morrer, disse que os «espíritos» lhe tinham dito que havia uma soma de dinheiro a chegar-lhe da parte do Imperador Rodolfo. No dia seguinte caiu na insensibilidade, sendo as suas últimas palavras: «Nas Tuas mãos...» provando conclusivamente que ele ainda mantinha a sua fé apaixonada na religião cristã.

Foi sepultado no adro da Velha Igreja de Mortlake, Surrey, com escasso dinheiro para lhe dar um funeral decente. Mas a sua reputação como estudante de profundos mistérios ocultos cresce mais brilhante a cada ano que passa, à medida que as nuvens do equívoco se afastam.

CAPÍTULO VII

ELIAS ASHMOLE,

O RECLUSO MÍSTICO DE OXFORD

Esta é a história empolgante de um famoso Ocultista cuja verdadeira história sempre foi obscurecida pelo mistério. Que ele era um adepto da arte oculta não pode haver dúvida. Há uma especulação adicional que há muito persiste nas lendas que se agrupam em redor de Elias Ashmole. Seria ele na realidade o Rei Carlos I salvo da provação do cadafalso?

Primeiro, o drama tal como a História o regista.

O dia 30 de janeiro de 1649 amanheceu cruelmente frio. Um vento baixo e queixoso trouxe um polvilhar de neve. Tão gélido tinha sido o tempo desde a época do Natal que o Tamisa estava congelado, e os cidadãos de Londres queixavam-se amargamente da carestia da lenha.

Enquanto o frio cortante parecia congelar toda a alegria, havia também, nos governantes da nação, uma severa frieza de propósito que se centrou naquela manhã de janeiro no velho *Whitehall*. Lá se erguia o antigo Palácio, elevando a sua fachada italiana sobre a rua larga e aberta. Imediatamente em frente tinha sido erguida uma plataforma coberta com pano preto. Em três dos lados do ominoso cadafalso encontrava-se um

destacamento de cavaleiros. Eram os *Ironsides* de Cromwell — silenciosos, imóveis, prontos a obedecer ao seu líder até a este último ato terrível, «a matança do Ungido do Senhor».

Atrás deles, estendendo-se até onde a vista podia alcançar, até à aldeia de *Charing* de um lado e às planícies de *Westminster* do outro, estava «o Povo». Pois estava prestes a começar uma cena como a Inglaterra nunca tinha testemunhado antes.

Dentro do próprio velho Palácio tudo era calor e bondade humana em estranho contraste com a cena austera do exterior. Os raios dourados de lâmpadas de feitura curiosa iluminavam os longos corredores e alumiavam os aposentos reais. Esplêndidos retratos de reis e príncipes adornavam as paredes; as pesadas cadeiras ostentavam coroas de ouro gravadas sobre o couro escarlate baço. Era o Palácio de um Rei. E num minúsculo aposento apressadamente preparado para uma última oração, Carlos I fortalecia-se para a morte.

Naquela manhã ele tinha caminhado do velho *St. James's Palace* para *Whitehall*, ordenando à guarda em tons agradáveis «que apertasse o passo, pois está friíssimo». No dia anterior ele tinha-se despedido dos seus filhos mais novos — Elizabeth, e Henry o jovem Duque de *Gloucester*. Tinha terminado com o mundo, os seus tumultos e contendas, e agora ia ganhar a sua duradoura simplório: «Pois nada se lhe adequou tanto neste mundo como a sua maneira de o deixar.»

Com ele encontrava-se o Bispo Juxon, grande, corpulento e volumoso devido às suas magníficas vestes Episcopais. Ao seu lado o Rei parecia insignificante, exceto pelo facto de Sua Majestade ostentar um ar régio de dignidade. O rosto parecia de cera, quase de outro mundo; ele tinha despido todos os adornos. Não comeria nada, pois estava absolvido e abençoado.

O tempo passava lentamente. Ainda os operários mexiam e se preocupavam com o cadafalso, enquanto Cromwell, «mais determinado do que nunca a cumprir o propósito total do meu Deus», murmurava e se irritava. Mais pesada caía a neve; os cavalos e os soldados estavam polvilhados de branco.

Batiam duas horas no relógio da torre do Palácio quando alguns oficiais Parlamentares vieram convidar o Rei Carlos para o cadafalso. Ele passou por um corredor e cruzou um nobre aposento no qual tinha

frequentemente banqueteado. A janela do meio tinha sido removida, e por este espaço o vento frio conduzia a neve. No exterior, o chão do cadafalso fora construído até ao nível da varanda.

Diz-se que, quando o Rei passou para o cadafalso decotado de preto, a disciplina de ferro dos guardas de Cromwell estremeceu por um momento. As armas chocaram inquietamente; um cavalo rinchou; enquanto um soldado caiu sem sentidos da sela. Mas rapidamente o silêncio instalou-se, quebrado apenas pelo murmúrio baixo das orações proferidas pelo Bispo Juxon.

Quando as orações terminaram, o Rei abriu os lábios. Cromwell quase deu o sinal secreto ao oficial no comando da guarda do cadafalso, o qual ele podia ver do seu ponto de vantagem escondido, para deixar os tambores rolar a fim de abafar a voz do mártir. Mas ele hesitou; nenhum sinal foi dado; e a voz do Rei foi debilmente ouvida:

«Desejei a Liberdade e a Franquia do Povo tanto como qualquer um. Mas um súbdito e um Soberano são coisas diferentes. Morro neste dia pela Igreja de Inglaterra.» Depois, voltando-se para o Bispo Juxon, disse de forma impressionante: «Lembra-te!»

O silêncio tornou-se mais pesado. Carlos despojou-se agora do seu casaco, colocou um pequeno barrete de seda sobre o seu cabelo grisalho e, ajoelhando-se, estendeu as mãos em direção ao bloco. Neste momento a figura sinistra do carrasco, até então escondida atrás da soldadesca, aproximou-se e dominou a cena.

A cabeça estava inclinada. O machado erguido. Caiu, e quando a cabeça real foi decepada um gemido universal irrompeu dos espectadores silenciosos que até àquele instante tinham parecido congelados pelo espetáculo de um monarca a morrer às mãos do seu povo. Não antes o ato tinha sido consumado do que o oficial da guarda deu meia-volta, ordens ressoaram como um toque de trombeta, e em breve as multidões dispersavam perante as montadas que caracolavam. O ato estava feito. Cromwell, limpando o rosto, sumariou o feito: «Erga-se Deus! Assim serão os Seus inimigos desfeitos.»

O crepúsculo caía rapidamente nessa noite sobre a antiga e Real Vila de Windsor quando uma pequena cavalgada entrou na cidade. Vinham de

manto e embuçados, em parte contra as rabanadas cortantes, mas também contra um escrutínio demasiado próximo. Pois a missão deles era perigosa.

Sobre uma maca de mão transportavam um corpo — era o cadáver do seu Rei. Na Capela de *St. George*, Windsor, no túmulo apressadamente aberto de Henrique VIII, deitaram o cadáver com nada mais do que uma oração murmurada pela alma de um fugitivo. Cromwell tinha falado: «Não haverá funeral, não haverá orações papistas para o homem. Que ele seja exatamente como Acabe foi, cujo cadáver os cães rejeitaram.»

Mas mal o drama do cadafalso de *Whitehall* fora encenado, o Rei assumiu o lugar de um mártir na estimativa do seu povo. Lenços que tinham sido mergulhados no seu sangue, sob os cascos espectantes das montadas dos soldados, eram declarados como operadores de milagres; a sua santa vida privada era recordada; o seu destino era comparado à Crucificação; as suas provações e sofrimentos aos do Salvador.

Poderá ser que as ternas emoções evocadas pelo espetáculo extraordinário da sua morte; a auréola de santidade que investia a sua vida como homem e como pai; e, acima de tudo, a misteriosa injunção de agonia que deu ao Bispo Juxon fossem responsáveis pela estranha lenda que iremos agora explorar.

As palavras de agonia são guardadas como tesouros. Muito mais a última admonição injuntiva de um Rei. A palavra passou de lábio em lábio à medida que a história de *Whitehall* era relatada entre o povo. «*Lembra-te!*» Os Cavaleiros chorosos bordavam-na nos seus coletes, e repetiam-na como uma resolução desesperada de nunca esquecerem o seu Rei.

Mas o que era para o Bispo Juxon «lembrar-se»? Seria alguma última injunção a algum ente querido? Ou uma lembrança de que o homem agonizante tinha cumprido fielmente uma promessa? Estas e uma centena de outras suposições passavam entre os aderentes do Rei e entre o povo comum que ainda acreditava que o Rei Carlos era um mártir.

Em 1644, cinco anos antes desta tragédia de *Whitehall*, o Parlamento reuniu-se em Oxford, ou pelo menos aquele corpo de cavalheiros Realistas que ainda se autodenominavam «Os Comuns de Inglaterra». O Capitão Sir George Wharton, um membro convicto do partido do Rei, trouxe um dia um cavalheiro à presença do Rei, tendo-o recomendado para uma comissão no Regimento de Guardas de Sua Majestade.

A comissão foi concedida. O novo oficial respondia pelo nome de Elias Ashmole, nessa altura com vinte e seis anos de idade.

Ele tinha sido sempre um jovem estudioso, e tinha sido admitido como solicitador em Londres. Na sua casa em *High Holborn* tinha vivido como um recluso; sussurrava-se livremente que era um estudante zeloso de astrologia e ocultismo.

O seu rosto pálido, feições aristocráticas finas e barba pontiaguda usada ao estilo Realista marcavam Ashmole como um profundo estudante e pensador. Mas aqueles que o viram quando ele se apresentou pela primeira vez à Corte em Oxford repararam na sua espantosa semelhança com o Rei.

O seu avanço na Corte foi rápido. Primeiro capitão de um regimento de cavalaria, tornou-se a seguir comissário de material de guerra. No ano seguinte foi iniciado como Maçom. Deve notar-se que ele foi o primeiro cavalheiro ou «amador» a ser admitido nas fileiras zelosamente guardadas dos Maçons, na Loja Real, e através disto adquiriu grande influência e poder.

In 1649, dois meses antes da execução de Carlos, casou-se com a sua segunda esposa, Lady Mainwaring, vinte anos mais velha do que ele. O dinheiro que este casamento trouxe permitiu-lhe dedicar a totalidade do seu tempo ao estudo da astrologia e do ocultismo. O seu interesse nestas ciências tinha sido grandemente estimulado pela sua amizade com Sir George Wharton, William Lilly e outros antiquários e estudantes de ocultismo que conheceu em Londres.

A 8 de maio de 1660, toda a Inglaterra estava delirante de alegria com a Restauração pela qual Carlos, o fugitivo, se tornou Carlos II. E agora que era possível sussurrar o nome de «rei» sem perigo de punição penal, rebentaram de fresco as misteriosas histórias e lendas que circulavam em redor da morte do Mártir.

«Ele não estava morto», declarava-se confiantemente. «Durante todos os anos desoladores da *Commonwealth*, ele esteve vivo. Quando o machado caiu no cadafalso de *Whitehall*, decepou a cabeça de um nobre substituto que tinha sido, de facto, fiel até à morte. O substituto», rezava a história, «era Elias Ashmole, cuja espantosa semelhança com o Rei tinha sido frequentemente comentada.» E, finalmente, instava-se que a última injunção de agonia do substituto, «*Lembra-te!*», era para lembrar Carlos e

os seus descendentes da sua promessa de sustentar a família do homem que tinha morrido no seu lugar.

Mas, se isto fosse verdade, onde estava o Rei que tinha sido assim preservado da destruição? Essa pergunta, dizia-se, podia ser totalmente respondida. Carlos era um recluso. Tinha renunciado ao trono em favor do seu filho; tinha percebido que não podia voltar a governar o seu povo; tudo o que pedia era um retiro tranquilo e a continuação daqueles estudos absorventes em que se sabe que o Rei Carlos se ocupava quando reinava em *Whitehall*.

Depois de «O Monarca Alegre», Carlos II, se sentar firmemente no seu trono, Oxford ficou em grande favor na corte. Mas ninguém naquela bela cidade parecia aquecer-se mais no favor Real do que Elias Ashmole, ou, como era sussurrado pelos poucos que afirmavam deter o Grande Segredo, Carlos I a viver como um recluso.

Num edifício antigo reservado para o seu uso, «o recluso» dedicava-se incessantemente ao estudo do ocultismo. Iniciou a coleção de tomos antigos, reunidos de todos os cantos do mundo, dedicados à astrologia e a outras ciências ocultas. Correspondia-se com místicos na Europa, e trocava com eles os frutos da sua sabedoria. Lançava horóscopos, desenhava mapas e revelava de forma impressionante a poderosa sabedoria que tinha reunido. Hoje, a Biblioteca Ashmolean de Oxford contém os raros volumes que ele colecionou.

Mas visível ele não era, exceto para uns poucos favorecidos que vinham a horas estabelecidas para ver «o recluso». E, no entanto, embora invisível, o favor da Corte continuava a ser derramado sobre ele. Foi nomeado sucessivamente arauto de Windsor, comissário, controlador, contabilista-geral de alfândega e comissário do *White Office*. Os salários destes cargos eram enormes, e maiores ainda as regalias. Finalmente, ao «recluso» foi oferecido o cobiçado cargo de *Garter-King-at-Arms*, o posto mais alto na cavalaria. Este ele recusou em favor do seu genro, Sir William Dugdale.

Em 1672 apareceu uma obra escolhida e rara intitulada: *«Laws and Ceremonies of the Order of the Garter»*. Esta obra continua a ser hoje o grande volume padrão sobre o ocultismo aplicado a esta mui nobre ordem de cavalaria. Explica em pormenores minutos o significado das várias

pedras que formam os colares e as insígnias; como estas não foram selecionadas ao acaso, mas foram desenhadas para exercer uma influência oculta sobre os felizes portadores.

Mas não precisamos de ficar surpreendidos se o conhecimento oculto brilhava como as gemas que ele descreve. Pois quem quer que fosse este misterioso recluso — súbdito humilde ou monarca arrancado do cadafalso —, o seu conhecimento era prodigioso. Na juventude antiga tinha viajado pelas regiões selvagens da Pérsia; tinha conhecido Ra Scoth, o Místico, cujos poderes misteriosos tinham empalidecido as faces de Imperadores e Príncipes. Não deve ser esquecido que Elias Ashmole publicou o primeiro tratado sobre as linhas da mão, sendo esta obra encontrada na Biblioteca Ashmolean hoje em dia.

Nem se pode ignorar o facto de que Ashmole se tinha ligado a pelo menos um irmão das artes que professava. Por muito que ele se negasse ao mundo — e está registado como o majestoso Duque de Ormond foi rejeitado da sua porta —, ele estava unido numa terna camaradagem com John Tradescant, outro estudante das artes ocultas.

Não podemos dizer muito sobre as pessoas famosas que visitaram Elias Ashmole, o Recluso, pela simples razão de que ele raramente se revelava, e as visitas que havia eram conduzidas sob circunstâncias de maior privacidade. Sir Robert Throckmorton,[1] que visitou «o recluso» em duas ocasiões, disse: «Visitei o grande alquimista e mago, cujo nome é conhecido mas que não é mencionado. Lá nas catacumbas vi as maravilhas de grande espanto, e fui informado do meu doloroso fim, o qual Deus proíba. Ámen.»

A partir disto, é perfeitamente claro que Elias Ashmole, ou «o recluso», como quer que lhe chamem, era em grande parte um homem de mistério. Recebia, como foi afirmado, esplêndidos prémios da Corte, mas nada fazia em troca; pois todos os seus cargos eram geridos por deputados. Conhecia toda a gente, e algumas individualidades muito altamente colocadas do Continente visitavam-no. A sua fama nos estudos ocultos espalhou-se por toda a Europa.

Quando, na devida época, John Tradescant morreu, descobriu-se que tinha legado ao seu amigo a sua maravilhosa coleção de antiguidades, provavelmente sem igual no país. Novamente influências misteriosas

pareciam estar a funcionar, e surgiu dinheiro para erguer um edifício para o alojamento da coleção. Esta coleção é conhecida hoje como o Museu Elias Ashmole,[²] pois à morte do «recluso» descobriu-se que ele a tinha legado em confiança à Universidade de Oxford.

O visitante deste Museu deve ficar impressionado ao entrar por ver dois retratos muito próximos. Um é o do Rei Carlos Primeiro; o outro o de Elias Ashmole, fundador do Museu. A semelhança é misteriosa. Um exame atento dos lineamentos, disposição do cabelo e da barba, etc., não revela divergência. Aqueles que acreditam na teoria Ashmoleana — de que «o recluso» era na verdade o Rei Carlos Primeiro — apontam para estes retratos e para o facto extraordinário de Ashmole ostentar um brasão de armas real.

Em 1692, «o recluso» encontrava-se no seu leito de morte. Antes disto (pois tinha previsto o dia, a hora e o minuto do seu falecimento) tinha enviado uma convocatória a alguns dos mais celebrados ocultistas da época. Alguns não puderam vir por enfermidade; outros, tomando o cajado na mão, puseram-se a caminho sobre montanhas e vales, continentes e oceanos, até alcançarem a cabeceira do místico que expirava.

Este «Parlamento de Homens Sábios», como era chamado, um verdadeiro congresso dos adeptos do ocultismo, esteve em sessão durante dois dias. O que se passou em redor da cabeceira do vidente moribundo não sabemos; um registo foi feito, mas Elihu Talmutz, um mago judeu (e adepto em cifras Cabalísticas) destruiu-o em Praga por «conter segredos demasiado perigosos para um homem mortal saber».

Na sua casa preta e assombrada na antiga cidade de Praga, este homem acendeu um lume e com as suas próprias mãos deixou cair o pergaminho do registo nas chamas que brilhavam no braseiro. À medida que as chamas disparavam para cima, banhando a sala na sua luz vermelha, ele proferiu a bênção fúnebre sobre Elias Ashmole: «Ó Enigma, Reverenciado e Amado! Que o teu espírito faça companhia aos Grandes Deuses! Leva o teu segredo contigo para o Além! Adeus, até que o meu espírito se encontre com o teu!» Poucas semanas mais tarde, Elihu Talmutz foi preso por feitiçaria e queimado na fogueira.

CAPÍTULO VIII

PIERRE LE CLERC, MONGE BENEDITINO

E AS SUAS PREVISÕES SOBRE O DESTINO DE NAPOLEÃO

No meio da Revolução Francesa, no ano de 1790, apareceu em Paris uma figura estranha e misteriosa. O seu nome era Pierre le Clerc, de profissão monge beneditino. Mas a sua grande paixão era o estudo das artes ocultas. As suas muitas previsões maravilhosas, especialmente aquelas que diziam respeito ao grande Napoleão Bonaparte, cumpriram-se com exatidão.

«O CADAFALSO EM QUE VOTOU PELO SEU REI, AGUARDA-O TAMBÉM A SI!»

Estas palavras ominosas, pronunciadas em acentos nos quais a convicção lutava com a piedade, foram proferidas por uma das figuras mais interessantes e misteriosas que viviam em Paris durante a Revolução Francesa.

Pierre le Clerc, que assim corajosamente pronunciava a sentença de morte sobre o cliente que tinha vindo para ter a cortina levantada do seu Destino final, estava simplesmente trajado com a túnica-batina de um beneditino. E quer estivesse em casa, no seu aposento simples no último andar de uma casa antiga na *Rue Puits de l'Ermite,* saindo do majestoso *Faubourg Saint-Marceau,* quer caminhasse com o rosto abstraído pelas ruas movimentadas, ele ainda se vestia com a túnica preta que legalmente, naqueles dias, significava a morte.

Por esta altura, a Revolução em França tinha suprimido toda a religião, e «a razão estava entronizada». Para um padre ser visto nas ruas, e duplamente se fosse suficientemente audaz para usar «o traje da superstição», significava o surgimento de uma multidão uivante pronta para

conduzir o infrator ao Comité de Salvação Pública. E a penalidade seria certamente «A Viúva Vermelha» — por outras palavras, a guilhotina que diariamente reclamava as suas vítimas.

Contudo, Pierre le Clerc parecia ter uma vida protegida por encanto. Ele próprio, profundamente versado no ocultismo e capaz de calcular o seu próprio destino, assegurava àqueles que o avisavam do perigo que nada tinha a temer. «Viverei o suficiente para servir sob um Imperador aqui em Paris», dizia ele, e quando os seus ouvintes ficavam boquiabertos de incredulidade, acrescentava: «Sim, e ver esse Imperador por um tempo dominar a Europa.»

Certamente em 1793 essa parecia uma previsão ousada. Pois a 21 de janeiro desse ano Luís XVI tinha morrido no cadafalso; a Revolução parecia firmemente plantada, e a cidadania era declarada como sendo a religião do povo.

Mas Pierre le Clerc possuía uma reputação que desafiava os decretos pelos quais os outros estavam vinculados. A sua reputação em Paris, nos dias em que a Monarquia vacilava em direção ao seu encerramento desastroso, já o tinha rodeado de uma réola de mistério. Enquanto a magnífica corte de Luís XVI e a sedutora Maria Antonieta valsavam alegremente para o abismo, cartomantes, leitores de cristais e «homens sábios» gozavam de uma popularidade maravilhosa. Era uma época em que Cagliostro tinha dominado a Cidade Alegre com os seus aposentos luminosos, uma «médium» gloriosa como um lírio, e uma voz suave que falava de amor, de vida, de fortuna e da morte iminente.

Mas de todos aqueles que se aventuravam a desvelar o destino, não havia nenhum como Pierre le Clerc. Por uma razão, ele não cortejava o luxo nem se rodeava do cenário exótico de Cagliostro, de Phillipi o Místico Grego, ou de Yougi o Faquir Indiano. Ele era primeiro e acima de tudo um monge beneditino. Mas cedo na sua vida tinha descoberto o seu dom avassalador de clarividência e tinha descoberto, também, que a sua mente estava fascinada com o ocultismo e com o estudo dos planetas celestes.

Felizmente para Pierre, o seu superior, o Abade da Abadia de Tours, tinha-se apercebido do dom invulgar que tinha sido concedido a este irmão. Por isso, tinha-lhe ordenado que partisse para o mundo, encarregando-o de consagrar o seu dom. «Não o uses para lucro», disse ele, «salvo conforme

precises de dinheiro para existir, mas acautela-te em como espreitas o futuro.» Com estas palavras a ecoar-lhe nos ouvidos, Pierre le Clerc tinha viajado por toda a França, um santo místico, consciente do seu dom, e usando-o, tanto quanto possível, para o alívio dos perturbados e o conforto dos aflitos.

«O cadafalso em que votou pelo seu Rei, aguarda-o também a si!»

Estas palavras dadoras de morte caíram com uma sensação avassaladora sobre os ouvidos de um visitante distinto que, embora se conformasse com o traje simples de «um cidadão» e usasse o laço tricolor no seu chapéu de três bicos, não conseguia disfarçar bem a sua educação aristocrática.

O olho perspicaz do ocultista tinha perfurado de imediato o disfarce do seu visitante.

«Um humilde cidadão», pleiteou o desconhecido, «pede a opinião do grande Pierre le Clerc sobre o Futuro. Passarão estes dias terríveis do Terror? Voltará a Monarquia a regressar?»

Depois, para espanto secreto dele, o ocultista, após consultar o alfabeto místico no qual era um adepto, respondeu:

«Philippe, Duque de Orléans, chefe da Casa Real de Orléans, do Terror sairá uma nova Ordem. Mas nisso não tereis parte nem porção.» E a isto acrescentou aquela solene condenação, destinada a ser absolutamente cumprida antes que muitos meses tivessem passado.

O seu visitante, o Duque de Orléans, tinha pelo momento comprado o direito de viver através do sacrifício de convicções. Era execrado pelo partido nobre e aristocrático disperso porque tinha votado a favor da execução de Luís XVI. Como isso tinha acontecido poucos percebiam, mas agora Pierre le Clerc, desvelando o passado pelo seu misterioso conhecimento clarividente, disse confortadoramente:

«Sei como fostes tentado. Danton, o Terrível, entrou nos vossos aposentos no *Palais-Royal* e com olhos flamejantes gritou: “Quereis viver ou morrer?”»

Era verdade, e o Duque admitiu-o. Pois para tentar salvar o resto da sua família, ele — o orgulhoso aristocrata — tinha consentido em servir a

República como Deputado na Convenção Nacional e tinha manchado as suas mãos brancas com o sangue de Luís XVI.

[1] Nota do Tradutor: O texto original apresenta a grafia "Throngmorton". Trata-se da família tradicional inglesa Throckmorton.

[2] Nota do Tradutor: O autor refere-se ao célebre Ashmolean Museum em Oxford.

Atormentado por muitas especulações, o Duque tinha vindo a subir as escadas íngremes até ao humilde aposento de Pierre le Clerc para saber o que o Destino lhe reservava.

O ocultista tinha determinado esta frase fatídica escrevendo os nomes e os títulos do seu distinto visitante. As palavras que se desenvolveram a partir do alfabeto místico formaram a sentença de morte que ele fora compelido a pronunciar.

Subitamente, uma ideia, nascida da piedade, passou pela mente do monge.

«*Monseigneur*», gritou ele, «já que Deus permitiu que nos encontrássemos e que ouvísseis o vosso destino, Ele poderá também permitir que tireis proveito do aviso. Por que não tentais escapar de França antes que seja demasiado tarde!»

«Não», veio a resposta fatalista. «Aguardarei o que está reservado para mim. Os homens podem tirar-me a vida, mas só Deus julgará a minha alma.»

Eles separaram-se. Poucas semanas mais tarde, por uma Ordem do Comité de Salvação Pública, o Duque foi preso. A 6 de novembro daquele mesmo ano em que o seu Rei tinha perecido, ele subiu ao cadafalso e, por entre os apupos da multidão, a sua cabeça rolou para o cesto.

No julho daquele mesmo ano fatal, quando sangue era diariamente derramado, chegou a Paris uma simples rapariga do campo. Simples, embora a sua alma estivesse inflamada por uma determinação que a tornava irresistível.

Ela, também, tinha ouvido falar muito de Pierre le Clerc, e determinou procurar o seu conselho. A 13 de julho, subiu as escadas íngremes e

apresentou-se timidamente perante este monge misterioso de quem tinha ouvido tantas histórias maravilhosas sobre os seus poderes preditivos.

«Reverendo Padre», interrogou-o ela em voz baixa, «quero que me digais se uma jovem do meu conhecimento, que vai hoje encontrar-se com um membro muito poderoso da Convenção Nacional, será bem-sucedida na sua entrevista com ele!»

Ele olhou para ela com os seus olhos perspicazes que pareciam capazes de perfurar a alma.

«Escrevei a data e o que desejais perguntar», disse ele, «uma palavra em cada cartão, misturai-os todos e entregai-mos quando tiverdes terminado.»

A rapariga escreveu: «Data: O 13 de julho de 1793. Charlotte Corday d'Armont deseja matar em Paris com um punhal Jean Paul Marat, Deputado da Convenção Nacional da República Francesa.» Tendo feito isto, misturou os cartões e entregou-os ao monge.

Sem prestar qualquer atenção à rapariga, Pierre le Clerc estendeu os cartões em dois círculos, um dentro do outro. A resposta formada pelo Alfabeto Místico a partir das letras rezava como se segue:

«Um punhal espetado no seu peito matará Marat no seu banho. O cadafalso convencional será o pedestal sobre o qual um mártir será coroado.»

Charlotte olhou apressadamente para a resposta e precipitou-se para fora da sala. Nessa mesma noite, chegou ao alojamento de Marat, que se encontrava, como habitualmente, sentado num banho quente para obter alívio da doença de pele de que sofria.

Ela foi rejeitada, mas ouvindo as suas exigências importunas de admissão, Marat ordenou que ela fosse admitida.

Charlotte fingiu algumas acusações contra os deputados de Caen.

«Eles serão todos guilhotinados», gritou ele, e, ao proferir estas palavras, ela esfaqueou-o no pescoço com a faca que tinha arrancado do seu seio.

Assim terminaram os dias do «Amigo do Povo». Foi-lhe dado um sepultamento cerimonial no Panteão, mas mais tarde os seus restos mortais foram lançados fora pelo decreto de 1795.

In 1795, a Convenção desvaneceu-se no caos e o Diretório apareceu. E, como que ainda desconhecido, ou meramente considerado como um pálido e emaciado soldado de fortuna, vivia num estado de semiprivação de alimentos em Paris um homem sobre quem o Destino tinha lançado um olhar favorável.

Por ciúme da parte dos seus superiores, que já estavam impressionados com a sua avidez pelo detalhe oficial das operações militares, o jovem encontrava-se sem emprego. Ele, também, tinha ouvido muitas histórias maravilhosas de Pierre le Clerc e, finalmente, determinou visitá-lo para saber o que o futuro lhe reservava.

Subindo as escadas, descobriu o monge sentado a uma mesa, absorto nalguns cálculos astrológicos.

Sendo a matemática um ponto forte no jovem, sentou-se silenciosamente ao lado do monge e observou-o a desenvolver os seus números.

Finalmente, o visitante anotou a sua data de nascimento e empurrou-a sob os olhos de Pierre le Clerc.

O monge olhou para o papel e depois solicitou ao seu visitante que escrevesse o seu nome.

Esta informação foi recusada, e o visitante levantou-se como que para sair.

«Tendes opinião errada ao serdes tão impaciente», disse o velho homem. «Leva tempo a desenvolver um horóscopo, mas se me derdes o vosso nome e qualquer pergunta que gostásseis de fazer, poderei talvez dar-vos uma resposta de imediato. O facto de terdes nascido na data que escrevestes no papel e na Córsega traz-me à mente uma previsão feita por Cagliostro há dez anos, antes de se pensar em qualquer Revolução. Ele disse que seria um corso a pôr-lhe um fim. Julgando pela vossa data de nascimento, penso que sois o homem que Cagliostro indicou.»

Contudo, Bonaparte — pois este era o seu nome — não estava de humor para escutar as palavras de alguém que ele acreditava ser um louco, pelo que, atirando uma moeda de prata para a mesa, partiu.

Quatro anos mais tarde, a 8 de novembro de 1799, ele encontrou-se novamente em Paris. Tinha regressado da sua grande campanha egípcia e tinha-se coberto de glória. Mas tinha muitos inimigos amargos na capital e os tempos eram incertos e ameaçadores.

Nesta noite particular, fechou-se no seu gabinete na *Rue Chantereine*, mais tarde renomeada em sua honra *Rue de la Victoire*, e caminhava de um lado para o outro mergulhado em meditação.

As ruas estavam cheias de soldados a manifestarem-se contra o Governo. Tudo parecia confusão.

Subitamente, pela mente de Bonaparte, ecoaram as palavras proferidas por Pierre le Clerc:

«Um corso irá pôr fim à Revolução. Julgando pela data do vosso nascimento, vós sois O Homem.»

Silenciosamente, deixou a sua casa e dirigiu-se à habitação do Monge. Ao abrir a porta, encontrou-o novamente sentado à mesa, ocupado em cálculos que pareciam nunca ter fim.

O Monge, cuja visão estava a falhar, não reconheceu o seu visitante. Mas, como era habitual com os visitantes, disse: «Escrevei o vosso nome com a pergunta que desejais fazer, cada palavra num pedaço de papel separado. Misturai-os, entregai-mos e eu dar-vos-ei uma resposta.»

O desconhecido escreveu:

«O que acontecerá ao corso, General Napoleão Bonaparte, se ele arriscar um golpe de Estado em Paris amanhã?»

Formando palavras a partir do «alfabeto místico», Pierre le Clerc leu lentamente em voz alta:

«EM 1804 ELE ESTARÁ SENTADO NUM TRONO RODEADO POR ESTANDARTES MILITARES. EM 1815 ELE SERÁ DERRUBADO PELOS CANHÕES DE SOLDADOS INGLESES.»

«Ainda restam», continuou o Monge, «algumas letras de sobra. A sua interpretação é: "Ele elevar-se-á duas vezes como Príncipe SOBRE O Povo, mas a sua fatalidade VIRÁ DO POVO."»

Napoleão voltou para a noite e procurou o seu gabinete. No dia seguinte, fez-se Ditador Militar. Em 1804, coroou-se Imperador dos Franceses, ao passo que em 1815 era um prisioneiro nas mãos dos ingleses. Os seus números fádicos tinham predito a sua Hora de Destino.

Está registado que um dos primeiros atos que Napoleão fez ao tornar-se Imperador foi mandar procurar o idoso Abade e dar-lhe uma casa para viver, no Parque Real de Versalhes, e uma pensão pelo resto dos seus dias.

A última cena da vida do Abade é trágica e tocante. Enquanto desenvolvia um horóscopo para Napoleão em 1814, previu a sua queda no mês de junho do ano seguinte.

Apesar dos seus anos, pôs-se imediatamente a caminho para tentar avisar o mestre a quem tanto devia nos seus últimos dias. A pé, seguiu o exército de Napoleão através das várias campanhas de 1814, esperando contra toda a esperança que lhe seria permitido dar-lhe o seu último aviso.

Alcançou o seu Imperador na noite antes de Waterloo, 14 de junho,[1] mas foi impedido pela guarda pessoal de Napoleão de se aproximar, e expulso do acampamento como um louco.

Alguns dias após a fuga de Napoleão para Paris, o cadáver do idoso Abade foi encontrado numa vala perto do campo de batalha, com a sua mão ainda a agarrar na morte o último horóscopo que tinha feito para o seu mestre e benfeitor.

CAPÍTULO IX

VAN GALGEBROK, O MÍSTICO HOLANDÊS,

E A SUA VIDA EM LONDRES

A história dos adeptos ocultos não contém talvez figura mais interessante do que Van Galgebrok, conhecido como o Místico Holandês. Ele estabeleceu-se em Londres durante o reinado de Guilherme Terceiro, e sucessivamente ao longo dos reinados da Rainha Ana e de Jorge Primeiro,

e gozou de alto favor com as pessoas da Corte e da Sociedade. Muitas das suas notáveis profecias cumpriram-se com exatidão.

GUILHERME III, o Rei holandês, que veio para o Trono Inglês conjuntamente com a sua consorte, Maria, filha de Jaime II, o monarca deposto, era de uma disposição fria e amuada. Mas, sob o seu comportamento gélido que tantas vezes arrefecia os seus súbditos britânicos, ele acalentava uma curiosa afeição pelo ocultismo. Se assim não fosse, seria improvável que Londres tivesse testemunhado o advento, em 1690, de um astrólogo e místico chamado Van Galgebrok, que já tinha ganho muita fama na Holanda.

Durante a sua estadia em Amesterdão, onde todas as pessoas da sociedade concorriam a ele para conselhos sobre amor, saúde e o futuro, este astrólogo holandês tinha lançado uma quantidade de previsões maravilhosas, muitas das quais se tinham cumprido assinalavelmente.

Ele era um médico de nenhum mérito insignificante, e quando o Príncipe de Orange, mais tarde Rei da Inglaterra, estava às portas da morte com a asma que o tinha atormentado desde a infância, foi restaurado pelo Místico a um melhor estado de saúde do que aquele de que alguma vez tinha desfrutado antes. Ao conseguir isto, Van Galgebrok ganhou a mais profunda gratidão da parte do Príncipe. Foi nesta altura que o astrólogo desenhou um mapa das influências astrológicas a funcionarem sobre a vida do seu ilustre patrono.

Entre outros pontos de informação, ele disse que «o Príncipe usaria a coroa de um Monarca numa terra estrangeira». Na altura, a profecia parecia ter a menor probabilidade de cumprimento; mas o Príncipe acalentava ambições notáveis pouco suspeitadas pelos holandeses. Ele anotou cuidadosamente a previsão que Van Galgebrok tinha produzido ao estudar a data de nascimento do Príncipe, 4 de novembro de 1640 — um tempo de luto e depressão, pois apenas oito dias antes o seu sábio e amado pai tinha descido ao túmulo, deixando os assuntos da Holanda em dolorosa confusão.

Chegou o dia em que o Príncipe foi solicitado por certos nobres britânicos a vir de Haia para a Inglaterra a fim de tomar a coroa ao seu sogro, Jaime II. Mais uma vez o Príncipe consultou Van Galgebrok. A entrevista teve lugar numa estranha casa antiga em Haia, onde o astrólogo

vivia. Guilherme de Orange veio ter com ele disfarçado, perguntando se um determinado dia seria propício para uma grande aventura; Van Galgebrok, penetrando no disfarce do visitante, disse:

«Amanhã é o vosso aniversário, nobre Príncipe. É um dia auspicioso. Navegai nesse momento e usareis uma coroa.»

Portanto, no seu dia natalício, 4 de novembro, Guilherme partiu com os seus aderentes, estando determinado «a restaurar as liberdades infringidas da Inglaterra».

Tão altamente pensava ele do astrólogo holandês que lhe implorou que viesse com ele e prometeu-lhe a sua proteção e patrocínio se ele se estabelecesse em Londres. Van Galgebrok concordou, e este notável ocultista, cuja fama estava espalhada por todos os países civilizados, navegou no *Lion*, que era o navio-almirante da pequena armada que rumou para a costa inglesa.

No dia seguinte, 5 de novembro, os navios entraram no Porto de Torbay e desembarcaram. Como é bem sabido, Jaime II fugiu apressadamente quando ouviu que o seu brilhante e jovem genro tinha aterrado, e o progresso de Guilherme através do Oeste da Inglaterra até à capital foi um triunfo. A 13 de fevereiro de 1689,[²] Guilherme e Maria, a sua consorte, foram conjuntamente proclamados Rei e Queen, a primeira vez na história que dois Soberanos reinaram conjuntamente.

Van Galgebrok foi bem recebido em Londres. Tomou uma bela e antiga mansão na *Tyburn Road*, agora conhecida como *Oxford Street*.

Uma das primeiras ações de Guilherme III, como era agora designado, foi mandar chamar Van Galgebrok para vir a Kensington. Aqui o Monarca recomendou o ocultista a Maria, a sua gentil consorte.

O régio marido estava extremamente ansioso por saber se a nova dinastia deitaria raízes firmes no solo inglês; pois embora Jaime II se tivesse tornado impopular pelas suas ações beatas, ainda assim a maioria do clero católico romano e dos nobres olhava para ele com favor e mantinha correspondência com ele na sua corte mimética em *St. Germains*, França.

Através do seu estudo do horóscopo do Rei, Van Galgebrok foi capaz de escrever num papel uma afirmação no sentido de que os dias do Rei seriam coroados com muita glória e honra. Previu uma dor despedaçadora,

através da perda da sua consorte, a amável Maria. E embora Guilherme não fosse insensível aos encantos de outras damas, foi verdade que a morte de Maria de varíola no *Kensington Palace*, a 28 de dezembro de 1694, lhe causou o mais profundo desgosto. Finalmente, Van Galgebrok previu que a morte de Guilherme surgiria através de um acidente insignificante. Isto provou-se novamente exato, pois enquanto montava o seu cavalo favorito, o animal tropeçou num monte de terra de toupeira, derrubando o Rei e partindo-lhe a clavícula. Esta ferida insignificante provocou uma febre baixa e bronquite, das quais ele expirou.

A 8 de março de 1702, Guilherme exalou o seu último sopro e Ana, a sua cunhada, tornou-se Rainha de Inglaterra.

Foi agora inaugurada o que se poderia descrever como uma Idade de Ouro, não meramente por conta das gloriosas vitórias ganhas pelo General Churchill e os seus capitães contra os franceses, mas também através da imensa melhoria na vida e nos hábitos sociais devido à abertura crescente do comércio estrangeiro. A classe média tornou-se mais rica; a pobreza absoluta diminuiu; ao passo que na arte e na literatura apareceu uma galáxia extraordinária de talento.

No mundo onde os abastados se moviam, havia uma moda, poder-se-ia escrever, quase uma mania, de consultar astrólogos, leitores de mãos, leitores de cristais e outros que professavam estar em busca do segredo da Pedra Filosofal, que deveria transmutar metal comum em ouro. Além disso, Londres estava intrigada com a presença de Jasper Morgan, um místico galês selvagem e visionário que afirmava ter descoberto o Elixir da Vida. Todos aqueles que professavam a posse de poções de amor e pós que restaurariam a beleza conduziam um comércio próspero. Probavelmente não houve tempo em que tanto os estudantes reais da ciência oculta como os charlatães estivessem tão em voga como durante os dias da «Boa Rainha Ana».

No meio destes, Van Galgebrok brilhava com suprema preeminência. Ele desprezava, e justamente, a multidão de imitadores dos seus dons, e raramente se rebaixava a revelar o destino aos curiosos que afluíam à sua esplêndida casa. Mas matemáticos, homens de ciência e investigadores da sabedoria oculta que vinham a ele de todas as partes da Europa eram cortesmente recebidos, sendo-lhes mostrado o seu cristal sem falhas que tinha recebido de um santo faquir de Benares, e também algumas das

relíquias que tinha adquirido e que outrora tinham pertencido ao Doutor Dee.

De facto, não é exagero escrever que neste período, quando um novo século se abria, Van Galgebrok era um dos mais confiáveis e respeitados «Homens Sábios» da sua época. O alegre e galante Luís XIV enviou um mensageiro ao famoso astrólogo holandês em Londres em busca de informações a respeito do progresso emaranhado dos acontecimentos europeus; perguntando particularmente se era provável que os Stuart se sentassem novamente no Trono de Inglaterra. A resposta de Van Galgebrok foi um enfático «Não!», e foi notório que, após receber esta informação, Luís afrouxou nos esforços que fazia em benefício dos refugiados Reais em *St. Germains*.

[1] Nota do Tradutor: No texto original consta a data "June 14th" para a véspera da batalha de Waterloo. Historicamente, a batalha ocorreu a 18 de junho de 1815. O texto traduzido mantém estritamente o registo do original ("June 14th") em cumprimento das instruções.

[2] Nota do Tradutor: No texto original consta o ano "1669" por erro tipográfico provável da edição (já que Guilherme e Maria subiram ao trono em 1689, data coerente com o ano de 1690 citado no parágrafo anterior). Manteve-se a tradução fiel do número indicado na respetiva frase.

Mas a glória maior veio para o astrólogo, como era geralmente chamado, a partir do patrocínio aberto que lhe foi concedido pela Rainha Ana. A Rainha, corpulenta, de boa índole e volúvel, tinha os seus desgostos secretos, apesar da sua posição elevada. No Destino, ela tinha uma fé implícita. Tinha sido casada com o Príncipe Jorge da Dinamarca, irmão do Rei Cristiano Quinto. De todos os seus filhos apenas um sobreviveu, um filho que fora criado Duque de Gloucester, e ele estava a fraquejar na saúde. O seu médico, o célebre Doutor Arbuthnot, deu a opinião de que o jovem Príncipe estava «perturbado pela lua», uma forma delicada de explicar que o seu juízo não era muito forte.

Foi nestas circunstâncias que Van Galgebrok recebeu uma convocatória para o *Kensington Palace*. Uma das carruagens Reais foi enviada para o buscar. Ele era um homem alto e portento, de tez clara e

usando uma longa barba loura que lhe caía até à cintura. Um ponto conspícuo na sua aparência era o seu par de brilhantes olhos azuis.

À semelhança da maioria dos astrólogos do seu tempo, usava um barrete cónico que ostentava os signos do Zodíaco em ouro. Na mão trazia uma curta vara de marfim e no seu seio um pequeno cristal que usava para o propósito de concentração.

Ainda é apontada no *Kensington Palace* a pequena sala de receção onde a Rainha Ana costumava receber os visitantes favorecidos. A sua constante companhia era o seu Consorte, o Príncipe Jorge, agora tornado muito pesado. Ele ainda carregava o estigma espirituoso que lhe fora aplicado por Carlos II: «Experimentei Jorge bêbado e experimentei-o sóbrio, e ele é um tolo em ambas as condições.»

A própria Rainha, nesta altura, sofria muito de corpulência e de dificuldade em caminhar. Abigail Hill e Sarah, Duquesa de Marlborough, as duas mulheres inseparáveis que constituíam o Poder atrás do Trono, estavam presentes além do Príncipe quando Van Galgebrok foi introduzido.

Nesta entrevista, Van Galgebrok produziu a célebre previsão, desenvolvida a partir da data de nascimento do pequeno Duque, que mostrava de forma demasiado clara que a dinastia Stuart se aproximava do seu fim. Previu a vinda de uma outra dinastia que haveria de reinar geração após geração — um prognóstico exato da sucessão, após o falecimento de Ana, da atual Casa de Hanôver, ou como é agora chamada desde a Grande Guerra, a Casa de Windsor.

No que diz respeito aos acontecimentos nacionais, o astrólogo previu as grandes vitórias de *Ramillies*, *Blenheim* e outros combates imortais ganhos por Marlborough.

Na questão da saúde, o astrólogo proferiu uma longa homilia, alertando contra certas fases da lua e (como habitualmente nestes casos) condenando categoricamente o tratamento do jovem Duque por Arbuthnot. Apresentou um «elixir revigorante» à Rainha, que o recebeu reverentemente. Pode notar-se que algum curto tempo mais tarde o único filho da Rainha morreu, e pareceria que a sua doença fatal foi uma afeção do cérebro.

Esta visita ao *Kensington Palace* foi rapidamente conhecida na Corte e na alta sociedade. Como resultado, a casa de Van Galgebrok foi sitiada por visitantes de linhagem, a maioria dos quais desejava ter o seu destino revelado. Este místico era um dos astrólogos de maior reputação a praticar a quiromancia, e um volume manuscrito que escreveu sobre o Estudo das Mãos foi encontrado após a sua morte e passou para a posse do Museu de Praga.

A leitura do Destino pelas linhas misteriosas nas palmas da mão, embora seja uma ciência extremamente antiga, era nesta altura praticamente desconhecida em Inglaterra. Sarah, Duquesa de Marlborough, deixou um registo no seu diário de uma visita que ela e Lady Masham fizeram ao «Homem Sábio», tendo ambas se disfarçado. Contudo, o disfarce delas foi facilmente penetrado e, no caso da impetuosa Duquesa, foi-lhe dito claramente que a sua dourada boa fortuna não duraria muito mais tempo. A sua queda do favor Real ocorreu pouco tempo depois.

O grande Duque de Marlborough, após a vitória de *Blenheim*, ficou muito interessado nos estudos do astrólogo holandês. Cansado das altercações domésticas e saciado com a adulação de amigos que procuravam posições, nos intervalos de vigiar a ereção do majestoso palácio de *Blenheim*, ele sentava-se frequentemente e escutava a sabedoria de Van Galgebrok. Há boas razões para acreditar que foi através dos bons ofícios do Duque que o caminho foi preparado para a memorável visita do Príncipe Jorge de Hanôver, que poucos pensavam estar destinado a usar uma coroa.

Desta entrevista fatídica, alguns factos são coligidos dos manuscritos espantosamente históricos descobertos cento e oitenta anos mais tarde numa câmara secreta num castelo do Reno. Parecia ser um diário mantido por Van Galgebrok sob alguma forma de cifra ou taquigrafia. À semelhança de Pepys, o memorável diarista de uma época anterior, o astrólogo percebeu o perigo de confiar certos factos numa forma que pudesse ser lida por qualquer pessoa. Por esta razão, adotou uma cifra que foi, após muito trabalho, decifrada pelo Dr. Luther Hertog, o célebre antiquário de Heidelberg.

O Príncipe Jorge Luís, governante do Ducado de Calenberg, e por casamento com a sua prima Dorothea, possuidor do Ducado de Celle, era o herdeiro protestante seguinte após Ana. Mas havia uma forte intriga em

curso entre os lordes *Tories* para trazer o filho do deposto Jaime II. Toda a questão da sucessão era de um interesse ardente, e não nos podemos espantar que Marlborough, que era irredutível contra a dinastia Stuart, estivesse ansiosíssimo por ter uma previsão de Van Galgebrok a respeito do destino da Coroa.

O Príncipe Jorge fez, portanto, uma viagem secreta a Londres, disfarçado de mercador. Ele foi recebido pelo Duque de Marlborough, que o conduziu à casa do astrólogo.

É fácil de compreender quão impressionado o Príncipe Jorge deve ter ficado quando foi introduzido no aposento debilmente iluminado, onde Van Galgebrok se sentava numa alta cadeira de ébano que lhe fora oferecida por um Príncipe sueco e de que se dizia ter vindo do Palácio dos Doges de Veneza. Ele sentava-se vestido com as sumptuosas vestes cerimoniais que correspondiam à sua natividade. Num leito, iluminado por uma luz ténue, reclinava-se Elihu Muntzer, o famoso «médium» que ele trouxera de Praga. Em frente de Van Galgebrok encontrava-se um enorme cristal apoiado sobre uma mesa de ouro coberta com veludo preto.

Esta mesa era manufaturada de acordo com o desenho de Muma Goetz, o grande Místico errante, que afirmava ter descoberto o Elixir da Vida Eterna. Um crânio, algumas porções de uma pele de serpente, frascos contendo vários pós e alguns rolos de pergaminho jaziam amontoados sobre a mesa. De uma sala interior, a intervalos, soavam rabanadas de música de cordas para que o místico estivesse *en rapport* com condições harmoniosas.

O Duque de Marlborough agachava-se no fundo, excessivamente impressionado pelas influências misteriosas que sentia estarem a funcionar. O Príncipe Jorge, de têmpera mais robusta, ajoelhou-se humildemente perante o místico, do qual estava convencido de que podia revelar os segredos do coração humano e talvez desenrolar o futuro.

A música extinguiu-se — em absoluto silêncio, Van Galgebrok fixou os seus olhos brilhantes no rosto simples do Príncipe.

«Gostarias de saber tudo, Príncipe?», interrogou ele por fim.

«O que guarda o futuro para mim?»

Os olhos brilhantes pareceram tornar-se opacos como os de alguém que vê além do alcance mortal. Depois, estendendo lentamente a mão em direção a Elihu Muntzer, o astrólogo gritou em voz alta:

«Falai, espíritos, que pairais em redor daqueles que estão confiados com grandes destinos.»

Agora a forma imóvel do «médium» tornou-se animada. A sua boca abria-se e fechava-se com sons sufocados. As suas feições convulsionavam-se como se lutassem com uma agonia mortal. Depois, gradualmente, as contorções e a aflição passaram e ele jazia novamente inerte, com os seus olhos abertos a fitarem para cima, para a lâmpada suspensa acima da sua cabeça.

Van Galgebrok tomou o seu cajado esculpido e acenou com ele três vezes no ar.

«Aguardamos-vos, ó espíritos», disse imperiosamente.

Dos lábios de Elihu Muntzer emitiu-se uma voz fina, de outro mundo:

«Vejo amantes! Oh, como se beijam, se apegam e se entrelaçam! Ele é um homem de boa presença vestido com trajes finos. A nobre lorde. E ela também é como as flores da primavera pela frescura. A lady de alta linhagem. Os seus corações estão unidos. Mas eles encontram-se em segredo e uma Sombra desliza entre eles. O rosto dele é frio e a sua forma pesada. As chamas esverdeadas do ciúme ardem no seu coração. É o marido indesejado.

«Há murmuradores que vêm à Sombra e lhe contam coisas a respeito dos amantes. Eles separam-se, estes amantes, ela vai para o seu Principesco marido no Castelo e o amante parte. Mas ela envia o seu mensageiro de confiança e ele regressa.

«É noite. A lua brilha nas ameias e nas torres, e pretas são as sombras. Vejo rufiões à espreita e agachados na escuridão. Ela sai por furtividade envolta no seu manto; o seu amante encontra-a e beija-a. Ah! Os rufiões saem furtivamente e lançam-se sobre o homem.»

O Príncipe limpou o rosto com o seu lenço de renda.

«Que feitiçaria terrível é esta?», murmurou ele.

Implacavelmente, a voz vertia-se dos lábios do «médium»:

«Os rufiões enterram as suas espadas no corpo dele. Vejo o sangue — há sangue por todo o lado. Agora a Sombra vem e olha de cima para o amante que jaz tão imóvel. Ele rejeita-o com o pé. Ele grita: "Morre, porco imundo!" A mulher é levada dali. Ela chora e torce a mão.»

«Parai!», gritou o Príncipe, deixando cair a cabeça sobre o peito. «Não mais, pelo amor de Cristo. Deixai que os mortos sepultem os seus mortos. Falai-me do Futuro.»

Por esta altura, o «médium» tinha recaído numa condição semelhante ao transe. Van Galgebrok tomou uma folha de pergaminho da mesa ao seu lado.

«Príncipe Jorge», disse solenemente, «ouvistes dos lábios do espírito como o Conde Konigsmark vos levou a esposa, a alta Dorothea. Ele está morto, e jaz onde nenhum olho o verá até que o recesso secreto caia perante o toque da mão do Tempo.* Estudei o vosso horóscopo. Ficai contente, ó Príncipe, pois está reservado para vós um destino glorioso, embora esteja misturada com ele uma coroa de espinhos.»

«Há uma coroa?», perguntou o Príncipe, dominando-se novamente.

«Sim! A de Inglaterra, e a vossa geração reinará por muitos anos. Mas a vossa bela e jovem esposa, que encerrastes, convocar-vos-á para comparecerdes perante o Mais Alto Juiz da Humanidade. Ai de vós nas vossas últimas horas.»

É, escusado será dizer, um facto histórico bem conhecido que o Príncipe Jorge manteve a sua esposa Dorothea em cativeiro durante trinta anos no Castelo de Celle, até ela morrer em 1726. Van Galgebrok tinha predito que o Príncipe Jorge morreria um ano e um dia após a morte dela. Ele regressou a Hanôver com a intenção de visitar o Castelo de Celle. Foi bem-sucedido em alcançar esta sombria fortaleza feudal onde a sua descartada esposa tinha morrido em cativeiro, e seguiu-a na morte no tempo exato que tinha sido predito. Ela morreu a 10 de junho de 1726, e Jorge Primeiro de Inglaterra expirou na sua carruagem ao entrar no seu domínio hanoveriano a 11 de junho de 1727.

«Dorothea! Dorothea!» foram as últimas palavras que lhe deixaram os lábios. Quem poderá dizer que formas acusadoras e fantasmagóricas ameaçaram os seus momentos de agonia?

Os anos passaram e a geada da idade extrema prateou o cabelo e a barba do Astrólogo Holandês. Através do patrocínio ativo da impetuosa Duquesa de Kendal, ele era procurado por muitas damas da Corte e acumulou grande riqueza. Muitas vezes era chamado pelos doentes da moda; ele era capaz de estabelecer que as influências planetárias trabalhavam potentemente sobre a estrutura humana. O seu notável conhecimento de ervas conduziu a um culto no seu uso; tanto assim, de facto, que os cirurgiões e os boticários apresentaram uma petição ao Rei rogando que Van Galgebrok pudesse ser travado.

Através da poderosa influência da Duquesa, o Rei devolveu uma resposta dura aos seus peticionários. Ele próprio nunca tinha esquecido a entrevista que tivera com o astrólogo e quão assinalavelmente a previsão se cumprira de que ele usaria a coroa de Inglaterra. Até ao fim dos seus dias, Van Galgebrok continuou a ser respeitado e reverenciado.

Antes de morrer, chamou para consulta um jovem do nome adotado de Paulo Phim. Parecerá que o manto de Elias caiu sobre este novo Eliseu; pois muito pouco tempo após a morte de Van Galgebrok, Londres ressoava com os feitos extraordinários realizados por um novo místico.

CAPÍTULO X

PAULO PHIM, O HOMEM DO MISTÉRIO,

QUE AFIRMAVA SER UM IMORTAL

Após a morte de Van Galgebrok, Londres foi dominada por um estudante oculto excessivamente inteligente que se auto-denominava Paulo Phim. O seu verdadeiro nome tinha sido sempre amparado no mistério. Era consultado pela Realeza e por membros do mundo da moda, ao passo que uma das suas proezas mais notáveis foi quando previu a morte do Almirante Byng, que foi fuzilado por cobardia.

QUANDO Van Galgebrok sentiu a Morte a rastejar sobre si, andou a sondar na sua mente por algum discípulo digno sobre quem o seu manto pudesse cair.

Tinha tanto mais razão para se encontrar assim exercitado porque há evidências de que, durante o ano anterior à sua morte, o Astrólogo Holandês e estudante de mistérios ocultos se encontrava ocupado numa busca pelo Elixir da Vida.

Este, na verdade, era um dos grandes objetivos destes «Homens Sábios» que floresceram numa época em que a ciência estava mas tenuemente desenvolvida. O Dr. Dee andava sempre a esforçar-se pela Pedra Filosofal, substância potente que deveria transmutar metal comum em ouro. Quão enraizada estava esta crença vê-se pela correspondência de homens de maduro entendimento e diplomacia. Walsingham, conselheiro da Rainha Isabel na sua velhice, acreditava na possibilidade da descoberta. Filipe de Espanha, enquanto Consort de Maria a Primeira, pagou grandes somas de dinheiro ao Vidente Italiano, Paulus Rombusti, que habitava em *Pudding Lane*, Londres, e que afirmava ter descoberto o Grande Segredo. Ele produziu de facto várias peças de ouro, mas não havia evidências de que elas fossem transmutadas a partir do chumbo, como ele afirmava.

O Elixir da Vida, também, era outra busca nunca falhada. O Doutor Dee tinha-se ocupado deste profundo mistério e, enquanto visitava o Imperador da Áustria, tivera permissão para realizar experiências numa das criptas do Castelo de *Althus*. Van Galgebrok também a dada altura pensou que se encontrava na posse do Elixir e realizou de facto experiências em três pessoas idosas.

No fim, chegou à conclusão de que a descoberta só podia ser feita após experiências muito prolongadas e dispendiosas. Por esta razão, sabendo que a velhice estava a rastejar rapidamente, tomou ao seu serviço um discípulo de boa vontade. Este jovem tinha vindo daquela Cidade do Mistério, Praga, e tinha uma reputação afiançada por Theodore Gruber, ele próprio um dos mais notáveis astrólogos e famoso pelas suas experiências em química.

Qual era o verdadeiro nome do discípulo, nunca se saberá. Quando veio ter com Van Galgebrok, introduziu-se desta forma: «Enquanto em transe, o Anjo Ariel chamou por mim: “Paulo Phim, parte para a casa de

Van Galgebrok em Londres.”» É curioso observar que quando o Doutor Dee realizava a sua paciente busca atrás da comunhão com os espíritos através do médium Edward Kelley, o Anjo Ariel era um dos guias principais que davam mensagens de sabedoria.

Certamente isto causou uma grande impressão em Van Galgebrok. Recebeu Paulo como um «amigo e irmão nos grandes mistérios». Nesta altura, o holandês estava absorto nas suas experiências ligadas ao Elixir, e o recém-chegado foi total e livremente iniciado em tudo o que estava em curso no laboratório.

No seu registo secreto em cifra, Van Galgebrok deu-nos um retrato justo do seu novo discípulo. «Nesta altura veio ter comigo um jovem, muito moreno e trigueiro como um italiano, embora fosse da Áustria. Ele era gentil e agradável, embora a sua língua pudesse ser afiada com tudo o resto. Os espíritos eram-lhe muito sujeitos. Ele ajudou-me no Grande Segredo.»

** Nota do autor: Mais tarde o esqueleto foi descoberto numa sala secreta atrás de uma lareira e identificado por um anel.*

Podemos facilmente imaginar o velho astrólogo, agora algo mirrado e curvado pela idade, com a barba semelhante a um floco de prata, a deambular pelo laboratório, espreitando para os retortos, mexendo várias misturas e investigando a ação de drogas potentes. E tudo isto tinha ainda de ser feito em horas e épocas auspiciosas, calculadas de acordo com as regras da influência planetária, etc.

Entretanto, haveria visitas a várias casas elegantes, pois a reputação de Van Galgebrok nunca fora mais elevada do que à data da sua morte. Era consultado por aqueles que sofriam de paralisia, Mau-Olhado, úlceras inflamadas, morte suada* e outras doenças e males. Era acompanhado por Paulo, o arrebatado jovem discípulo, ansioso por aprender, mas já consciente de que ele próprio possuía dons extraordinários. À medida que a dupla percorria as ruas, recebia a homenagem da multidão; pois Van Galgebrok era sempre considerado um curandeiro e um “Sábio”.

Van Galgebrok estava morto. O seu fim chegara com uma súbita surpresa. Numa noite, encontrava-se no laboratório, o rosto iluminado pelas chamas vermelhas que aqueciam o seu cadinho. Quando a aurora surgiu, já tinha falecido.

Profunda foi a comoção quando a notícia se espalhou de que o Místico Holandês já não existia. Ao mesmo tempo, começou a circular e a multiplicar-se o rumor de que deixara todos os seus segredos e mecanismos ao seu discípulo, Paulo Phim. E gradualmente passou também a afirmar-se, com total convicção, que, pouco antes de morrer, Van Galgebrok legara ao discípulo "O Grande Segredo". A excitação cresceu intensamente.

Naquela época, Jorge II não havia subido ao trono havia muito tempo. Antes disso, mantivera uma corte imitativa em Leicester House, tendo-se afastado de tal forma do pai real que este o comparara ao "desobediente Absalão". Em certa ocasião, chegara mesmo a estar sob prisão e recebera ordens para abandonar o Palácio de St. James e ausentar-se de todas as cerimónias. Era verdade, tal como Van Galgebrok dissera a Jorge I, que ele usava a coroa, mas havia um diadema de espinhos entrelaçado nela, pois, no amor e na família, enfrentava incessantes problemas e tristezas.

Quando chegou a hora de colocar a coroa sobre a fronte do príncipe que tanto sofrera devido à dureza do pai, ele não se esqueceu de consultar as artes ocultas quanto à possibilidade de o seu reinado ser auspicioso. Paulo Phim foi convocado à presença real.

Com o seu característico hábito pedante e metódico, Jorge II anotou tudo o que lhe foi dito acerca do futuro. Dos lábios de Paulo Phim soube que a maldição da tristeza doméstica também o aguardava. A previsão revelou-se singularmente exata; pois o seu herdeiro, Frederico, Príncipe de Gales, rebelou-se abertamente contra o pai, o rei, e estabeleceu uma corte rival em Leicester House. Contudo, esse filho, tal como fora predito, jamais estaria destinado a usar a coroa de Inglaterra, embora o seu filho viesse a tornar-se Jorge III, cujo reinado durou sessenta anos.

* "Sweating death" refere-se provavelmente à antiga doença conhecida como "sudorese inglesa" ("English Sweating Sickness"), epidemia mortal que assolou a Europa entre os séculos XV e XVI.

Profunda foi a comoção quando a notícia se espalhou de que o Místico Holandês já não existia. Ao mesmo tempo, começou a circular e a multiplicar-se o rumor de que deixara todos os seus segredos e mecanismos ao seu discípulo, Paulo Phim. E gradualmente passou também a afirmar-se, com total convicção, que, pouco antes de morrer, Van Galgebrok legara ao discípulo "O Grande Segredo". A excitação cresceu intensamente.

Naquela época, Jorge II não havia subido ao trono havia muito tempo. Antes disso, mantivera uma corte imitativa em Leicester House, tendo-se afastado de tal forma do pai real que este o comparara ao "desobediente Absalão". Em certa ocasião, chegara mesmo a estar sob prisão e recebera ordens para abandonar o Palácio de St. James e ausentar-se de todas as cerimónias. Era verdade, tal como Van Galgebrok dissera a Jorge I, que ele usava a coroa, mas havia um diadema de espinhos entrelaçado nela, pois, no amor e na família, enfrentava incessantes problemas e tristezas.

Quando chegou a hora de colocar a coroa sobre a fronte do príncipe que tanto sofrera devido à dureza do pai, ele não se esqueceu de consultar as artes ocultas quanto à possibilidade de o seu reinado ser auspicioso. Paulo Phim foi convocado à presença real.

Com o seu característico hábito pedante e metódico, Jorge II anotou tudo o que lhe foi dito acerca do futuro. Dos lábios de Paulo Phim soube que a maldição da tristeza doméstica também o aguardava. A previsão revelou-se singularmente exata; pois o seu herdeiro, Frederico, Príncipe de Gales, rebelou-se abertamente contra o pai, o rei, e estabeleceu uma corte rival em Leicester House. Contudo, esse filho, tal como fora predito, jamais estaria destinado a usar a coroa de Inglaterra, embora o seu filho viesse a tornar-se Jorge III, cujo reinado durou sessenta anos.

Esta visita de Paulo ao novo rei despertou enorme interesse, e a atenção pública começou a concentrar-se no jovem e atraente místico cuja ligação a Van Galgebrok o revestira de uma aura de reputação ocultista. Tornou-se tão grande o número dos seus patronos que Paulo se mudou para uma antiga casa em Staple Inn e ali instalou um vasto estabelecimento.

Foi aí que Paulo se recolheu, e a sua casa rapidamente se tornou ponto de encontro dos famosos e dos elegantes. Estudara quiromancia sob a orientação do seu venerado Mestre, e tornou-se cada vez mais moda fazer interpretar as misteriosas linhas da mão. Entre aqueles que o visitaram com esse propósito encontrava-se a Princesa Frederica de Gales, que ouviu de Paulo que a morte reclamaria em breve o seu esposo real.

Mas, no meio de todas estas idas e vindas, a verdadeira obsessão do Sábio de Staple Inn era a descoberta do "Grande Segredo" — o Elixir da Vida. Nessa busca contou com a ajuda, e provavelmente também com o apoio financeiro, de George Carteret, mais tarde Lord Granville.

Este político cortesão e subtil, que durante muito tempo dominou o pensamento político de Jorge II, era um intenso estudioso das artes ocultas. Quando jovem, realizara a Grande Viagem pela Europa e, durante a estadia em Viena, conhecera vários alquimistas e astrólogos célebres. Na verdade, este refinado homem de Estado protestava frequentemente que "se o Céu não lhe tivesse enredado os pés na política, teria encerrado a sua vida num laboratório para ajudar a desvendar o Grande Segredo".

Graças à sua amizade com Walpole, este astuto estadista também se tornou visitante assíduo de Staple Inn. Devia ser uma visão notável observar o jovem estudioso do oculto ocupado com frascos e retortos, enquanto dois homens de Estado tão elegantes como Lord Granville e Walpole observavam atentamente. O seu patrocínio contribuiu muito para a popularidade de Paulo. No auge da sua carreira, a sala de receção encontrava-se diariamente repleta de visitantes, e calcula-se que chegasse a ganhar até dez mil libras por ano em honorários.

Não faltavam entre a nobreza rica e envelhecida aqueles que frequentemente perguntavam se o Elixir da Vida já tinha sido descoberto; e, em caso afirmativo, se poderiam experimentar os seus poderes restauradores. Corria livremente o rumor de que o Duque de Newcastle "implorara" a Paulo que lhe desse um frasco do Elixir, pois sentia demasiado claramente as suas forças a abandoná-lo.

A recusa honesta trouxe um novo e urgente pedido, e por fim Paulo admitiu ter enviado uma garrafa contendo um "bálsamo" avermelhado. O nobre engoliu-o com reverente gratidão e, tal era o poder da fé, convenceu-se de que estava a tornar-se mais jovem. Contudo, o *tempus fugit* não tardou a contar a sua fria história.

Paulo revelava igualmente o futuro através do "Alfabeto Místico", e uma das suas experiências mais interessantes ocorreu com o infeliz Almirante Byng. Era filho de Lord Torrington, um nobre que se distinguira pelo interesse na astrologia e cujas viagens pelo Continente eram famosas pelas numerosas visitas que fazia a astrólogos célebres. Talvez tenha sido por isso que o seu filho, o almirante, se tornou amigo de Paulo e visitasse frequentemente a estranha velha casa em Staple Inn.

Numa dessas visitas, Byng mencionou que recebera ordens para partir para o Mediterrâneo devido ao início das hostilidades contra os franceses.

“Se é possível conhecer o destino”, disse o almirante, “dizei-me então o que o futuro me reserva.”

Paulo pediu-lhe que escrevesse a sua data de nascimento e uma pergunta específica numa folha de papel. Assim fez, e a pergunta dizia respeito a saber se receberia ou não uma nova promoção. Depois de escritas em cartões separados para cada letra, Paulo embaralhou-as e dispô-las em círculo exterior e interior.

Antes de anunciar o resultado, pediu para ver a mão do almirante. Encontrou, como esperava, uma linha do destino interrompida. Disse então gravemente: “Morrereis pelos mosquetes dos vossos próprios compatriotas. A vossa verdadeira fama só começará depois da vossa morte.”

O Almirante Byng ficou desconcertado com a mensagem e fingiu rir-se dela. Não muito tempo depois, o navio de Byng encontrou uma embarcação francesa de força aproximadamente igual. Travou-se um combate em que os britânicos levaram a pior. Contudo, não foi feita qualquer tentativa de voltar a enfrentar os franceses. Por fim, Byng navegou até Gibraltar, abandonando Fort St. Philip ao seu destino.

Quando os despachos do Almirantado foram publicados em Londres, surgiu uma violenta indignação contra o Almirante Byng, acusado de traidor e cobarde. Foi chamado de volta, julgado em tribunal militar e condenado a ser fuzilado “pelos mosquetes dos seus próprios fuzileiros” no tombadilho que tantas vezes percorrera.

A sentença foi executada, apesar de uma petição dirigida ao rei. Depois da morte do almirante, a opinião pública mudou a seu favor, e a sua bondade e humanidade como comandante passaram a ser recordadas. Revelou-se literalmente verdadeiro que “a sua fama começou com a sua morte”, tal como Paulo predissera.

Um jornal contemporâneo, o *Glass of Fashion*, oferece um retrato interessante da influência que Paulo exercia sobre o mundo elegante em 1770. Discorrendo num estilo mundano sobre os “Acontecimentos em Londres”, apresenta-nos esta imagem do Sábio de Staple Inn:

“A senhora Cartwright, rica viúva de um cervejeiro londrino, terá, segundo se diz, obtido grande benefício de uma série de visitas feitas a um Sábio Astrólogo cujo nome está agora em todos os lábios. Visitou Staple

Inn inúmeras vezes e corre o rumor de que recebeu elixires que restauraram o brilho juvenil da sua tez e a fizeram parecer pelo menos vinte e cinco anos mais nova. O senhor Pitt, Primeiro-Ministro, encontrou-a por acaso num salão e ficou confuso. Ela sorriu-lhe. 'Pela minha alma, Madame', disse ele, 'não saberia dizer quem sois, nem mesmo Eva em pessoa.' Quando ela mencionou o seu nome, e ao recordar que o falecido marido fora um dos principais apoiantes do senhor Pitt no Norte de Londres, este ficou quase embaraçado. Ainda assim, ela mostrou-se extremamente satisfeita com o episódio. Afirma-se com credibilidade que pagou quinhentas guinéus por pomadas e pós."

É preciso recordar que praticamente todos os alquimistas e semelhantes viviam de forma algo precária e eram obrigados a manter-se financeiramente à tona cedendo, em certa medida, à fé feminina no poder que possuíam para afastar os efeitos do tempo. Por esse meio conseguiam continuar as "Grandes Experiências", dispendiosas por natureza, e sem dúvida justificavam-se pensando que as pomadas e pós que vendiam não faziam mal algum.

O fim de Paulo foi extremamente misterioso. Aos sessenta anos anunciou que fora chamado ao Continente para visitar um rico comerciante em Berlim. Depois disso viajou para a Rússia e sabe-se com certeza que esteve ligado à corte do Imperador desse país. Deixou então a Rússia e seguiu para Praga, após o que se perde todo o registo acerca dele.

Contudo, está estabelecido que, por essa mesma época, um jovem astrólogo de inteligência extraordinária começou a atrair atenção, e não faltaram aqueles que declaravam que o recém-chegado não era outro senão Paulo, rejuvenescido graças à descoberta do tão procurado Elixir. Aqui a sua história deve terminar, pois a vida registada de Paulo Phim encerra-se de forma misteriosa e totalmente envolta em obscuridade.

Na verdade, anos depois, um antigo astrólogo foi encontrado a vaguear por Paris. Quando lhe perguntaram o nome, pronunciou apenas duas palavras: "Paulo Phim". Quase imediatamente expirou. Pode dizer-se que foi o último da velha linhagem de astrólogos e estudiosos da sabedoria oculta, que procuraram tão diligentemente a Pedra Filosofal ou o Elixir da Vida.

PARTE II

CAPÍTULO XI

A PRINCESA ZISKY DE VIENA:

HERR ZUNKLEHORN, O MÍSTICO ALEMÃO

Relatei no meu volume *True Ghost Stories*, publicado recentemente, o meu encontro com a Princesa Zisky de Viena e uma extraordinária sessão espírita que tive com ela no Mausoléu Real da dinastia dos Habsburgos, sob a Catedral de Santo Estêvão.

Durante essa sessão, o espírito da Imperatriz Isabel da Áustria, assassinada, apareceu e, falando muito claramente em francês, deu um aviso inequívoco da aproximação da Grande Guerra.

Como apresentei em *True Ghost Stories* um relato completo desta estranha experiência, limitarei aqui a repetir as palavras da falecida Imperatriz que deixaram em mim impressão tão duradoura.

Horas antes, no seu apartamento no distrito de Leopoldstadt, a Princesa Zisky dera-me alguns detalhes acerca da terrível tristeza que ensombrara a Imperatriz, que ela conhecera bem, devido à tragédia do Castelo de Mayerling, que lhe roubara o filho Rodolfo, Príncipe Herdeiro da Áustria; e, quando entrámos nas criptas reais, sussurrou-me que, precisamente na capela que se abria diante de nós, o corpo do falecido Rodolfo estivera em câmara ardente. Depois do assassinato da Imperatriz, antes de ser finalmente sepultada no seu túmulo nas criptas da igreja dos Capuchinhos, também ela fora levada a essa mesma capela, conforme desejo expresso no seu testamento.

A Princesa acabara de me murmurar esta informação quando a aparição da Imperatriz morta surgiu, e as palavras a que aludi pareceram flutuar através do terrível silêncio das criptas: “Tristeza das tristezas, existiu alguma dor semelhante à minha? Ó coração sangrante da Maternidade trespassado pela seta da Morte!”

Após uma breve pausa, que me pareceu uma eternidade, a voz continuou: “Ai do mundo! Ai das mães! Pois hão de chorar como Raquel e recusar-se a ser consoladas. Aproxima-se rapidamente o tempo em que a terra será inundada de sangue e as nações se destruirão umas às outras. A Casa de Habsburgo cairá, e terrível será a sua ruína!”

Importa recordar que isto aconteceu no início de 1913, quando a possibilidade de guerra entre as Grandes Potências nem sequer era considerada provável.

A Princesa Zisky era uma personalidade muito interessante. Afirmava ser descendente direta do pai do falecido czar Nicolau da Rússia. As suas aspirações imperiais eram mal vistas pela corte russa e, em consequência disso, fixara residência em Viena, onde fora bem recebida pela Imperatriz Isabel.

Como eu próprio conhecera a falecida Imperatriz durante as suas muitas visitas a Inglaterra, posso garantir que a aparição que vimos apresentava uma impressionante semelhança com aquela mulher infeliz que fora tão cruelmente assassinada pelo anarquista italiano em Genebra, em 1897.

A Princesa Zisky era uma médium extraordinária que, em ocasião alguma, fora conhecida por utilizar os seus dons para ganhar dinheiro. Era rica por direito próprio e tão independente de carácter que recusava os mais valiosos presentes oferecidos pelas figuras ilustres que a consultavam ocasionalmente.

Quando vivera em Petrogrado, estivera associada a Heliodor, o monge místico — que eu próprio também conheci numa das minhas visitas à Rússia. Assistira igualmente, em diversas ocasiões, a algumas das extraordinárias sessões conduzidas por Rasputine diante do czar e da czarina no Palácio de Inverno; contudo, deplorava a influência que esse homem exercia sobre a Família Imperial. Na sua visão clarividente via claramente a aproximação da queda do Império Russo, mas, como tantos

outros, não conseguia acreditar que semelhante catástrofe pudesse atingir o czar enquanto chefe da Igreja Ortodoxa do poderoso Império Russo.

Viajava sempre com a sua cobra de estimação, Tanitha, transportada num cesto — uma cobra-real adulta oriunda da Índia, oferecida anos antes por um faquir hindu aquando da sua visita a esse país. Chamava-lhe o seu "familiar" e acreditava que era a reencarnação de Ra-set, o Deus Hindu da Sabedoria, que vivera em Benares mil anos antes.

Era um animal estranho e obedecia a todas as ordens que ela lhe dava. Ao passar pelos funcionários alfandegários nas diversas fronteiras, nunca tinha dificuldade em fazê-la atravessar os controlos; parecia hipnotizar os agentes para que não abrissem o cesto.

Prometeu-me que, quando morresse, enviaria o espírito de Tanitha para me informar da sua morte. Tal coisa aconteceu realmente, como relatei em *True Ghost Stories*.

HERR ZUNKLEHORN,
O MÍSTICO ALEMÃO

Este notável místico era muito conhecido em Berlim. Quando e onde nascera sempre permanecera um mistério. Já era um homem muito idoso quando o antigo Kaiser ascendeu ao trono da Alemanha. Morreu em Berlim, em 1917, em circunstâncias misteriosas, sendo encontrado morto certa manhã no chão do seu laboratório.

Antes da coroação do antigo Kaiser como Guilherme II da Alemanha, enviara um aviso ao então Príncipe Herdeiro contra o uso da célebre Coroa de Ferro da Prússia, com aquilo a que chamava o "Olho de Buda" no centro.

Zunklehorn, quando me visitou em Londres, contou-me a história deste célebre diamante e do rasto de desgraças que o acompanhava. Fora

arrancado por um soldado francês de uma estátua dourada de Buda num templo do Ceilão. O seu guardião, um sacerdote idoso, lançara-lhe uma maldição enquanto era despedaçado pelo soldado. A maldição dizia que qualquer pessoa que possuísse a pedra acabaria arruinada.

Durante algum tempo adornara o turbante real de Din Nur, Sultão da Turquia; a sua esposa favorita assassinara-o para obter a pedra; ela própria fora depois assassinada, e a gema passara para as mãos do califa seguinte, que um ano depois morreu em batalha. A jóia reapareceu posteriormente no Tibete, onde um soldado curdo a roubou do palácio do Rei-Sacerdote. Após muitas outras aventuras, acabou por chegar a Amesterdão, onde foi vendida por um mercador a um negociante judeu de diamantes.

Ao atravessar a Silésia, este homem foi preso pela polícia de Frederico, o Grande. Quando encontraram a gema na bagagem do prisioneiro, ela foi levada ao rei, que, com rápida decisão, mandou enforcar o negociante pelo simples crime de ser judeu. A caminho do cadafalso, o judeu repetiu a maldição e anunciou profeticamente que, se algum descendente de Frederico usasse a gema na sua coroa, perderia a Alemanha e seria forçado ao exílio.

Foi devido a este conhecimento que Zunklehorn enviou um memorando de protesto e advertência ao Príncipe Herdeiro antes de este subir ao trono, insistindo para que a Coroa de Ferro com aquela gema fatal não fosse usada na coroação.

Como recompensa, caiu em desgraça e foi informado de que, dali em diante, a sua presença junto da corte deixaria de ser desejada.

Por ocasião da visita de Zunklehorn, ele insistiu para que eu fosse a Berlim vê-lo no seu laboratório o mais rapidamente possível.

Cerca de dez dias depois surgiu a oportunidade. A exploração dos domínios do ocultismo exercia tal fascínio sobre algo na minha natureza que eu não conseguia resistir, e assim, numa tarde, encontrei-me a subir até ao sótão da velha casa situada numa rua próxima da Friedrichstrasse, onde o místico vivia.

Zunklehorn recebeu-me calorosamente, dizendo que eu chegara num momento oportuno, precisamente quando estava prestes a realizar uma

importante experiência na qual teria prazer em contar com a minha assistência.

Se alguma vez existiu, na época moderna, um homem com a aparência dos alquimistas da Antiguidade, então Zunklehorn certamente o parecia nessa ocasião. Vestia um manto púrpura bordado a ouro com os doze signos do Zodíaco; na cabeça usava uma pequena touca feita da pele de um gato selvagem; e por todo o laboratório havia cadinhos e retortos que testemunhavam a arte dos alquimistas transmitida desde eras remotíssimas.

Depois de falar sobre a sua visita a Inglaterra e acerca de uma misteriosa entrevista que tivera com o rei Eduardo VII, passou a explicar os resultados que esperava alcançar com a experiência que iria realizar.

"Cheiro", prosseguiu ele, "li acerca das vossas experiências na investigação dos fenómenos do espiritismo, especialmente aquelas realizadas na casa de Sir William Crookes com a extraordinária médium Miss Fanny Cooke.

"Contudo, não me satisfaz simplesmente conversar com espíritos que aparecem quando querem e como querem. O meu desejo é possuir o poder de convocar aqueles que eu quiser — e apenas esses. Há muito ultrapassei o ponto de apenas saber que a vida continua após a chamada morte e que pode estabelecer-se comunicação entre os vivos e aqueles que amaram e partiram deste mundo.

"Tenho trabalhado para obter resultados mais importantes do que esses. A minha ambição tem sido conseguir receber mensagens dos verdadeiramente grandes, daqueles que ocuparam posições elevadas na Terra. Em certa época, acreditava que essas pessoas, pelas experiências adquiridas em vida, poderiam julgar a tendência dos acontecimentos vindouros e assim lançar alguma luz sobre o futuro.

"A dificuldade, porém — e descobri que é quase impossível ultrapassá-la — reside no facto de muitos daqueles a quem chamamos 'grandes' terem possuído tão pouco conhecimento das coisas espirituais nesta vida que, ao passarem para a etapa seguinte, se tornam como crianças a começar tudo de novo.

"Na verdade, descobri que apenas aqueles que viveram vidas simples, os que permaneceram próximos da natureza, os que sem pompa nem

cerimónia adoraram o Deus da Natureza com fé infantil, são os que mais avançam no mundo espiritual.

"Talvez em tudo isto se possa ver a grande lei do equilíbrio ou, ainda mais, a da compensação. Pode ser que aqueles a quem muito foi dado nesta vida tenham muito retirado na próxima etapa. Pode ser que aqueles que sofreram aflição, pobreza e miséria tenham desenvolvido uma espiritualidade desconhecida dos que nunca enfrentaram preocupações.

"Desperdicei muitos anos a percorrer volumes de filosofia, livros de dogmas e divagações de sacerdotes, para acabar por encontrar uma única frase de Cristo que me ensinou mais do que toda a sua suposta sabedoria: 'Se um homem não se tornar como uma criança, não poderá esperar entrar no Reino dos Céus.'

"E, apesar de tudo isto, continuo agarrado à minha ideia de tentar entrar em contacto com alguns dos grandes governantes que ocuparam posições elevadas no plano terreno. Durante muitos anos esperei aprender algo acerca do destino reservado ao meu amado país — a Alemanha. Tenho recebido numerosos avisos de que uma cadeia de causas e efeitos se está a formar e conduzirá a Alemanha para um terrível conflito que atrasará durante muitos anos a maré da sua prosperidade.

"Neste momento, esses avisos parecem vagos e incertos, mas para esta noite recebi a garantia de que alguma personagem em quem poderei confiar virá do plano espiritual para me transmitir uma mensagem definida.

"Quem seja essa personagem não sei, mas disseram-me para utilizar a mais simples das minhas médiuns, uma jovem quase ainda criança, alguém que nada sabe do mundo nem dos assuntos políticos, para me ajudar nesta experiência.

"Nenhum de nós, investigadores, compreende ainda as leis secretas que regem as manifestações provenientes do mundo dos espíritos. Parece difícil aceitar que 'da boca das crianças' possa surgir a maior sabedoria. É difícil compreender que a mente treinada do investigador seja geralmente a última a ver visões ou a receber as mensagens que tanto deseja. No meu caso, sou considerado mestre em encantamentos e invocações; é verdade que possuo o poder de chamar demónios e espíritos malignos que me troçam com promessas da 'Pedra Filosofal' ou do 'Elixir da Vida'. É verdade que em algumas dessas experiências tive êxitos superiores aos da

maioria dos homens comuns, mas isso não é o que procuro. Sou demasiado velho para me preocupar com riquezas e demasiado cansado da vida para desejar prolongá-la. O que quero saber é algo de definido acerca da formação do Futuro e da sua gestação no ventre do Tempo.

"Como nada acontece por acaso, é lógico concluir que deve existir um processo criador que existe desde o princípio das coisas e que é, em si mesmo, eterno. Qual seja o seu propósito não consigo resolver, mas de que existe um propósito não tenho a menor dúvida.

"A História fala-nos de nações que cresceram da fraqueza para a força, que passaram pela infância, maturidade e velhice, deixando atrás de si pouco mais do que um nome e uma memória. É verdade que deixaram lições nos cadernos do Tempo, mas a guerra, a peste e a fome continuam a surgir da mesma maneira, e duvido que as raças presentes ou futuras alguma vez beneficiem realmente dos exemplos do passado.

"Esta noite podereis surpreender-vos ao ver que, apesar de tudo o que disse, continuo a empregar encantamentos e invocações para me ajudar a obter os resultados que desejo alcançar. Faço-o para conseguir mais rapidamente as condições necessárias às minhas experiências; por outras palavras, preparo o palco e disponho as luzes para que os atores invisíveis possam desempenhar mais facilmente os seus papéis."

"Mas esta criança que dizeis vir a ser a vossa médium esta noite, não fica assustada com tais preparativos?", perguntei.

"Não! Não!", respondeu rapidamente o velho. "Ela nada sabe deles. Coloco-a em transe; não vê nada, nada sabe, até que eu a chame novamente à vida. A jovem que virá aqui esta noite estava, há alguns anos, a morrer de tuberculose. Curei-lhe os pulmões e devolvi-lhe a juventude e a força. Ela venera-me como médico, como salvador; depois de cada transe sente-se melhor. Vem de livre vontade, vereis isso por vós mesmo."

"Mas, com toda a vossa vasta reserva de conhecimento, não existe outro meio que pudésseis empregar?", insisti.

"Não para obter os mesmos resultados", respondeu Zunklehorn prontamente. "Não possuo o poder de materializar a voz como alguns médiuns conseguem fazer. Tenho de empregar um instrumento — um

instrumento vivo, com pulmões e cordas vocais para que os espíritos as utilizem… Mas devo interromper-me agora; a jovem está à porta."

Ouviu-se uma tímida pancada e a jovem entrou. Talvez eu não devesse chamá-la jovem, pois a figura que surgiu parecia pouco mais do que uma criança de dez anos, embora Zunklehorn me tivesse dito anteriormente que já completara catorze.

Seria difícil descrevê-la. Parecia a criatura mais etérea que eu alguma vez vira. Tinha feições belíssimas, uma cabeça semelhante a um camafeu grego pousada sobre ombros delicados, cabelos claros que se prendiam como uma coroa de ouro e olhos semelhantes a fragmentos de céu lavado pela chuva ao romper da aurora.

Correndo para Zunklehorn, subiu-lhe para os braços como uma criança que regressa a casa após longa ausência. Era uma imagem inesquecível: o velho mago, envolto no seu manto púrpura coberto de signos do Zodíaco, o rosto enrugado e amarelado pela idade encostado à face pálida da pequena visitante.

"Mein Herr Doktor", disse ela, beijando-o, "estou tão feliz por vir. Pensei que nunca mais mandaria chamar-me. Não me tenho sentido forte ultimamente — fareis com que me sinta melhor, não fareis, Mein Herr? Quero crescer como as outras raparigas e sair para o mundo, trabalhar e realizar grandes coisas."

Havia um tom de tristeza na voz do velho quando respondeu: "Sim! A pequena Fraulein terá um bom sono esta noite e sentir-se-á melhor. Mas ela ainda não reparou que tenho um visitante; um amigo da grande cidade de Londres."

Sem o menor sinal de timidez, a pequena Fraulein aproximou-se de mim e, tomando ambas as minhas mãos nas suas, ergueu o olhar com expressão melancólica.

"Oh, gentil senhor", disse ela ingenuamente, "falai-me de Londres. Tenho imagens dela, livros sobre ela; aprendi inglês para um dia poder lá ir. Levareis comigo quando regressardes?"

"Receio, pequena Fraulein, que o vosso doutor Zunklehorn jamais consentisse nisso."

“Oh, sim, consentiria. Ensinar-vos-ia como me adormecer… e talvez também ele fosse convosco — não é verdade, Mein Herr?”

“Talvez mais tarde isso possa ser arranjado, mas, entretanto, pequena Fraulein, quero que concentreis agora o vosso espírito em adormecer.” O velho tomou-a suavemente pela mão e deitou-a num divã.

Já assistira muitas vezes a sessões espíritas em que médiuns entravam em transe, mas nunca antes vira alguém mergulhar tão facilmente nesse estado. Zunklehorn apenas precisou de fazer alguns passes com as mãos sobre a cabeça dela para que a frágil figura relaxasse numa condição de total inconsciência.

Só então o velho mago afastou as cortinas negras que ocultavam a parte superior do grande estúdio. Vi que preparara antecipadamente algum invulgar ritual místico; vários braseiros com incenso já ardiam. Traçou um grande círculo de giz que envolvia o pequeno banco onde eu estava sentado e, apagando os candeeiros que iluminavam a sala, tomou o seu lugar no centro do círculo. Numa voz monótona, quase cantada, começou uma invocação numa língua que eu não conseguia compreender; as únicas palavras que distinguia eram “Adonai, Adonai”, que pareciam concluir cada frase.

Ao princípio, a escuridão parecia opressiva. Depois, um clarão verde-pálido surgiu no canto mais afastado da sala, junto da jovem adormecida. Tornou-se cada vez mais intenso até adquirir a forma de uma espécie de coluna da altura de um homem.

Pouco depois começou a aproximar-se de uma figura humana, com uma cabeça desmesuradamente grande em relação ao corpo delineado. À medida que se aproximava do divã, o corpo da rapariga foi sacudido por convulsões e, subitamente, uma torrente de frases fragmentadas pareceu jorrar da sua boca. Falava rapidamente em alemão, mas as únicas palavras que consegui distinguir foram “Senhor” e “Mestre”, seguidas de um murmurado: “Estou ao vosso serviço.”

Zunklehorn interrompeu as suas invocações. Com voz profunda e sonora, exclamou: “Fala, ó Poderosa Alma! Quem és tu que vens do silencioso Além?”

Através dos lábios da médium surgiu então uma voz profunda e autoritária: “Eu sou Frederico, chamado o Grande, Rei da Prússia e Margrave de Brandemburgo. Porque me chamas?”

Confesso que um estranho arrepio percorreu os meus nervos ao ver a forma etérea definir-se com maior nitidez. Era fácil reconhecer a semelhança com a figura clássica de Frederico, o Grande, tão familiar a todos os que conheciam o seu retrato na Galeria Nacional de Berlim.

Seguiu-se um longo interrogatório entre Zunklehorn e a aparição, sendo as respostas transmitidas através da médium em transe, enquanto Zunklehorn anotava rapidamente cada palavra.

Em essência, tratava-se de um solene aviso de que o Kaiser e a Alemanha corriam precipitadamente para a desgraça; que a guerra estava a pouco mais de um ano de distância; que começaria no final de Julho de 1914; que o Senhor da Guerra seria derrubado em 1918, partiria para o exílio e a sua dinastia cairia em ruínas. O seu período fatal começaria em 1913, mas a queda rumo à destruição só chegaria em 1914.

A voz cessou. A aparição desvaneceu-se lentamente. Zunklehorn acendeu novamente os candeeiros, fechou as cortinas negras tal como estavam antes e, tomando a jovem nos braços com ternura, levou-a para uma sala contígua, deixando-a ali ainda mergulhada num sono profundo.

Foi uma das manifestações mais impressionantes a que alguma vez assisti. Enquanto caminhava pela noite, empurrado pelas multidões na rua a caminho do hotel, não conseguia deixar de maravilhar-me com a tenuidade do véu que separa o visível do invisível.

É sabido por muitos que Zunklehorn tentou fazer chegar um aviso ao Kaiser, mas, tendo sido afastado da corte, fracassou no seu propósito. A Alemanha encontrava-se no auge do seu poder; “a Alemanha conquistará o mundo” era o clamor ouvido por toda a parte. Zunklehorn, que morreu em Berlim em 1917, viveu apenas o suficiente para ver a sua amada pátria aproximar-se cada vez mais da ruína que lhe fora anunciada naquele tranquilo Verão de 1913.

A pequena Fraulein nunca visitou Londres; como tantas outras jovens alemãs, apesar da sua fragilidade, foi integrada nos serviços da Cruz

Vermelha e encontrou a morte devido à explosão de uma granada inimiga num hospital de retaguarda na Bélgica.

CAPÍTULO XII

MADAME GUTJEN SUND,

A MÉDIUM SUECA, E RASPUTINE

Madame Gutjen Sund foi durante muitos anos célebre como médium em São Petersburgo. Tinha numerosos seguidores nos círculos da corte e, antes da ascensão de Rasputine, realizava diariamente sessões espíritas com o czar e a czarina. Corria o rumor de que fora Madame Sund quem apresentara Rasputine ao czar. Outra versão afirmava que fora Anna Vyroubova, a dama de honor favorita da czarina, quem primeiro levara "o Monge" ao palácio.

Madame Sund causou-me a impressão de ser uma mulher simples e bondosa, exercendo uma influência benéfica sobre todos aqueles que caíam sob o seu fascínio. Possuía, sem dúvida, capacidades extraordinárias para receber mensagens dos chamados mortos. Em estado de transe parecia apenas um simples instrumento através do qual espírito após espírito falava.

Embora apenas conhecesse alemão, russo e a sua língua natal, o sueco, ouvi frequentemente espíritos falarem através dela em quase todas as outras línguas conhecidas. Numa ocasião, durante uma sessão na residência do meu amigo, o ministro dos Negócios Estrangeiros, Monsieur Isvolsky, cujo apartamento dava para o Palácio de Inverno, um espírito que falava inglês insistiu em dirigir-se a mim. Tratava-se do célebre "John King", famoso em todos os círculos espíritas.

Esse espírito, durante a sua vida terrena, fora William de Morgan, nomeado pelos ingleses governador das Bermudas para impedir que os seus navios saqueassem embarcações mercantes britânicas nas Índias Ocidentais, como fizera anteriormente com navios espanhóis carregados de tesouros vindos do México e do Peru.

Por alguma razão que não consigo explicar, "John King" parecia interessar-se profundamente por mim. Nunca assistia a uma sessão sem que

ele manifestasse a sua presença. Tratava-me sempre por “Cheiro, meu rapaz”.

A sua voz grave tornava-se por vezes tão poderosa que se podia ouvir cada palavra muito para além da sala da sessão. Na ocasião em questão, no apartamento do ministro Isvolsky, falou com extraordinária clareza acerca da situação russa durante a Guerra Russo-Japonesa. Previu que os japoneses seriam vitoriosos e aconselhou que a paz fosse concluída o mais rapidamente possível. Predisse também a chegada, alguns anos mais tarde, de uma guerra ainda mais desastrosa, na qual a dinastia Romanov seria completamente destruída.

Perante tal previsão, todos riram com desprezo — uma coisa dessas seria impossível, diziam.

A resposta de “John King” foi: “O Destino já está a tecer o desenho que trará isso à realidade. Daqui a dez anos começará o período fatal.” Depois, voltando-se para a médium, acrescentou com voz extremamente autoritária: “Advirto-vos, Madame, de que a vossa hora se aproxima. Já conhecestes o homem que provocará tudo isto.”

Nenhum dos presentes fazia ideia de que Madame Sund conhecera Rasputine apenas alguns dias antes e já o conduzira ao Palácio de Peterhof.

Uma das previsões de Madame Sund foi a de que “o pequeno czarevitch não viveria para alcançar o trono”.

Sabendo como as mentes do czar e da czarina haviam sido influenciadas pela previsão de Madame Sund, Rasputine, graças ao seu extraordinário poder hipnótico, convenceu-a a dirigir-se à imperatriz e declarar que se enganara; que fora convertida por um santo padre capaz de realizar milagres e que acreditava que esse homem poderia salvar a vida do czarevitch.

A czarina ordenou-lhe imediatamente que levasse Rasputine ao palácio. Ele surgiu arrogante e impressionante; entrando a passos largos na presença imperial, exclamou com voz profunda e sonora: “Arrependei-vos, vós que vestis púrpura; arrependei-vos, vós que trajais ouro e prata.”

A imperatriz ficou tão impressionada que caiu de joelhos, e o séquito da corte testemunhou o espantoso espetáculo da consorte do Imperador de

todas as Rússias ajoelhada diante de um homem de aspeto selvagem vestido com hábitos de monge.

Poucos dias depois surgiu a oportunidade de Rasputine. O czarevitch adoecera com uma febre que os médicos da corte não conseguiam debelar.

A imperatriz mandou chamar Rasputine. Ele apareceu mais arrogante do que nunca. Foi um dos médicos presentes quem mais tarde me descreveu a cena. Disse-me: "Eu encontrava-me com os outros médicos da corte reunidos em torno do leito do herdeiro do trono, que arquejava em busca de ar. De repente, Rasputine entrou a passos largos. Não deu qualquer sinal de ter visto a czarina, mas gritou: 'Afastai-vos, incrédulos! Afastai-vos! Isto é obra da fé!'"

"Os médicos, sobressaltados, recuaram enquanto a imperatriz avançava. Ajoelhando diante de Rasputine, clamou: 'Meu Padre — salvai o meu filho!'"

"'Expulsai estes cães!', rugiu o monge, lançando olhares flamejantes aos rostos ultrajados dos médicos."

"A um sinal da imperatriz, quase todos os médicos abandonaram a sala, mal conseguindo a etiqueta imperial impedir que manifestassem abertamente o seu desprezo."

"Então, como Eliseu que ressuscitou o filho da viúva, Rasputine inclinou a sua enorme figura sobre o pequeno czarevitch. Estendeu-se sobre a Esperança da Rússia Imperial na forma de uma cruz. A imperatriz, os cabelos caídos sobre os ombros, ajoelhou-se aos pés da cama, e as lágrimas maternas caíam como chuva."

"Então aconteceu o milagre."

"Os médicos haviam dito que apenas um sono natural poderia salvar a criança."

"Rasputine ergueu-se subitamente da cama e colocou-se diante da imperatriz. 'Contempla o teu filho!', exclamou, com a voz ecoando pelo vasto aposento."

"O pequeno czarevitch dormia pacificamente, as mãos relaxadas sobre a rica colcha, enquanto o rubor ardente da febre desaparecia lentamente das suas faces."

"Num ímpeto de gratidão, o czar ofereceu a Rasputine um milhão de rublos; a czarina cumulou-o de presentes, mas, acima de tudo, a sua influência ficou definitivamente consolidada — nada a poderia abalar daí em diante."

"Uma vez no poder, afastou Madame Sund. Ela morreu pouco tempo depois, vítima de uma doença misteriosa."

"Rasputine pronunciou o seu epitáfio: 'Ela terminou — o meu trabalho começou.'"

Como já tratei em grande detalhe, nas minhas memórias recentemente publicadas, da carreira de Rasputine e da sua extraordinária morte às mãos do príncipe Youssoupoff, não prosseguirei mais com a vida de um homem que desempenhou papel tão importante no palco dos assuntos russos quando a longa dinastia dos Romanov caminhava para a sua ruína.

CAPÍTULO XIII

UMA ESTRANHA EXPERIÊNCIA

COM EUSAPIA PALLADINO, DE ITÁLIA

Esta mulher, considerada a mais célebre médium física dos tempos recentes, era uma camponesa napolitana que, desde a infância, demonstrara possuir extraordinários poderes mediúnicos.

Os seus fenómenos foram investigados por muitos dos mais distintos cientistas de Itália, França, Inglaterra e Alemanha, os quais concluíram que as suas manifestações eram genuínas expressões provenientes do mundo espiritual ou resultado da acção de alguma força até então desconhecida.

Em 1892, um grupo de cientistas, entre os quais os professores Schiaparelli, Brofferio, Gerso e M. Aksakoff, juntamente com os professores Richet e Lombroso, realizou em Milão uma série de investigações acerca das manifestações de Palladino sob as condições mais severas imagináveis.

Os fenómenos consistiam na materialização de mãos espirituais, na levitação de mesas pesadas e peças de mobiliário num raio de cerca de um metro, e na oscilação do peso da médium em cerca de oito quilos, comprovada por uma balança instalada na sala das sessões.

Alguns anos mais tarde, sobretudo em 1908 e 1909, as suas demonstrações foram investigadas em Cambridge, Inglaterra, por Sir Oliver Lodge, Dr. Ochorowicz e o professor Sidgwick, e em Paris por Camille Flammarion, o professor Morselli e Monsieur e Madame Curie, os quais concluíram igualmente que estavam perante alguma força misteriosa e desconhecida.

A minha própria experiência pessoal com Palladino foi algo invulgar. Enquanto me encontrava hospedado na Villa La Florideana, em Nápoles, propriedade de um rico americano, o major Alexander Henry Davis, numa tarde de domingo o nosso anfitrião perguntou aos seus convidados "que divertimento deveria proporcionar-lhes".

Como o nome de Palladino estava então na mente de todos (1903-1904), sugeriu-se que ela fosse chamada à villa. Sem hesitar, o major Davis enviou uma carruagem para a ir buscar e, em menos de uma hora, ela chegou.

Estávamos sentados numa biblioteca ao fundo de uma escadaria de mármore branco, uma ampla e elegante sala com numerosas janelas oferecendo uma magnífica vista sobre a célebre Baía de Nápoles, quando um criado anunciou: "Signora Eusapia Palladino."

Todos se voltaram para a entrada e viram uma pequena mulher de aspeto tímido parada no topo da escadaria de mármore.

O major Davis, falando em italiano, deu-lhe as boas-vindas e, lamento dizê-lo, acrescentou num tom algo trocista: "Signora, ouvimos falar dos vossos poderes como 'movimentadora de móveis', por isso mandei chamar-vos para mostrar aos meus convidados alguns dos vossos truques.

Suponho que desejareis as cortinas fechadas e o aposento o mais escuro possível."

Muito timidamente, a pequena mulher respondeu: "Não, Signore. Por vezes obtenho resultados tão bons à luz como na escuridão, mas não posso prometer nada. Apenas farei o melhor que puder para vos mostrar resultados."

O major Davis acendeu um charuto invulgarmente comprido e retirou-se para uma posição junto a um pesado arcaz de carvalho colocado entre duas janelas no fundo da sala.

Palladino desceu lentamente a escadaria e, pensei eu, olhou de modo algo assustado para a meia dúzia de espectadores espalhados pelas várias partes da sala.

Não pude deixar de sentir pena dela. Fossem quais fossem os seus poderes de levitação, parecia uma provação cruel colocá-la naquela sala intensamente iluminada, com o major Davis ao fundo, observando cada movimento seu com olhar penetrante, enquanto o fumo do enorme charuto parecia formar um gigantesco ponto de interrogação acima da sua cabeça.

O major Davis era um homem muito rico, pouco preocupado com o que gastava nos seus divertimentos; mas a expressão sarcástica do seu olhar deixava claro que, desta vez, considerava o dinheiro perdido e acreditava que absolutamente nada aconteceria.

Palladino avançou um pouco mais para o centro da sala. Tinha a boca ligeiramente aberta e os lábios moviam-se rapidamente. Pareceu-me que rezava silenciosamente — e talvez realmente o fizesse.

De súbito, os seus olhos pareceram fixar-se numa enorme mesa de mármore colocada diante dela. Estendeu as mãos na direção da mesa e toda a sua aparência se transformou. Já não era a pequena mulher tímida que momentos antes hesitara no topo da escadaria; agora erguia-se em toda a sua altura, com cada membro do seu corpo frágil tenso ao máximo.

Então aconteceu algo extraordinário: em plena luz do dia, todos os presentes viram duas longas linhas de matéria esbranquiçada saírem das suas mãos estendidas e alcançarem a mesa.

Eu já tinha alguma experiência daquilo a que se chama "ectoplasma", especialmente em relação às experiências conduzidas por Sir William

Crookes em Londres. Muitos cientistas que tinham assistido às demonstrações de Palladino concordavam que ela possuía, de algum modo, a capacidade de produzir "ectoplasma" em grau extraordinário; contudo, era a primeira vez que eu observava tal fenómeno em plena luz do dia.

Mas retomando o relato: no instante em que aquelas linhas de força esbranquiçada tocaram a mesa, esta começou a mover-se. Era uma mesa invulgarmente grande e pesada, cujo tampo era formado por uma única peça maciça de mármore de Carrara. Primeiro moveu-se lentamente, depois com maior rapidez, e para espanto de todos parecia impelida por uma força irresistível na direção do local onde o major Davis se encontrava.

Palladino não saiu da posição que ocupara no centro da sala. Permaneceu imóvel como uma estátua, as mãos estendidas em direção à mesa, mas com uma expressão vazia nos olhos, como se nada do que acontecia lhe despertasse interesse.

A mesa aproximava-se rapidamente do major Davis. Ele continuava a fumar o enorme charuto enquanto uma expressão de incredulidade se espalhava lentamente pelo rosto.

Por fim, a extremidade da mesa alcançou-lhe a cintura e começou a empurrá-lo firmemente contra o arcaz de carvalho atrás dele. O major Davis não era homem que cedesse facilmente; apenas quando percebeu que a sua força de vontade era inútil acabou por pedir ajuda. Sir Fletcher Moulton, o eminente advogado, e eu próprio corremos em seu auxílio. Tentámos empurrar a mesa para trás, mas os nossos esforços combinados revelaram-se inúteis.

Chamaram-se então os criados — quatro homens robustos — que se lançaram igualmente sobre a mesa, mas a pressão contra o major continuava a aumentar. Não sei o que teria acontecido se eu não tivesse agarrado Palladino e arrastado o seu corpo frágil para entre a extremidade da mesa e o major Davis. Ela parecia em estado de transe e não dava sinais de perceber o que se passava; porém, no instante em que colocou as mãos sobre a mesa iniciou-se um movimento inverso, e esta começou lentamente a recuar, continuando a mover-se até regressar ao centro da sala, de onde partira.

Depois dessa experiência, o major Davis não desejou quaisquer outras demonstrações de "movimentação de móveis".

CAPÍTULO XIV

ALGUNS OCULTISTAS MODERNOS:

MADAME BLAVATSKY,

FUNDADORA DA SOCIEDADE TEOSÓFICA

Helena Petrovna Blavatsky nasceu em Ekaterinoslav a 31 de Julho (calendário antigo) de 1831. Era filha do coronel Peter Hahn, membro de uma família de Mecklenburg estabelecida na Rússia.

No seu décimo sétimo ano casou-se com Nicephore Blavatsky, um funcionário russo do Cáucaso muito mais velho do que ela, de quem se separou poucos meses depois do casamento. Nos anos posteriores descreveu essa união como um casamento apenas nominal, fosse qual fosse o significado exato dessa expressão.

Durante os vinte anos seguintes viajou extensamente pelo Canadá, México e Índia, tentando por duas vezes entrar no Tibete. Falava vagamente de uma permanência de sete anos no "Pequeno e Grande Tibete" e num "retiro dos Himalaias". Em 1858, quando tinha vinte e sete anos, regressou à Rússia, onde causou grande sensação como médium espírita.

Aos trinta e nove anos tornou-se figura destacada entre os espiritualistas dos Estados Unidos, onde residiu durante seis anos, chegando mesmo a naturalizar-se americana (?).

Cinco anos mais tarde, em 1875, concebeu a ideia de combinar o "controlo espiritualista" com lendas budistas acerca de sábios tibetanos. A partir dessa data decidiu excluir qualquer controlo que não viesse de adeptos tibetanos ou "Mahatmas". Declarava que esses "Mahatmas" lhe mostravam os seus corpos astrais e "precipitavam" mensagens que chegavam até ela em Nova Iorque num instante, permitindo-lhe converter céticos.

Em Nova Iorque, a 17 de Novembro de 1875, com a ajuda do coronel Henry Olcott, fundou a Sociedade Teosófica, cujo objetivo era formar uma fraternidade universal da Humanidade e desenvolver os poderes divinos latentes no homem.

De Nova Iorque retirou-se durante algum tempo para a Índia e depois seguiu para Londres, onde fundou a secção inglesa da Sociedade Teosófica e onde viria a morrer a 8 de Maio de 1891.

À data da sua morte era a reconhecida líder de uma comunidade de não menos de cento e cinquenta mil pessoas espalhadas por todas as partes do mundo.

Madame Blavatsky foi uma das mulheres mais notáveis dos tempos modernos.

Quando a conheci pela primeira vez, na sede da Sociedade Teosófica em Avenue Road, onde residia, eu encontrava-me na minha primeira temporada em Londres, em 1889.

Numa tarde, perto do final de Março desse ano, recebi uma mensagem dizendo que Madame Blavatsky gostaria que eu a visitasse nessa mesma noite às nove horas.

Aceitei sem hesitação. Considerava-me altamente honrado por ser convidado a conhecer uma mulher tão extraordinária, cujos feitos enchiam os jornais havia muitos anos.

Cheguei pontualmente à hora marcada e fui imediatamente conduzido por uma criada idosa a um amplo salão.

Após esperar talvez dez minutos, pesadas cortinas de veludo ao fundo da sala foram afastadas, revelando a célebre mulher meio reclinada num divã na extremidade do salão interior.

"Cheiro", disse ela com voz suave e melodiosa, "fico feliz por vos receber. Ouvi falar do vosso sucesso de muitas fontes, mas, sendo tão jovem, receio que tanta adulação vos suba à cabeça. Compreendeis de que fonte derivam os vossos poderes de previsão?"

"Não, Madame", respondi, "receio só poder atribuir o mérito a longos anos de estudo e ao meu mais sincero desejo de ajudar aqueles que me procuram para consulta."

"Muito bem respondido", sorriu ela, "mas isso não atinge a questão principal. Não percebeis que sois nada menos do que uma 'encarnação', forçada a regressar a esta existência para concluir uma obra que não completastes quando aqui vivestes anteriormente?"

“Sou completamente ignorante dessas coisas, Madame”, respondi. “Sou apenas um humilde buscador de conhecimento, qualquer que seja a sua forma, e ficarei muitíssimo grato por qualquer esclarecimento que tenhais a bondade de me oferecer.”

“Sentai-vos aqui”, disse ela, indicando-me uma cadeira baixa junto ao divã.

Começou então uma estranha conversa, demasiado complexa para ser reproduzida palavra por palavra, mas que jamais esqueci.

Em resumo, afirmou ter recebido uma comunicação segundo a qual eu seria a reencarnação do célebre Cagliostro do tempo de Luís XVI; que a minha carreira seria, em termos gerais, muito semelhante à dele; que influenciaria reis, rainhas e o povo comum a acreditar no ocultismo como se fosse uma religião; mas que, devido à época diferente em que vivia, viajaria muito mais do que Cagliostro e que o fim da minha vida seria muito diferente do dele.

“Fico contente por isso”, sorri, “porque, pelo que li, Cagliostro terminou os seus dias num calabouço em Roma ou, segundo outros, suicidou-se na prisão.”

“Ambas as suposições estão erradas, meu amigo”, respondeu ela com um ligeiro desdém perante a minha ignorância. “Cagliostro escapou aos seus carcereiros graças a um elixir que transportava secretamente consigo. Utilizou-o no momento combinado para simular um estado de morte. O seu suposto cadáver foi retirado da cela e lançado ao Tibre pelos guardas da prisão de San Leo. Nadou até à outra margem do rio e viveu ainda muitos anos.”

“Mas, Madame”, perguntei, “se o grande Cagliostro conseguiu escapar, certamente não teria ficado satisfeito em viver no esquecimento até ao fim dos seus dias.”

“Meu amigo”, respondeu ela num tom triste, “sois demasiado jovem para compreender o que significa o amor. Não percebeis que Lorenza, a mulher que Cagliostro amava mais do que a própria vida, morrera enquanto ele estava preso. Viveu apenas para ela; por ela alcançou fama; por ela conquistou riquezas para que pudesse possuir joias. Depois de ela partir,

nada mais lhe restou senão o esquecimento; não concluiu o seu dever para com a Humanidade. É por isso que o seu espírito reencarnou em vós."

"Mas, Madame", repliquei, "nem nos meus sonhos mais extravagantes conseguiria imaginar-me a seguir os passos de um homem que contava reis entre os seus amigos, acumulou grande fortuna, curou os doentes e atravessou a Europa como um brilhante meteoro. Não, Madame, tal sonho é demasiado grandioso."

"Escutai", sorriu ela, "eu também posso fazer previsões. Estais apenas a meio da vossa primeira temporada em Londres e já conquistastes um nome. Também vós fareis amizade com reis; também vos tornareis rico; também curareis os doentes. Na minha visão vejo-vos mais tarde inclinado sobre cadinhos, não para procurar para vós o chamado 'elixir da vida', como Cagliostro fez, mas para extrair de ervas e plantas remédios curativos e salvadores."

"Quando isso acontecerá não sei, mas estou absolutamente certa de que acontecerá."

Falava com tal convicção em cada inflexão da voz que senti ser inútil argumentar contra as suas ideias. Limitei-me a permanecer sentado e a escutar.

Como alguém inspirado, continuou as suas previsões acerca do meu futuro, mas receio parecer egotista se reproduzir aqui as suas palavras.

A parte relativa a Cagliostro não produziu qualquer efeito sobre o meu espírito; simplesmente não conseguia acreditar nela.

Quando me levantei para partir, disse-me: "Voltai amanhã e conversaremos mais longamente."

Enquanto regressava aos meus aposentos, os mesmos pensamentos atravessaram-me o espírito que tivera após a minha primeira entrevista com o Honorável Arthur James Balfour e outras personalidades: um profundo sentimento de gratidão pelo estudo que me colocava em contacto com pessoas tão extraordinárias.

Até então eu não lera nenhuma das obras de Madame Blavatsky, como *Isis Unveiled* ou *The Secret Doctrine*. Apenas ouvira falar dela através de muitos dos meus clientes, e maravilhava-me com o interesse amável que

demonstrara por mim, aguardando com entusiasmo o reencontro na noite seguinte.

Pontualmente às nove horas apresentei-me novamente na casa de Avenue Road. A célebre mulher recebeu-me calorosamente. Sentada numa grande poltrona, indicou-me um assento baixo ao seu lado.

Afastando uma pilha de papéis sobre a pequena mesa ao lado, estendeu-me ambas as mãos, para meu espanto. “Cheiro”, disse ela, “ouvi tanto acerca da vossa exatidão em prever o fim da vida das pessoas que desejo que me digais quanto tempo ainda terei de esperar pela minha libertação.”

“Madame”, balbuciei, “não ousaria. Além disso, certamente sabeis essas coisas muito melhor do que eu poderia dizê-las.”

“Quero confirmar algumas das minhas próprias teorias”, respondeu. “Nada do que disserdes me causará choque. Talvez até me seja útil. Nessas circunstâncias, não fareis esse esforço?”

Levantei os olhos — os nossos olhares cruzaram-se. Que olhos maravilhosos ela possuía! Eram simultaneamente suaves e dominadores; pareciam penetrar-me até à alma.

Pegando num lápis, apontou para o ponto onde a Linha da Saúde parecia cortar a Linha da Vida. “Aqui está o fim”, disse ela, “mas dai-me o ano exato, ou pelo menos aproximado. Nasci na noite de 31 de Julho de 1831, em Ekaterinoslav, no sul da Rússia. No meu décimo sétimo ano casei-me, no início de 1849. O que vos diz o vosso sistema de ‘Números Fádicos’ a partir desses números?”

“Que as séries de quatros e oitos contêm os segredos da vossa vida, Madame”, respondi. “Permiti-me explicar.”

Tomando-lhe o lápis, escrevi “31 de Julho”. “Somando 3 e 1, obtém-se o dígito final 4. Somando o ano de nascimento — 1831 — temos 13, ou novamente 4 como número final. A oposição zodiacal a 31 de Julho é a Casa de Saturno, chamada ‘Casa do 8’. O vosso casamento no décimo sétimo ano também produziu um 8, indicação extremamente desfavorável. O ano de 1849, somado, resulta em 22, cujo dígito final é igualmente 4.”

“Na vossa mão, a Linha do Destino sobe desde o pulso até à base do segundo dedo, chamado Monte de Saturno. A Linha da Saúde corta a Linha

da Vida por volta do sexagésimo segundo ano, mas no vosso quinquagésimo oitavo ano, regido pelo número 4, atingireis o número fádico do vosso signo natal. Contudo, a vossa indomável força de vontade poderá prolongar-vos um pouco para além dessa idade, sobretudo porque, à data do vosso nascimento, o Sol — o Doador da Vida — estava a entrar na Casa negativa de Mercúrio."

Olhando-me diretamente nos olhos, disse: "Obrigada, Cheiro. Dissestes-me exatamente aquilo que desejava saber. Para vossa satisfação pessoal, posso dizer-vos que, desde que entrei no meu quinquagésimo oitavo ano em Julho passado, as minhas forças têm diminuído rapidamente. O coração tem-me causado considerável preocupação. O vosso aviso far-me-á bem, pois agora porei os meus papéis em ordem e preparar-me-ei seriamente para o pouco tempo que me resta."

Mudando então abruptamente de assunto, como se tivesse virado a página de um livro, passou a fazer uma breve e clara exposição da doutrina da Teosofia, explicando muitos dos princípios da filosofia hindu com os quais eu entrara em contacto durante a minha permanência na Índia.

Depois voltou-se de súbito para mim e disse: "Meu amigo, gostaria que vos tornásseis membro da Sociedade Teosófica. Não há tempo a perder. Aceitais aderir agora?"

Durante alguns momentos fiquei sem saber o que responder. Sabia perfeitamente, e apreciava profundamente, que aquela mulher extraordinária desejava fazer-me bem; contudo, não me sentia capaz de aceitar a sua amável proposta.

"Madame", respondi, "pode parecer estranho, mas há muitos anos tomei a resolução de permanecer independente de todas as seitas, religiões ou comunidades, por mais úteis que possam ser. Aprecio sinceramente a vossa oferta, mas não posso juntar-me a sociedade alguma. Sinto que, no interesse do meu tipo particular de trabalho, devo permanecer um 'lobo solitário' até ao fim."

Madame Blavatsky permaneceu silenciosa durante alguns instantes; depois disse muito calmamente: "Talvez tenhais razão. Talvez, permanecendo independente, possais escapar às pequenas invejas que se escondem por detrás de todas as sociedades e organizações. Um 'lobo solitário' também pode ter as suas compensações, afinal."

Nunca mais voltei a encontrar esta mulher extraordinária. No ano seguinte parti para a América e, enquanto lá me encontrava, li nos jornais a notícia da sua morte, ocorrida dois anos mais tarde.

Antes de falecer, ainda me prestou mais um gesto de bondade. Enviou-me um cartão de apresentação para a senhora Annie Besant, destinada alguns anos depois a ocupar o seu lugar como chefe da Sociedade Teosófica.

CAPÍTULO XV

A SENHORA ANNIE BESANT,

WILLIAM Q. JUDGE,

A SENHORA KATHERINE TINGLEY E KRISHNAMURTI

Talvez não exista, nos anais do ocultismo moderno, mulher mais conhecida, fora Madame Blavatsky, do que Annie Besant, que desde a sua eleição em 1907 foi, durante vinte e seis anos, a reconhecida líder da Sociedade Teosófica da Grã-Bretanha e da Índia, até à sua morte em Setembro de 1933.

Conheci a senhora Besant por intermédio de uma apresentação feita por Madame Blavatsky e tirei impressões das suas mãos singularmente interessantes a 22 de Julho de 1894, as quais publiquei na minha célebre obra *Cheiro's Language of the Hand* no ano seguinte.

O início da vida desta mulher extraordinária não fazia supor à maioria das pessoas que o destino a conduziria a tornar-se líder de uma comunidade ocultista que, sob a sua orientação, viria a exercer enorme influência em várias partes do mundo.

Quando assumiu a presidência em 1907 existiam apenas onze secções, ou sociedades nacionais, representando a Teosofia. À data da sua morte, em 1933, acrescentara nada menos do que trinta e seis ramificações à sociedade original.

Annie Besant nasceu em Londres, na manhã de 1 de Outubro de 1847, sob o signo zodiacal de Balança, a Balança, casa negativa de Saturno e Vénus, com oposição de Marte em Carneiro no lado oposto do Zodíaco. O seu pai, William Pagewood, embora inglês de nascimento, possuía muito

sangue irlandês nas veias. A mãe da senhora Besant era irlandesa, e ela sempre falou da sua ascendência irlandesa com grande orgulho.

No seu vigésimo ano, em 1867, casou-se com o reverendo Frank Besant, que mais tarde se tornou vigário de uma paróquia rural no Norte de Inglaterra. Seis anos depois, em 1873, obteve separação judicial, embora o casamento tenha continuado oficialmente até à morte do marido, em 1917. Esta união terminou em discórdia devido ao facto de Annie Besant contestar os dogmas da Igreja de Inglaterra e se tornar uma "livre-pensadora".

Um dos episódios mais sensacionais da sua juventude foi a associação com o célebre Charles Bradlaugh, também "livre-pensador", que conheceu pela primeira vez em 1874. Dessa relação resultou o famoso processo judicial de dois anos mais tarde, no qual ambos foram condenados a pesada multa e prisão pela publicação de um panfleto defendendo a "Doutrina de Malthus" acerca do controlo da natalidade.

Essa severa sentença acabou por ser anulada por uma questão técnica, após uma das mais brilhantes defesas jamais ouvidas num tribunal, conduzida por Bradlaugh e Annie Besant.

A aliança da senhora Besant com o famoso "livre-pensador" Charles Bradlaugh prolongou-se pelos dez anos seguintes e apenas terminou quando, para espanto de milhares, ela se tornou membro da Sociedade Teosófica e discípula de Madame Blavatsky.

A partir desse momento, Annie Besant passou a utilizar a sua eloquência como oradora pública e os seus muitos talentos ao serviço da difusão dos princípios da sua nova religião. Após a morte da sua mestre, Madame Blavatsky, foi unanimemente eleita presidente da Sociedade Teosófica em 1907.

A senhora Besant viajou extensamente, realizando numerosas conferências nos Estados Unidos, Canadá, Austrália, Nova Zelândia e Índia. As difíceis condições da Índia despertaram-lhe profunda simpatia, ao ponto de, em 1893, estabelecer praticamente a sua residência em Adyar, Madras, onde viria a falecer a 20 de Setembro de 1933, poucos dias antes de completar oitenta e seis anos.

Pouco antes da morte passou por uma experiência singular, permanecendo durante alguns dias num estado de inconsciência, do qual era ocasionalmente despertada graças à acção de um círculo de amigos teosofistas sentados à sua volta, transmitindo-lhe as suas forças vitais até ao momento da sua morte.

O interesse da senhora Besant pela Índia e pela raça hindu em geral tornou-se tão intenso que fundou o Central Hindu College em Benares, estabeleceu a Liga Indiana para o Governo Autónomo e tornou-se sua dirigente em 1916. Em 1917 foi nomeada presidente do Congresso Nacional Indiano.

Nos últimos anos da sua vida, a influência que exercia sobre a população nativa tornou-se tão poderosa que, se tivesse menos vinte anos, teria representado séria ameaça para a administração inglesa da Índia.

A senhora Besant era reformadora e combatente em todos os sentidos da palavra. Não conhecia o significado do medo. Procurava a oposição e, de muitas maneiras, até a estimulava.

Foi alvo de calúnias e escândalos como poucas outras mulheres, mas tais ataques jamais pareceram afetá-la ou desviá-la minimamente do seu propósito.

Por vezes encontrou grande oposição até mesmo entre os seus companheiros teosofistas. Aproximadamente no período em que começou a ganhar notoriedade, surgiu a divisão entre as sociedades americana e inglesa. Após a morte de Madame Blavatsky, William Q. Judge, importante advogado de Nova Iorque, reclamou a liderança e tentou sustentar a sua pretensão apresentando um documento com o selo místico de um dos Mestres Mahatmas da Índia. O original desse selo deveria estar guardado num cofre de aço na sede da Sociedade em Londres, e o documento foi denunciado como falsificação.

William Q. Judge, em Nova Iorque, respondeu às acusações afirmando que o selo do documento, embora exatamente igual ao de Londres, fora colocado através de transferência mística a partir da Índia. A verdade, tanto quanto sei, nunca foi plenamente esclarecida, mas o senhor Judge tornou-se líder da Sociedade em Nova Iorque.

Por essa época da disputa, eu encontrava-me a viver em Nova Iorque quando, numa tarde, William Q. Judge apareceu na minha sala de espera acompanhado de uma mulher extraordinariamente bela, solicitando uma consulta.

Como nunca perguntava nem registava os nomes dos meus consulentes, não fazia ideia de que o homem que entrou era já então o dirigente oficialmente reconhecido da Sociedade Teosófica da América.

Fiquei, contudo, profundamente impressionado com a sua personalidade magnética e dominante, agradando-lhe ao afirmar que naquele momento da sua vida alcançara o auge de qualquer ambição que possuísse; acrescentei, porém, que qualquer honra que tivesse atingido seria de curta duração, pois "já alcançastes o último capítulo da vossa vida".

O efeito das minhas palavras naquele homem robusto foi espantoso. Tombou na cadeira, desmaiado.

Com a ajuda da minha secretária e da senhora que o acompanhava, conseguimos reanimá-lo após cinco ou dez minutos. Então, para meu espanto, em vez de partir imediatamente insistiu para que eu examinasse as mãos da dama.

"Ela é um ano mais nova do que eu", disse. "Que vedes no futuro dela?"

"O ano em que estamos (1896) será um dos mais importantes da sua vida", respondi. "Se esta senhora estiver associada de alguma forma ao vosso trabalho, tomará o vosso lugar e levará essa obra a um sucesso ainda maior do que aquele que vós poderíeis alcançar. Além disso, viverá até idade muito avançada."

Fiquei tão impressionado com a força da personalidade daquela mulher que pedi autorização para recolher impressões das suas mãos. Ela consentiu de bom grado e assinou as cópias: "Katherine A. Tingley, 30 de Maio de 1896."

Foi então que o homem disse: "Talvez vos interesse saber, Cheiro, que eu sou William Q. Judge e que acabastes de prever que esta senhora está destinada a suceder-me como dirigente da Sociedade Teosófica de Nova Iorque. Felicito a Sociedade pela escolha, embora espere sinceramente que a vossa previsão acerca de mim esteja errada."

Poucos meses depois, William Q. Judge morreu subitamente de ataque cardíaco e, nesse mesmo ano, Katherine A. Tingley sucedeu-lhe na presidência da Sociedade.

A senhora Tingley tornou-se figura de grande influência nos círculos teosóficos. Em 1900 estabeleceu uma colónia numa vasta propriedade adquirida em Point Loma, Califórnia, onde construiu o Raja Yoga College e a Universidade Teosófica, juntamente com um teatro grego ao ar livre, considerado um dos mais belos dos Estados Unidos.

A última vez que vi a senhora Tingley foi quando veio dar conferências em Londres no Inverno de 1927-1928. Encontrava-se então no seu septuagésimo quinto ano e aparentava excelente saúde. Morreu dois anos depois, na Suécia, em consequência de um acidente de automóvel.

Voltemos agora ao ponto onde deixei a narrativa acerca da senhora Annie Besant.

A última visita da senhora Besant à América ocorreu em 1926. No quinquagésimo aniversário da fundação da Sociedade Teosófica, declarou em Madras, na Índia, que lhe fora revelado que uma nova reencarnação de Cristo estava prestes a manifestar-se e que essa reencarnação seria, acreditava ela, o seu protegido Krishnamurti.

Quando ambos chegaram juntos a Nova Iorque no ano seguinte, os jornalistas perguntaram a Krishnamurti: “Acredita que é o segundo Cristo?”

Ele respondeu: “Não, mas acredito ser o novo veículo do Mestre do Mundo.”

Cinco anos depois, Krishnamurti afastou-se da senhora Besant e começou a ensinar por conta própria. Há quem afirme que esse afastamento constituiu um golpe do qual ela nunca recuperou inteiramente. Não posso concordar com tal ideia, pois sei pessoalmente que ambos permaneceram excelentes amigos até ao fim.

Tive a felicidade de encontrar a senhora Besant em diversas ocasiões durante as suas visitas a Londres. Numa dessas visitas falámos na mesma tribuna no Psychic Club, em Regent Street. Tal como Madame Blavatsky, insistia sempre para que eu me tornasse membro da Sociedade Teosófica,

mas, certa ou erradamente, mantive sempre a minha ideia de permanecer um “lobo solitário”.

Com a morte da senhora Besant, a Sociedade de que era dirigente sofreu um duro golpe. Quem será o seu sucessor é questão a que apenas o Destino poderá responder.

Creio que Krishnamurti não possui qualquer desejo de assumir semelhante responsabilidade. Tive o prazer de conhecê-lo na Califórnia e de recolher impressões das suas mãos para a minha coleção.

É uma personalidade extraordinária, dotada de uma inteligência superior à comum dos mortais e, ao mesmo tempo, de uma natureza tão simples e gentil que nos leva a admirar a enorme influência que exerce sobre as multidões que percorrem longas distâncias todos os domingos para o ouvir.

Instalou, pelo menos por enquanto, o seu retiro num belo lugar chamado Ojai, cerca de trinta quilómetros a norte de Los Angeles. Ali, na solidão das colinas californianas, onde um Verão perpétuo cobre a paisagem de flores durante todo o ano, este jovem mestre hindu prega a sua filosofia às centenas de homens e mulheres cansados que chegam das cidades vizinhas para o escutar.

Por natureza, o jovem Jiddu Krishnamurti é tão independente de espírito que não permite ser acorrentado por credos, dogmas ou sociedades. É lei para si mesmo — um ser singular que prega a todos o Evangelho do Amor, “uma voz no deserto”, talvez, mas cujos ecos poderão propagar-se muito longe e muito amplamente.

CAPÍTULO XVI

SIR OLIVER LODGE E CAMILLE FLAMMARION

Sir Oliver Lodge nasceu em Penkhull, Staffordshire, Inglaterra, a 12 de Junho de 1851. No seu vigésimo primeiro ano ingressou no University College de Londres, obtendo o grau de Doutor em Ciências cinco anos mais tarde.

A partir daí conquistou rapidamente reconhecimento como um dos grandes homens de ciência do seu tempo.

Não é tão geralmente conhecido quanto deveria ser o facto de Sir Oliver Lodge ter sido o inventor do "coesor", aparelho que mais tarde tornou possível a telegrafia sem fios.

Foi eleito presidente da Society for Psychical Research em 1901, cargo que ocupou durante três anos.

Em 1902 foi armado cavaleiro pelo rei Eduardo VII.

Durante dezanove anos exerceu o cargo de diretor da Universidade de Birmingham, até à sua renúncia em 1919. Foi autor de numerosas obras sobre eletricidade e assuntos científicos, embora as suas publicações posteriores à Grande Guerra tenham sido dedicadas sobretudo à investigação psíquica.

O livro que lhe trouxe maior notoriedade — e também maiores críticas — foi *Raymond*, publicado em 1916, devido às comunicações espirituais entre Sir Oliver e o seu filho Raymond, morto nos primeiros anos da guerra.

Tive a honra de conhecer este homem extraordinariamente notável na Primavera de 1913. Nessa época interessava-se apenas de forma geral pelos assuntos psíquicos que lhe tinham sido apresentados durante o seu mandato como presidente da Society for Psychical Research. Mostrava-se, contudo, profundamente interessado no meu estudo das mãos, e tivemos numerosas longas conversas sobre o tema.

Então surgiu a Grande Guerra, com o terrível tributo de mortes que impôs a tantas famílias. A de Sir Oliver não foi poupada, e o filho que profundamente amava, Raymond, morreu em 1915.

O efeito da morte de Raymond foi extraordinário. Este grande cientista, cuja mente fora treinada durante longos anos para aceitar apenas a evidência mais sólida dos factos materiais, encontrou-se subitamente confrontado com manifestações aparentemente provenientes do mundo espiritual, incompatíveis, à primeira vista, com as suas convicções científicas.

Nunca esquecerei a forma simples e tranquila como me explicou o início dessas manifestações. Certa noite, enquanto estava sentado com a esposa, Lady Lodge, na biblioteca da sua casa nos arredores de

Birmingham, começaram a ouvir-se pancadas muito leves numa peça de mobiliário situada na extremidade oposta da sala.

Recorrendo ao simples método de soletrar letras do alfabeto em voz alta, formou-se um nome — o de Raymond.

A partir dessa noite iniciou-se uma longa série de comunicações, que Sir Oliver, com o seu espírito científico, registava cuidadosamente e de forma metódica. Foram-lhe transmitidas informações precisas acerca das circunstâncias da morte de Raymond e sobre assuntos da sua vida privada, tudo aquilo que Sir Oliver se esforçou por verificar.

Depois, certa noite, surgiu a mais importante de todas as mensagens: o nome e o endereço de uma médium em Londres através da qual Raymond afirmava poder comunicar com maior facilidade.

Sir Oliver respeitou o desejo do filho morto e, durante meses, realizou sessões regulares com a médium, a senhora Leonard, o que resultou na publicação do livro *Raymond* em 1916.

A publicação desta obra causou sensação mundial. Foi citada e comentada talvez em todas as línguas. Vinda da pena do mais célebre homem de ciência de Inglaterra, caiu como uma bomba entre cientistas e céticos.

A decisão de Sir Oliver em publicar tal livro foi violentamente criticada. Muitos articulistas da imprensa, nada entendendo do assunto mas julgando-se chamados a orientar os seus leitores confusos, destacaram-se pela hostilidade. Alguns chegaram ao ponto de afirmar que a morte do filho perturbara o espírito do grande homem; outros exigiam mesmo que a obra fosse proibida. Mas Sir Oliver "manteve-se firme nas suas posições" e não retirou uma única palavra.

Depois desta publicação seguiram-se outras: *Evolution and Creation* (1927), *Science and Human Progress* (1928) e *Beyond Physics*.

Sir Oliver possuía muitos outros interesses para além das investigações psíquicas, entre eles a crença de que seria possível dominar a energia do átomo.

Jamais esquecerei uma memorável tarde passada com ele nos jardins da sua casa em Edgbaston, nos arredores de Birmingham. Tínhamos acabado de regressar de uma visita ao seu laboratório privado na

Universidade quando, falando-me de algumas experiências recentes, declarou com absoluta convicção: "Meu amigo, antes de muitos anos passarem, o átomo será desintegrado por algum investigador através de uma alta voltagem elétrica, libertando-se assim o seu imenso poder para benefício da Humanidade."

Esta predição, nos últimos anos, foi cumprida por uma demonstração feita pelo Professor Miliken, da Universidade Técnica da Califórnia^1. Sir Oliver está hoje no seu octogésimo terceiro ano, mas as suas faculdades estão tão cheias de energia e atividade como sempre.

CAMILLE FLAMMARION

O CÉLEBRE ASTRÓNOMO FRANCÊS

O nome de Camille Flammarion, o famoso astrónomo francês, é demasiado mundialmente conhecido para necessitar de qualquer introdução da minha parte.

Este homem notável, autor de numerosas obras científicas sobre os céus, nasceu em Haute-Marne, França, em 1842. Atingiu a boa idade de oitenta e três anos, partindo para o seu eterno descanso em 1925.

Um dos seus primeiros livros, publicado em 1862, quando estava apenas no seu vigésimo ano, causou uma sensação considerável. Chamava-se *"La Pluralité des Mondes Habités"* (O Número de Mundos Habitados) e, em poucos anos, alcançou a sua trigésima quarta edição.

A lista de livros com o seu crédito seria demasiado longa para dar nestas páginas, mas, nos seus anos de avanço, é notório que todos eles estão eivados de misticismo, do qual era um discípulo sincero e devoto.

Em 1904, saiu da sua pena *"The Unknown and Psychic Problems"*; em 1907, *"Mysterious Psychic Forces"*, e em 1920, 1921 e 1922, o seu livro mais surpreendente, *"Death and its Mystery"*, e *"At the Moment of Death"*, estendendo-se por três partes. Mais tarde ainda, publicou, em 1923, *"Dreams of an astronomer"*, e o seu último livro, no ano antes de morrer, *"Haunted Houses"*, em 1924.

Enquanto vivia em Paris, em 1900, fui apresentado pelo meu velho amigo, o Marquês D'Oyley, ao famoso astrónomo e, escassos dias depois,

recebi um convite para ir jantar com ele e com a Madame Flammarion *en famille* no seu apartamento perto do célebre Observatório em Juvisy, próximo de Paris.

Depois do jantar, tanto o meu anfitrião como a anfitriã estavam ansiosos para que eu lhes examinasse as mãos, e passava bem da meia-noite quando saí.

Como lembrança dessa noite, o famoso astrónomo deu-me um exemplar de um dos seus livros chamado *"Uranie"*, que tinha acabado de ser publicado, na primeira página do qual escreveu: "Au Savant Cheiromancien 'Cheiro' sympathique homage, Flammarion."

Poucas semanas depois, convidou-me para passar uma noite com ele no Observatório de Juvisy e ver através daquele que era, então, um dos mais potentes telescópios, alguns daqueles planetas e mundos exteriores de que tínhamos falado ao jantar.

Foi uma noite memorável para mim; durante horas tive um dos maiores astrónomos do mundo ao meu lado, explicando-me os mistérios dos céus como só ele era capaz de fazer.

Finalmente, das maravilhas da Natureza, a nossa conversa voltou-se para a questão da "Vida após a Morte", e o meu anfitrião escutou com absorvida atenção algumas das minhas experiências em manifestações espirituais e experimentações que eu tinha presenciado na casa de Sir William Crookes, em Londres.

Fez-me o elogio de dizer que eu tinha focado a sua atenção num assunto de interesse universal para todas as classes, o qual o influenciaria quando viesse a escrever o seu próximo livro. A sua obra seguinte foi *"Unknown and Psychic Problems"*, seguida por *"Mysterious Psychic Forces"*. Como estes volumes lidam com muitos dos assuntos que discutimos em vários momentos juntos, tenho a esperança de ter sido, mesmo que de uma forma pequena, instrumental em influenciar as suas visões.

CAPÍTULO XVII

MÍSTICOS HINDU: O FAQUIR QUE FOI ENTERRADO VIVO

E UM TIGRE MORTO POR HIPNOTISMO

Foi publicado em histórias da Índia relativas ao século dezanove um relato de um "fazedor de prodígios" chamado Sadhu Haridas, que se deixou enterrar debaixo do solo, na terra, por um período de quarenta dias no ano de 1837, a fim de demonstrar a sua dominação sobre as forças vitais do seu corpo.

Esta extraordinária demonstração teve lugar no Palácio do Marajá Ranjeet Singh, em Lahore.

O relato reza assim: "O místico, Sadhu Haridas, foi enterrado no solo na presença do Marajá, de toda a sua corte e perante um número de médicos ingleses e franceses, que foram convidados para a ocasião. O místico colocou-se numa posição sentada e foi coberto e cosido em sudário, de forma bastante semelhante à maneira como as múmias egípcias eram preparadas para o sepultamento.

Depois disto, o corpo foi colocado dentro de uma grande caixa de madeira que foi fortemente rebitada, tendo o próprio selo privado do Marajá sido colocado na tampa. A caixa foi a seguir descida para uma cripta de tijolo previamente construída para o efeito, e coberta com terra, como é uso num túmulo regular.

Foi semeado grão sobre a terra, o qual mais tarde cresceu e brotou durante o período do enterramento do místico.

Um batalhão de tropas ficou encarregue, com quatro sentinelas a montar guarda sobre o túmulo dia e noite.

Ao fim dos quarenta dias, o túmulo foi aberto e o Sadhu desenterrado na presença do Marajá, da sua corte e dos médicos ingleses e franceses que tinham estado previamente presentes no seu enterramento."

Um inglês que assistiu a ambas as ocasiões tomou notas da extraordinária demonstração, as quais foram publicadas numa revista chamada *The Word*, em maio de 1911.

Diz ele: "À aproximação do tempo marcado para o desenterramento, e de acordo com o convite, acompanhei o Marajá Ranjeet Singh ao local onde o Faquir tinha sido enterrado. Era num edifício quadrado chamado um 'barra-durra' no meio de um dos jardins adjacentes ao Palácio em Lahore, com uma varanda aberta a toda a volta, tendo um espaço fechado no centro.

Ao chegar lá, Ranjeet Singh, que se fazia acompanhar por toda a sua corte, apeando-se do seu elefante, pediu-me para me juntar a ele no exame do local para se certificar de que este estava fechado como o tinha deixado. Assim fizemos. Havia uma porta em cada um dos quatro lados do espaço fechado, três das quais estavam perfeitamente fechadas com tijolo e argamassa. A quarta tinha uma porta forte, que tinha sido também fechada e selada com o selo privado do Marajá na sua própria presença quando o Faquir foi enterrado.

O exterior do túmulo não apresentava nenhuma abertura pela qual o ar pudesse ser admitido, nem qualquer comunicação mantida, ou pela qual alimento pudesse ser levado ao Faquir. As paredes em redor do espaço fechado também não apresentavam qualquer marca de terem sido recentemente mexidas.

Ranjeet Singh reconheceu o selo como sendo aquele que ele próprio havia afixado e, como era tão cético quanto qualquer europeu poderia ser relativamente ao sucesso de tal experiência, para se precaver tanto quanto possível contra qualquer conluio, tinha colocado duas companhias da sua própria escolta a guardar o local, das quais quatro sentinelas eram fornecidas e rendidas de duas em duas horas, noite e dia.

Ao mesmo tempo, ordenou a um dos principais oficiais da sua corte que visitasse o local ocasionalmente e lhe reportasse o resultado da sua inspeção, enquanto ele próprio guardava o selo que fechava o cadeado, e recebia um relatório, de manhã e à noite, do oficial de guarda.

Após o nosso exame, sentámo-nos em frente à entrada, enquanto algumas das pessoas de Ranjeet Singh escavavam as paredes, e um dos seus oficiais quebrava o selo e abria o cadeado.

Quando a porta foi aberta, nada mais do que uma cripta escura se avistava. Ranjeet Singh e eu próprio entrámos nela, em companhia do servo do Faquir; e, tendo sido trazida uma luz, descemos cerca de três pés abaixo do chão da cripta para uma espécie de cela, onde uma caixa de madeira, de cerca de quatro pés de comprimento por três pés de largura, contendo o Faquir, estava colocada na vertical, cuja porta tinha também um cadeado e selo semelhantes aos da parede exterior.

Ao abri-la, vimos uma figura contida num saco de linho branco, presa por um cordel acima da cabeça, perante a exposição da qual uma grande

salva foi disparada e a multidão circundante veio aglomerar-se para ver o espetáculo.

Depois de terem gratificado a sua curiosidade, o servo do Faquir, metendo os braços na caixa, tirou a figura para fora e, fechando a porta, colocou-a com as costas encostadas a ela, exatamente como o Faquir estivera agachado (como um ídolo hindu) na própria caixa.

Ranjeet Singh e eu próprio descemos então para a cela, que era tão pequena que apenas éramos capazes de nos sentar no chão em frente ao corpo, e tão perto dele que lhe tocávamos com as nossas mãos e joelhos.

O servo começou então a verter água morna sobre a figura; mas, como o meu objetivo era ver se alguma prática fraudulenta podia ser detetada, propus ao Marajá rasgar o saco e ter uma visão perfeita do corpo antes que quaisquer meios de ressuscitação fossem empregues. Assim o fiz e posso aqui notar que o saco, quando visto por nós pela primeira vez, parecia encardido, como se tivesse estado enterrado há algum tempo. As pernas e os braços do corpo estavam mirrados e hirtos, o rosto cheio, a cabeça inclinada sobre o ombro, como a de um cadáver. Chamei então o médico que me acompanhava para que descesse e inspecionasse o corpo, o que ele fez, mas não conseguiu descobrir nenhuma pulsação do coração, das têmporas ou do braço. Havia, contudo, um calor na região do cérebro que nenhuma outra parte do corpo exibia.

O servo começou então a banhar a figura em água quente e, gradualmente, a descontrair os seus braços e pernas do estado rígido em que estavam contraídos, pegando Ranjeet Singh na sua perna direita e eu na esquerda, para ajudar por fricção a restaurá-las à ação própria; tempo durante o qual o servo colocou um bolo de trigo quente, de cerca de uma polegada de espessura, no topo da cabeça, um processo que ele renovou duas ou três vezes. Puxou então para fora das narinas e orelhas dele (do Místico) a cera e o algodão com que estavam tapadas e, após grande esforço, abriu-lhe a boca inserindo a ponta de uma faca entre os dentes e, enquanto segurava as mandíbulas abertas com a mão esquerda, puxou a língua para a frente com a direita, no decorrer do qual a língua retrocedeu várias vezes para a sua posição curva para cima, na qual estivera originalmente, de modo a fechar o esófago.

O servo esfregou a seguir as pálpebras com *ghee* (ou manteiga clarificada) por alguns segundos, até que conseguiu abri-las, quando os olhos pareceram completamente imóveis e baços. Depois de os bolos quentes terem sido aplicados pela terceira vez no topo da cabeça, o corpo foi violentamente convulso, as narinas ficaram insufladas, a respiração seguiu-se e os membros começaram a assumir uma plenitude natural; mas a pulsação era ainda apenas fracamente percetível. O servo colocou então um pouco de *ghee* na língua dele e fê-lo engolir. Poucos minutos depois, as pupilas ficaram dilatadas e recuperaram a sua cor natural.

Quando o Faquir, reconhecendo Ranjeet Singh sentado perto de si, articulou, num tom sepulcral baixo, escassamente audível: "Acredita em mim agora?" O Marajá respondeu de forma afirmativa e agraciou o Faquir com um colar de pérolas, um soberbo par de braceletes de ouro e peças de seda e musselina formando o que se denomina um "Khelat", tal como é usualmente conferido pelos Príncipes da Índia a pessoas de distinção.

Desde o momento em que a caixa foi aberta até à recuperação da voz, não mais de meia hora poderia ter decorrido; e noutra meia hora, o Faquir conversou comigo e com os que o rodeavam livremente, embora debilmente, como uma pessoa doente. Depois deixámo-lo, convencidos de que não houvera fraude ou conluio na exibição que tínhamos presenciado.

Partilho inteiramente da aparente incredulidade do facto de um homem ser enterrado vivo e sobreviver à provação por vários períodos de duração, mas, por mais incompatível que seja com o nosso conhecimento de fisiologia, na ausência de qualquer prova visível em contrário, vi-me obrigado a declarar a minha crença nos factos que apresentei, por mais impossível que a sua existência possa parecer a outros."

Este relato publicado encoraja-me a relatar uma demonstração muito semelhante que eu próprio presenciei durante a minha estadia na Índia.

No local onde eu estava alojado, cerca de oitenta milhas a norte de Bombaim, era costume de poucos em poucos meses os Faquires e Iogues que passavam descansarem por escassos dias e, em algumas ocasiões, darem exibições do seu poder.

Uma manhã, um Iogue, um homem muito velho, olhado com uma reverência quase sagrada pelos nativos, veio numa missão autoatribuída de alguma parte distante do Norte da Índia. Em retribuição pela amabilidade

que lhe fora demonstrada, propôs dar uma exibição do seu poder de suspender la vida do corpo, só que, no seu caso, fixou a duração do tempo do seu enterramento pelo período medido desde a lua nova até ao erguer da seguinte, ou seja, vinte e nove dias e doze horas.

De quase todas as outras formas os procedimentos decorreram como contado no relato publicado pelo inglês, exceto que a experiência que estou prestes a relatar aconteceu em campo aberto, na encosta de um dos Gates Ocidentais.

Durante as vinte e quatro horas anteriores ao "enterramento", o Iogue não tomou qualquer tipo de alimento, mas parecia estar absorvido em profunda meditação. Deu instruções para que pequenos pedaços de algodão fossem colocados nas suas narinas, nas suas orelhas, sobre os seus olhos e através dos seus lábios. O corpo não foi amarrado de forma alguma, mas estava nu, apenas com uma tanga sobre as ancas.

Quando tudo estava pronto, uma sepultura, que medi como tendo quatro pés de profundidade, foi cavada na terra, e o corpo do homem, aparentemente num estado de coma ou condição de transe, foi cuidadosamente descido e colocado longitudinalmente na sepultura.

As suas últimas palavras foram instruções para um sacerdote brâmane, que tinha ficado encarregue da operação, para garantir que o local do enterramento seria aberto numa noite em que os primeiros raios da lua nova seguinte aparecessem brilhando na crista de uma montanha do outro lado do vale.

Era uma visão misteriosa, aquele enterramento perto da meia-noite sob um céu brilhante de estrelas, com o crescente da lua nova a aparecer precisamente sobre as colinas no lado oposto da montanha. Afetou-me profundamente, pois devo confessar que honestamente não acreditava que o velho voltasse à vida outra vez, tanto assim que não consegui resistir ao sentimento de colher algumas flores silvestres e atirá-las para dentro logo que a primeira pazada de terra foi largada sobre o corpo. No meu íntimo, tinha chegado à conclusão de que o velho estava simplesmente a cometer suicídio e tinha escolhido uma forma sentimental de o levar a cabo.

Quando a sepultura foi fechada, alguns grupos de homens encarregaram-se de manter guarda sobre ela dia e noite. Para me certificar de que não seria mexida, plantei algumas raízes de flores ao longo do

centro; apenas flores silvestres resistentes que cresciam em profusão na encosta aberta da colina.

Muito antes do fim dos vinte e vinte nove dias, a sepultura tinha ficado coberta de vegetação.

Finalmente chegou a noite em que, pelas contas feitas pelo sacerdote brâmane, a lua nova brilharia sobre a crista das colinas e teria chegado o momento para a abertura do túmulo.

Tudo estava a postos. Assim que o crescente apareceu pela primeira vez, vários ajudantes de boa vontade abriram rapidamente a sepultura e ergueram gentilmente o corpo para fora, deitando-o de lado, de tal forma que a luz da lua nova em constante crescimento caísse sobre o rosto do velho.

Com a ajuda do brâmane, tirei os pedaços de algodão das narinas, orelhas e olhos, e humedeci os lábios com água fria de tempos a tempos.

Por um período bastante longo não houve qualquer sinal de vida, contudo os membros não tinham de forma alguma enrijecido e não havia evidência de que a putrefação tivesse começado.

O brâmane e um ajudante começaram a mover lentamente os braços para cima e para baixo e a massajar a espinha entre os ombros e a base da cabeça.

Subitamente as pálpebras dos olhos abriram-se, depois os dentes foram desapertados e um ligeiro tremor passou pelo corpo, desde os pés para cima até à cabeça. Igualmente de forma súbita, detetei um movimento no coração e uma fraca pulsação nos pulsos. Outro tremor passou pelo corpo, muito mais forte do que o primeiro, depois outro e outro, seguido por uma convulsão violenta; os olhos encheram-se de luz; os lábios fizeram um esforço para falar e, em escassos momentos, como se estivesse a sair de um transe, o velho místico sentou-se e olhou em redor.

Para mim foi um espetáculo impressionantíssimo, um que as palavras não conseguem possivelmente descrever. O início do amanhecer estava a romper sobre as colinas enquanto o velho voltava à vida.

Em muitas outras ocasiões, enquanto estive na Índia, foi-me permitido presenciar exemplos dos poderes ocultos possuídos por aquilo que deveria ser justamente chamado de “os Místicos da Índia”.

A palavra faquir, conforme aplicada pelos ocidentais, não dá uma descrição justa ou correta destes "fazedores de prodígios", naquela terra quase desconhecida para os estrangeiros.

A *"Encyclopaedia Britannica"*, na sua décima terceira edição, dá a definição da palavra Faquir como uma derivação do árabe *"faqir"*, que significa "pobre", e continua afirmando que passou a ser especialmente aplicada aos devotos e ascetas hindus da Índia.

Descreve duas classes de Faquires indianos: as ordens religiosas e os nómadas que infestam o país. Continua dizendo: "As ordens ascetas assemelham-se aos Franciscanos da Cristandade. A maior parte leva vidas realmente excelentes em Mosteiros, que são centros de educação e de assistência aos pobres, enquanto outros saem para visitar os pobres como 'Gurus' ou professores.

Estas ordens são de uma data muito antiga, devendo o seu estabelecimento à antiga regra hindu, seguida pelos budistas, de que cada homem 'nascido duas vezes' deveria levar a vida de um asceta."

Foi esta última classe que tive o privilégio de conhecer durante a minha estada na Índia, embora também tenha conhecido por vezes os "nómadas", que também realizavam feitos maravilhosos de "mente sobre a matéria" nas suas exibições de indiferença à dor ao passarem pelo fogo, ao dormirem em camas de pregos afiados, ao segurarem os braços acima das suas cabeças até que os músculos atrofiassem, ao submeterem-se à fome quase até à morte, e outros testes semelhantes de força de vontade.

Estes "faquires-nómadas" são uma classe muito caluniada pelos estrangeiros, que empregam a palavra para denotar "fraudes" de toda a descrição. Das ordens religiosas com que entrei em contacto não posso falar com demasiados elogios; os seus membros levam vidas estritamente morais, um exemplo brilhante para os sacerdotes de todos os países.

1 Nota do Tradutor: O autor refere-se aqui a Robert Andrews Millikan e à universidade California Institute of Technology (Caltech), grafados no texto original com ligeiras variantes de época (Miliken e California Technical University).

Muitos destes místicos deambulam pela terra como missionários, não recebendo qualquer pagamento por tudo o que fazem, curando os doentes

pelo seu conhecimento de ervas, cuidando dos pobres e mostrando um exemplo de vidas espirituais elevadas que não pode ser igualado.

Devido à minha simpatia para com os hindus como raça, e ao meu profundo apreço por muitos pontos da religião brâmane, fui privilegiado ao testemunhar algumas das suas cerimónias, por norma proibidas a estrangeiros.

Numa ocasião, foi-me permitido permanecer num templo subterrâneo para ver uma invulgar experiência oculta ser levada a cabo.

Para o dizer de forma breve, sem perder tempo em descrições, um número de brâmanes de alta casta estava reunido à meia-noite num daqueles antigos templos em cavernas que se encontram em tantas partes da Índia.

A cerimónia teve lugar ao pé de uma enorme imagem esculpida de Shiva, o Destruidor, que, noutro dos seus atributos, é também chamado "o Dador de Vida".

Doze homens formavam um círculo, deitados em todo o seu comprimento no chão do templo. A única luz que iluminava o local vinha de uma fresta perfurada na cúpula de rocha sólida, imediatamente acima da cabeça do deus. Esta fresta permitia que a luz dos céus, tanto de dia como de noite, caísse sobre a imagem de mármore polido e, a partir dela, fosse difundida por reflexão para todos os lados do templo. Mesmo em estações em que não há lua nos céus, o brilho das estrelas na Índia é tão grande que uma quantidade considerável de luz pode, assim, ser tida em conta.

Na noite em questão, uma lua cheia diretamente acima das nossas cabeças tornava os cantos mais escuros do imenso templo claramente discerníveis.

No início da cerimónia, as mãos estendidas dos doze homens estavam levemente unidas pelas pontas dos dedos tocando-se umas nas outras. Um cântico curioso num tom grave girava em redor do círculo, alternando de um corpo para o outro. Para descrever isto mais claramente, eu diria que cada segundo homem dava voz a uma nota que, ao atingir o ponto onde tinha começado, era assumida e repetida por outro homem alternado, e assim sucessivamente, mas mudando de cada vez para um tom mais agudo.

Ao fim de cada sétima volta, a nota era sonhada por todos juntos num uníssono harmonioso, seguido por um momento do mais intenso silêncio.

Depois de isto ter prosseguido durante algum tempo, os doze homens pareciam escutar, por assim dizer, alguma resposta.

Lá fora, ao luar brilhante, eu conseguia ver a larga plataforma de rocha à entrada do templo, resplandecente de luz. Mais longe, na encosta da colina, estendia-se uma floresta escura de árvores que parecia cobrir a montanha inteira.

Será possível, pensei eu, que se espere que uma resposta venha daquela selva impenetrável? Mas foi exatamente isso o que aconteceu.

Ao fim de um daqueles cânticos que giravam em círculo, e no meio de uma daquelas pausas de silêncio, veio o clamor de um tigre.

De novo o cântico girou; de novo a pausa, e de novo o clamor do tigre.

Vez após vez a mesma coisa repetiu-se, mas de cada vez o tigre parecia ter sido atraído para mais perto e ainda mais perto.

Subitamente, sem aviso, na larga saliência de rocha à entrada, a forma de um tigre apareceu. Era um exemplar magnífico, o maior que eu alguma vez vira. Ele permaneceu na plataforma ao luar brilhante sem se mover, exceto pelo chicotear colérico da sua cauda de um lado para o outro.

De novo o cântico eclodiu mais alto do que nunca, de novo a pausa, um rosnado baixo e o animal moveu-se uns passos mais para perto.

Será possível, pensei eu, que a intenção seja atrair aquele tigre da montanha, o mais feroz da sua espécie, para dentro do templo? Eu estava petrificado de medo e rastejei para trás, para debaixo da enorme imagem, em busca de proteção.

A cabeça do tigre estava agora dentro da entrada. Na semiobscuridade, os seus olhos fulguravam como bolas de fogo. De novo o cântico, de novo o silêncio, e o animal aproximou-se mais uns passos.

Em pouco tempo, a sua aproximação tornou-se cada vez mais lenta; ele parecia ser arrastado para a frente por alguma força irresistível sobre a qual não tinha controlo.

Pela primeira vez, reparei agora que o corpo nu de um rapaz hindu jazia no chão de pedra, dentro do largo círculo de formas humanas. Ele parecia morto ou num estado de transe, eu não saberia dizer qual. Era muito franzino e jovem, de cerca de cinco anos de idade, julguei eu.

De novo me perguntei qual poderia ser o significado de tudo aquilo.

Para encurtar a história, após cada repetição do cântico, o tigre parecia atraído para mais perto do círculo, mas agora os seus movimentos para a frente podiam quase ser medidos em polegadas.

Outra mudança tinha tido lugar: as bolas de fogo que tinham sido os seus olhos já não brilhavam de cólera. De tempos a tempos pareciam fechar-se, enquanto a sua grande cabeça se descaía para baixo como se quisesse dormir.

Pé ante pé, a força irresistível arrastava-o para mais perto dos seus inimigos humanos. Ele esteve celeremente entre os pés do homem mais próximo, e ainda assim continuou para a frente.

O cântico continuava; tinha-se tornado agora baixo e subjugado, quase como um gemido ou lamento prolongado.

O tigre parecia atraído cada vez mais para perto do corpo do rapaz que jazia imóvel no centro do círculo.

Então, a coisa surpreendente aconteceu. O animal, aparentemente estupefacto, atordoado ou num estado hipnótico, arrastou-se sobre a forma do rapaz e agachou-se lentamente em cima dele.

E ainda assim o cântico monótono continuava e continuava.

Quanto tempo isto durou não sei dizer; a lua tinha-se posto, os seus últimos raios afundando-se no oeste, quando um dos brâmanes subitamente saltou e num instante rolou o tigre de cima do rapaz e virou-o de costas.

O animal não se moveu; o brâmane forçou a abertura das suas mandíbulas; não deu sinal de vida; de alguma forma extraordinária, a besta estava morta.

Os outros brâmanes aglomeraram-se agora em redor. Com um golpe de uma faca rasgaram o corpo, as entranhas foram retiradas e, erguendo cuidadosamente o rapaz, colocaram-no dentro do tigre e deixaram-no lá até que o amanhecer se esgueirou pela entrada e inundou o local de luz.

Horas talvez se tenham passado. Um movimento apareceu na carcaça do tigre; tornou-se mais forte e mais forte; o rapaz abriu caminho para fora e pôs-se de pé, limpando o sangue do animal da sua forma nua.

O brâmane mais velho do grupo, falando na própria língua do rapaz, explicou-lhe que ele tinha nascido de novo no corpo do tigre, e que doravante dominaria estas bestas da montanha onde quer que pudessem ser encontradas.

E ainda assim eu não compreendia.

Algumas horas mais tarde, notei que os brâmanes se tinham vestido com as suas melhores túnicas. O meu amigo, o homem mais velho, veio ter comigo e disse que eu poderia acompanhá-los, se assim o desejasse.

Era ainda muito cedo pela manhã quando parámos numa aldeia próxima, onde uma grande multidão de pessoas se tinha reunido. Algum banquete importante para vários deuses estava em curso. A grande multidão era composta por todo o tipo de seitas e representantes de muitas religiões. Eu sabia, pelos diferentes ornamentos de cabeça e marcas de casta, que seguidores de Buda, Brahma, jainas, sikhs e devotos de Shiva e Vishnu estavam bem representados.

Numa larga depressão no exterior da aldeia, as multidões eram especialmente densas. Tomando o rapazinho pela mão, o brâmane mais velho do nosso grupo abriu caminho até ao centro. Falando em hindu (o que ele mais tarde me traduziu), numa voz alta e de comando, dirigiu-se à multidão.

Após um preâmbulo introdutório, anunciou que ele, como representante da religião de Brahma, tinha vindo dar uma exibição do poder do seu deus. Para o dizer de forma breve, disse ele, o maior inimigo do povo era o feroz tigre da montanha. Nos últimos meses, muitas centenas de vidas tinham sido sacrificadas a eles e, a curta distância, uma aldeia inteira tinha sido abandonada por conta dos seus ataques.

Apelou então aos nativos para que saíssem como “batedores” na selva circundante e conduzissem para ali tantos tigres quantos conseguissem encontrar.

Cerca de uma centena de homens obedeceu ao comando, formando um largo círculo através da floresta e da selva. Em pouco tempo, tinham conduzido para o cercado cerca de seis ou oito bestas de aspeto selvagem.

As multidões fugiram diante deles em terror. Num momento oportuno, o brâmane conduziu o rapaz para a frente e, inclinando-se, disse-lhe algumas palavras.

Sem o mais leve vislumbre de medo, o rapaz avançou em direção a um tigre extra grande que se tinha aproximado mais do povo. A besta, com um rosnado feio, agachou-se como se estivesse prestes a saltar. Então, conforme o rapaz se aproximava mais, a besta atirou a cabeça para trás e pareceu farejar o ar. O rapaz foi ainda mais para perto, o tigre avançou ao seu encontro.

A enorme multidão ficou silenciosa, pareciam tensos de pavor. Os outros tigres aproximaram-se mais e ainda mais, até que o rapaz se viu no meio deles, e nada aconteceu.

Talvez fosse que eles sentiam na aura do rapaz a aura do seu companheiro morto; talvez fosse alguma forma de hipnotismo; talvez fosse a ausência de medo por parte do rapaz. Poder-se-ia continuar com conjectura após conjectura sem alcançar uma solução para o milagre.

Apenas posso dizer que deixei aquela cena com uma profunda admiração pelas maravilhas realizadas pelos “homens santos da Índia”. Foi uma vitória para Brahma e para a religião que os seus devotos representavam.

CAPÍTULO XVIII

A ESTRANHA CLARIVIDÊNCIA DO PAPA PIO IX

Durante a cerimónia em Roma para a beatificação e canonização do Papa Pio IX durante abril de 1928, uma discussão considerável foi excitada sobre as profecias e poderes clarividentes deste Papa muito notável que ocupou o “Trono de São Pedro” de 1846 a 1878.

Continuando as investigações de Monsenhor 1 Cani, Sua Eminência o Cardeal Ragonesi reuniu uma grande quantidade de documentos relativos, os quais apresentou à Congregação dos Ritos e que foram estudiosamente

examinados. Estes documentos continham numerosos testemunhos do facto de que o Papa Pio IX possuía o dom da clarividência e era capaz, por sua vontade, de cair em transe profundo e, mais ainda, de que tinha ao seu dispor um incontestável dom de profecia.

Várias vezes durante os últimos anos da sua vida, tinha anunciado ao Cardeal Pecci 2 que ele seria o seu sucessor, o que foi confirmado pela eleição do Cardeal para Papa em 20 de fevereiro de 1878.

Outra das profecias do Papa Pio IX foi frequentemente recordada durante a Grande Guerra. Em 1863, numa carta ao Bispo de Vigevano, escreveu: "Haverá um dia um terrível conflito entre os homens. O bom e o mau destruir-se-ão impiedosamente um ao outro num cataclismo monstruoso, mas quando a tempestade do mar humano se tiver acalmado de novo, a barca de São Pedro será vista a continuar a sua viagem em plena segurança, mais bela do que nunca. Pois o que agora constitui grandes frotas e muitos reinos e repúblicas tornar-se-á nada mais do que uma acumulação de detritos disformes, bons apenas, na melhor das hipóteses, para serem lançados ao fogo."

Muitas histórias são narradas em Roma sobre o Papa Pio IX que demonstram os seus extraordinários poderes clarividentes. Numa ocasião, enquanto uma cerimónia religiosa estava a ser celebrada na capela privada do Pontífice perante uma estátua da *Madonna*, uma grande vela foi acesa. Subitamente, o Papa ergueu-se da sua cadeira e deu uma ordem para extinguir a vela imediatamente.

Ninguém compreendeu a razão para tão perentória ordem, mas após a cerimónia a vela foi examinada e descobriu-se que um cartucho explosivo tinha sido ocultado nela, pelo qual algum criminoso tinha planeado um atentado que teria certamente destruído muitas vidas.

Noutra ocasião, uma senhora apresentou-se na antecâmara pontifícia. Apresentou as suas credenciais ao Camareiro de serviço, solicitando uma audiência sobre um assunto da maior urgência. O Papa foi informado do seu pedido e respondeu imediatamente: "Não, eu não falo com os mortos."

O Camareiro, prelado pelo que considerou uma estranha resposta, e pensando que o Papa poderia não ter compreendido o pedido, repetiu-o.

De novo o Papa respondeu: "Eu não falo com os mortos."

Quando o Camareiro regressou à antecâmara, foi-lhe dito que, na sua ausência, a visitante tinha caído morta subitamente devido a uma falha cardíaca, mas a parte mais extraordinária foi que se descobriu que esta senhora era um assassino disfarçado e que o objetivo da sua visita era matar o Papa.

Outro caso foi registado de duas senhoras que foram admitidas à presença do Papa Pio IX, as quais lhe falaram de uma criança surda-muda e lhe rogaram que desse a sua bênção para curar a sua enfermidade. O Papa respondeu: "Por que me pedis este favor? A criança já está curada." Ao regressarem à capela exterior, encontraram a criança a falar com um assistente e perfeitamente bem em todos os aspetos.

Estava também registado que a Princesa Odescalchi, quando muito doente, enviou ao Papa um pedido para a sua bênção *"in articulo mortis"*. O Papa Pio concedeu de imediato a sua bênção, enviando ao mesmo tempo uma mensagem à Princesa dizendo que "via que ela não estava perto da morte e viveria por muitos anos". A Princesa recuperou imediatamente e, em poucos dias, apresentou-se no Vaticano e foi recebida pelo Papa.

O Papa Pio IX foi sucedido no Trono Papal por Sua Santidade Leão XIII que, conforme recontei nas minhas memórias recentes *"Confessions of a Modern Seer"*, me recebeu em audiência privada a pedido do Príncipe Marco di Colonna. Nesta entrevista, ele mandou chamar o Cardeal Sarto, que disse estar também profundamente interessado na influência dos Números nas vidas humanas.

Encontrei Sua Eminência o Cardeal Giuseppe Sarto não apenas profundamente interessado em tais estudos, mas também bem versado na ciência da astrologia. Depois disso, ele teve muitos encontros comigo e, quando eu calculei que o seu horóscopo indicava que no espaço de três anos a contar do nosso encontro (dezembro de 1900) ele seguiria Leão XIII no Trono de São Pedro, ele não contestou a minha predição, mas disse muito gravemente: "Se tal for a Vontade de Deus, que assim seja." Ele foi eleito Papa pelo Colégio de Cardinais em 8 de agosto de 1903.

É antes uma estranha coincidência que, ao escolher o seu nome como Papa, tenha tomado o de Pio X. Tinha-me explicado que o número nove tinha desempenhado um papel importantíssimo na sua vida. Para confirmar isto, fez-me copiar a seguinte lista de eventos:

- Por nove anos esteve na escola em Riese 3.
- Por nove anos foi um estudante religioso em Pádua 4.
- Por nove anos foi um cura em Tombolo 5.
- Por nove anos foi um pároco em Salzano 6.
- Por nove anos foi um cónego em Treviso.
- Por nove anos foi um bispo em Mântua.
- Por nove anos foi Cardeal-Patriarca de Veneza.

Poderá ser apenas aquilo a que se chama coincidência, mas talvez por uma razão oculta ele escolheu o número de dez para o seu título Pontifício de Pio X. Curiosamente, reinou como Papa por um período de onze anos, morrendo no seu octogésimo ano a 21 de agosto de 1914.

Durante uma das nossas conversas, chamou a minha atenção para o facto interessante de que, em tempos idos, o Sagrado Colégio, que tem o direito exclusivo de eleger um Papa, era a partir de 769 d.C. composto por apenas sete Cardinais e que este Número Místico governou o Conclave por algumas centenas de anos. Foi subsequentemente alterado para o número de doze, de acordo com a lei do Zodíaco conforme representada pelas suas doze Casas.

1: No original surge grafado "Monseigneur", adaptado para o título eclesiástico correspondente em português, Monsenhor.

2 Nota do Tradutor: O texto original apresenta a gralha "Picci", corrigida para Pecci (Cardeal Gioacchino Pecci, futuro Papa Leão XIII).

3 Nota do Tradutor: O texto original apresenta a gralha "St. Riese", referindo-se à comuna italiana de Riese (hoje Riese Pio X).

4 Nota do Tradutor: O texto original apresenta a gralha "Padna", corrigida para Pádua (Padova).

5 Nota do Tradutor: O termo original "senate" trata-se de uma gralha evidente de fixação tipográfica para curate (vigário/cura), função que Giuseppe Sarto desempenhou em Tombolo.

6 Nota do Tradutor: O termo original "priest" refere-se aqui à sua função específica de pároco (parroco), exercida em Salzano após ter sido vigário.

O nome e o título dados a um Papa, também me disse ele, não são escolhidos pelo Conclave de Cardinais, mas ficam absolutamente ao critério daquele que é eleito. O Cardeal Sarto estava, portanto, no seu direito ao selecionar o nome e o número de Pio X, quebrando assim a ordem de periodicidade do número nove que tinha desempenhado um papel tão importante na sua vida até ao momento de se tornar Papa.

Foi graças a Sua Eminência o Cardeal Sarto que tive o inestimável privilégio, enquanto estive em Roma, de me ser permitido pesquisar entre os volumes da famosa Biblioteca do Vaticano conforme e quando desejasse, e de fazer extratos dos manuscritos de valor incalculável, naquela que é admitida como sendo a maior reserva de conhecimento do mundo.

CAPÍTULO XIX

UM ASTRÓLOGO QUE PREDIZIA A SUA PRÓPRIA MORTE

Alfred 1 Minchin vivia numa água-furtada no último andar de uma casa antiga em Berners Street, Londres. Era um daqueles raros indivíduos que odiavam o dinheiro e, talvez por essa mesma razão, o dinheiro nunca se aproximava dele. Tinha um pequeno rendimento, deixado pelo seu pai, que fora médico numa cidade no sul de Inglaterra. Era o justo suficiente para as suas necessidades muito primitivas e nada mais.

O que quer que sobrasse ao fim do mês, ele comprava em livros. Nunca desperdiçava dinheiro em comida, tanto quanto eu sabia; um cesto ocasional de maçãs ou um cacho de uvas eram os únicos luxos que se permitia.

E, no entanto, este homem era perfeitamente feliz; de facto, era o indivíduo mais feliz que alguma vez conheci. Não tinha preocupações de qualquer ordem material: nem esposa, nem filhos, nem impostos a pagar, nada em que pensar exceto em aumentar continuamente a sua coleção de livros e, de longe em longe, em comprar cordas novas para um violino antigo e raro no qual tocava com o talento de um mestre.

Entrei em contacto com ele de uma forma bastante invulgar. Eu assistia a um leilão numa aldeia nos arredores de Londres. Algumas obras

astrológicas tinham sido anunciadas para venda e eu tinha ido lá para ver se conseguia adquirir algo de valor.

No meio da pequena multidão que assistia ao leilão, apenas outro homem e eu prestávamos qualquer atenção aos livros em questão. O outro homem era um indivíduo alto e de aspeto macilento, vestido de forma muito desalinhada com um fato preto coçado e desbotado que parecia ter vários tamanhos acima do seu. Contudo, havia um ar de cavalheiro naquele estranho de aspeto invulgar que me atraiu a atenção, aquele "algo" inexprimível que não se consegue definir.

Tínhamos ambos estendido as nossas mãos ao mesmo tempo para um volume encadernado em couro, bastante gasto, que o leiloeiro estava prestes a apresentar. Ele pediu-me desculpa, eu pedi-lhe desculpa, e o livro foi deixado entre nós na mesa do leilão.

O homem "do martelo" percebeu a situação num relance; tinha dois homens diante de si que queriam o mesmo livro, pelo que determinou pôr um a licitar contra o outro.

O volume em questão era *"Culpeper's Arcana of Astrology"* o qual, de acordo com o ex-líbris, tinha sido "impresso no ano de nosso Senhor de 1602" 2.

O leiloeiro começou com o preâmbulo habitual. "Este maravilhoso volume, minhas senhoras e meus senhores," discorreu ele rapidamente, "é único na sua história. Foi escrito por um dos maiores estudantes de astrologia que já viveu. Contém tudo o que alguma vez desejarão saber sobre a ciência das estrelas. Está encadernado em couro de vaca feito à mão. Dêem-me uma licitação de abertura para este livro maravilhoso."

Ninguém falou; os olhos encovados do estranho cruzaram-se com os meus do outro lado da mesa. Ambos o queríamos, mas tínhamos resolvido mentalmente não licitar um contra o outro.

De novo o leiloeiro deu largas a um discurso maravilhoso no qual enfatizou a encadernação em couro de vaca. Por fim, em desespero, saiu-se com a ideia maravilhosa de que, se ninguém queria o livro pelo seu conteúdo, a sua capa de couro seria pelo menos útil para fazer solas para as botas de alguém.

Ainda assim, ninguém falou. O "homem do martelo" acabou por o arrematar para si próprio pela pequena soma de cinco xelins. O leiloeiro deu o ato por terminado e saímos todos para a noite.

Havia apenas dois lugares vagos no topo do único autocarro que ia para Londres. Encontrei o estranho sentado ao meu lado e a viagem começou.

Nenhum de nós falou durante algum tempo; finalmente, o homem ao meu lado, num tom meio apologético, disse: "Senhor, tenho a certeza de que queria aquele livro e sinto que o impedi de licitar por ele. Tenho muitas dessas obras antigas na minha posse. Terei todo o gosto em emprestar-lhe qualquer uma delas se tiver a bondade de vir comigo até aos meus aposentos."

Aceitei de bom grado a oferta. O autocarro acabou por descer Oxford Street; saímos em Berners Street e estávamos rapidamente a subir um longo lance de escadas rangentes em direção aos aposentos do meu recém-encontrado amigo.

Enquanto ele pesquiseava nos bolsos por uma chave para abrir a porta, hesitou por um momento e disse: "Espero que me desculpe, senhor, o estado desarrumado do meu apartamento. Odeio perder tempo a arrumá-lo. Nunca recebo visitas, mas acredite que é muito bem-vindo."

Agradeci-lhe e entrámos.

Depois de andar às apalpadelas à procura de uma caixa de fósforos, acabou por encontrá-la no chão e, com o ar de um "grão-duque", indicou-me um velho assento de couro e eu olhei em redor.

Nunca em toda a minha vida vi tal profusão de livros ou tal confusão. Numa mesa no centro, volumes antigos encadernados em couro empilhavam-se tão alto quanto o teto. Num canto, uma montanha de jornais desbotados quase tapava uma das janelas. Havia livros por toda a parte, alguns em prateleiras ao redor do espaço, enquanto muitos deles jaziam espalhados pelo chão.

"Que estudante, que leitor deve o senhor ser!", exclamei.

"Não pretendo ser digno do nome de estudante," respondeu ele, com um sorriso ríspido. "Sou apenas um 'bicho de biblioteca', os livros são o

único prazer que tenho. Está à vontade para usar qualquer um da minha coleção, se é que, na verdade, lhe posso chamar isso."

Ao meu lado, na mesa, notei várias obras antigas sobre astrologia de valor inestimável. Para testar a genuinidade da sua oferta, peguei no livro mais próximo de mim, dizendo: "Seria possível o senhor deixar-me levar este volume por cerca de uma semana?"

Sem um instante de hesitação, ele disse: "Certamente, meu querido senhor, leve esses três se desejar e fique com eles pelo tempo que quiser."

"Mas," sorri eu, "o senhor não me conhece. Nem sequer sabe o meu nome ou onde vivo. Como é possível que esteja disposto a confiar a um estranho livros tão valiosos que nunca poderia substituir?"

Como resposta, pegou numa grande folha de papel pardo e num pedaço de cordel e, antes que eu pudesse protestar, já os tinha embrulhado e colocado nas minhas mãos.

"Homens como nós," disse ele calmamente, "não têm necessidade de andar com credenciais nos bolsos. Somos irmãos no estudo da astrologia; seguimos a mesma fé, adoradores do mesmo Deus. Por que não deveríamos confiar um no outro? É bem-vindo a quaisquer livros que eu tenha, tal como sei que eu seria bem-vindo a qualquer um dos seus."

O gelo estava de facto quebrado entre nós. Ficámos a conversar até bem tarde na noite. Então, lembrando-se subitamente de que eu não tinha comido nada em toda a noite, pescou de um armário alguns biscoitos, uma garrafa de água com dois copos e, pedindo desculpa por não ter nada melhor para oferecer, puxou uma cadeira para a mesa e ceámos juntos pela primeira vez.

Foi nestas condições que conheci Arthur 1 Minchin, e a amizade assim iniciada durou até à sua morte.

Uma noite, alguns meses após o nosso primeiro encontro, ele passou pelos meus aposentos. Parecia estranhamente excitado, os seus olhos brilhavam como se estivesse sob a influência de alguma droga.

"Valha-me Deus! Estás doente, Arthur?", não pude deixar de exclamar.

“Doente?”, riu ele. “Não, meu bom amigo, nunca me senti melhor em toda a minha vida. A doença para mim nunca poderá existir. Conquistei esse bicho-papão há anos na minha vida. A doença é uma ilusão mental e nada mais. Estou apenas um pouco excitado porque tropecei num segredo da natureza no qual ando a trabalhar há alguns anos.”

“O Elixir da Vida?”, ri-me eu.

“Não totalmente,” assentiu ele, “mas talvez o antídoto para todas as doenças. Vem comigo até aos meus aposentos. Quero mostrar-te o que descobri.”

Caminhámos juntos por Oxford Street através de multidões ocupadas que corriam para casa, ou que se aglomeravam para teatros ou restaurantes. Empurravam-nos e acotovelavam-nos para sairmos do seu caminho. Para eles, éramos nada mais do que dois fragmentos de humanidade que impediam a sua correria. O torrente lamacento da vida carregava na sua maré rostos e formas de todos os tipos e descrições. Alguns tinham sorrisos de mofa nos lábios, alguns estavam pálidos de dor, alguns ainda aleijados pela doença, e muitos com a marca da morte já escrita nas suas frontes. Quão pouco pensavam eles que o homem ao meu lado acreditava ter arrancado um segredo à natureza que tinha o poder de os redimir do seu tormento.

Deixámos a artéria principal para entrar na tranquilidade de Berners Street. Minchin mal tinha falado durante todo o caminho; caminhava rapidamente, o seu único desejo parecia ser mostrar-me o que tinha descoberto o mais depressa possível.

Abriu uma porta ao fundo da água-furtada. Entrámos numa sala longa e baixa que, para meu espanto, tinha sido transformada num laboratório de química bem equipado. Numa bancada ao lado da parede erguia-se uma retorta ligada por tubos de vidro a um aparelho de condensação de tipo mais moderno. Deste, os tubos conduziam a um grande reservatório de vidro e, dele novamente, a um globo de vácuo assente num tripé na extremidade da bancada.

“Ora, Minchin,” disse eu, “nunca soube que eras químico.”

“Claro que não,” sorriu ele. “Tinha demasiado medo de que a minha ideia fosse apenas o sonho de um louco. Vou acender a retorta e deixar-te ver se a minha descoberta é uma realidade ou não.”

A retorta já estava carregada, os bicos de gás foram acesos uns após os outros, um pirómetro ao seu lado registava a temperatura em rápida ascensão. Mil graus Fahrenheit, depois mil e quinhentos, depois dois mil; uma mistura de óleo e gás vertia através dos tubos de condensação, depois separava-se, permanecendo a parte pesada num contentor, passando o gás para o reservatório de vidro, mudando a cor para um tom violeta pálido.

O rosto de Minchin tinha ficado mortalmente branco, ele parecia um homem em transe — tinha chegado o momento para a grande experiência.

Por uma engenhosa disposição de torneiras de três vias e tubos de vidro, ligou o reservatório de gás ao globo de vácuo na extremidade da bancada — e esperámos.

Cada momento para mim parecia uma eternidade, especialmente porque eu não sabia pelo que estávamos à espera.

As retortas tinham sido desligadas, o silêncio era como a morte.

Subitamente, Minchin fez-me um sinal para me aproximar. O seu rosto estava pressionado perto do globo de vácuo, os seus olhos flamejando como brasas de fogo.

Poderia eu acreditar nos meus sentidos? Algo se estava a formar no centro do globo. Mas o quê? Essa era a questão.

Mais alguns momentos de espera tensa, e depois, lenta e firmemente, uma flor — uma bela rosa em toda a glória da sua perfeição, apareceu como que suspensa no vácuo.

Minchin olhou-me diretamente nos olhos.

“E então?”, questionou ele.

“Não compreendo,” respondi eu. “O que significa tudo isto?”

“Significa, meu amigo, que por trás de todas as coisas está o espírito, no mundo orgânico como no material; mais ainda, que o espírito das coisas é a perfeição absoluta. Não reparaste que, naquela éter ou essência, não foi

apenas uma rosa que se formou, mas uma das mais perfeitas da sua espécie?

Tinha colocado na retorta uma quantidade de rosas despedaçadas, mas a alma de tudo era perfeita na forma, e assim se manifestou naquele globo de vácuo.

Este é apenas um dos muitos exemplos que poderíamos encontrar na natureza de que a 'mente-pensamento' do Criador detém a imagem da perfeição absoluta em todos os domínios dos reinos orgânico, mineral e animal.

Na vida vegetal, não importa onde a semente possa cair ou ser semeada, ela mais cedo ou mais tarde esforçar-se-á por produzir a sua forma mais elevada. É o mesmo no mundo mineral: não importa quão os seus cristais possam ser partidos ou distorcidos, mesmo que isso possa levar éons de anos, eles acabarão por se tornar os mais perfeitos da sua espécie.

No reino animal, ao qual os seres humanos pertencem, a mesma lei é mostrada ao longo das eras; a saber, o esforço contínuo para subir em direção à perfeição. Do homem, o desenvolvimento mais elevado de todos, foi dito: 'Deus soprou nas suas narinas o fôlego da vida e o homem tornou-se uma alma vivente.'

'À imagem e semelhança de Deus' foi o homem criado, portanto todos os outros reinos do mundo lhe estão sujeitos para serem usados para o seu bem e para o seu avanço.

O mundo vegetal está à mão para lhe dar saúde e alimento; o mundo mineral para lhe dar ferro e aço para aliviar os seus trabalhos, e o mundo animal, ao qual ele pertence, para lhe dar companhia e ajuda em todos os momentos.

O homem, sendo feito à imagem de Deus, como Deus é eterno, deve também ser eterno; a natureza da sua alma, estando num plano mais elevado do que a dos outros reinos, não pode ter limitações; para ele há um avanço contínuo tanto neste mundo como no próximo, até que, no fim, 'o homem veja a Deus'.

O prodígio dessas quatro palavras nunca foi totalmente alcançado. 'Ver a Deus' é compreender tudo; compreender tudo é realizar o porquê e a

razão de ser das coisas que são, o flagelo da pobreza, a morte daqueles que mais amamos.

Corações partidos, como cristais partidos, obedecem à mesma lei. No mundo mineral, as joias tornam-se mais impecáveis. No mundo do homem, as almas tornam-se mais perfeitas.

Mas não devo perder tempo com palavras," continuou Minchin. "A minha ansiedade agora, meu amigo, é o facto de o meu próprio fim se desenhar tão perto que não serei capaz de continuar as minhas experiências por muito mais tempo. Demasiado tarde aprendi que a doença pode ser conquistada pelo conhecimento dos segredos do reino vegetal; demasiado tarde tropecei na verdade de que na essência das plantas há uma qualidade de renovação da vida nos seus sais, mas, infelizmente, é demasiado tarde para eu tentar ensinar como eles podem ser extraídos."

"Por que dizes 'demasiado tarde'?", interrompi eu. "Com um conhecimento como o que tens, certamente poderias ludibriar a morte por muitos, muitos anos."

"Meu bom amigo," respondeu ele tristemente, "cometi o erro nos meus primeiros anos de ser um cético em tais assuntos. Desperdicei os meus primeiros dias em dúvidas. Persegui a questão 'porquê' até que ela me conduziu às areias movediças do desespero. Perdi as pegadas de Deus no lamaçal da descrença. Quando um homem perde a fé, perdeu a âncora de salvação da sua alma. Estava velho no seguimento de mentiras quando encontrei a verdade."

"Mas, Minchin," disse eu impulsivamente, "agora que encontraste a verdade, deves viver de modo a dá-la ao mundo."

1 Nota do Tradutor: O primeiro nome da personagem surge grafado no início do capítulo como "Alfred" e, posteriormente, como "Arthur". Manteve-se a oscilação exata do original.

2 Nota do Tradutor: Nicholas Culpeper nasceu em 1616, pelo que a data de 1602 impressa no livro de que a personagem fala constitui um anacronismo ou elemento de ficção do próprio texto original.

— Esse não é um bom raciocínio — replicou ele calmamente. — Pelo facto de eu ter desperdiçado os meus primeiros anos, por que haveria de me ser dada outra oportunidade para me redimir? Há muitos outros homens

melhores para se seguirem a mim, homens mais bem equipados, talvez com melhor educação, homens que aprenderão os segredos do mundo orgânico mais cedo do que eu.

Na verdade, foi por esta razão que te quis aqui esta noite. Tu és um escritor e anotaste notas do que viste. Um dia publicarás estas coisas, elas talvez atraiam a atenção de algum homem mais jovem que terá o tempo diante de si para tabular a essência dadora de vida das plantas.

Talvez o mundo não esteja pronto para este conhecimento ainda; poderá necessitar de alguma grande guerra, ou de uma fome terrível, para chamar a atenção para a reserva inesgotável de géneros alimentícios que aguardam descoberta no reino vegetal.

Quando eu seguir o meu caminho, deixar-te-ei as minhas notas. Faz delas o uso que desejares. Acima de todas as coisas, meu amigo, tenta e ensina os teus semelhantes a terem fé no propósito eterno de Deus, no Criador do Desígnio Divino e na perfeição última das coisas vindouras.

Passou bastante tempo antes que eu conseguisse organizar os meus planos para voltar aos aposentos de Minchin. Nas semanas que decorreram, tinha frequentemente ponderado sobre as suas palavras, mas, apesar do meu desejo, não me tinha sido possível afastar-me dos meus muitos compromissos.

Uma manhã, por volta do amanhecer, acordei com uma sensação estranha, a presença do meu amigo parecia fervilhar nos meus aposentos. Com um curioso pressentimento a apertar-me o coração, vesti-me à pressa e dirigi-me a Berners Street.

Bati à porta da água-furtada. Não houve resposta. Rodei a maçaneta e, para meu espanto, la porta estava destrancada — ela abriu-se de rompante.

Entrei na sala familiar, a lâmpada de óleo sobre a secretária ainda estava acesa, mas a arder muito frouxamente. Um silêncio misterioso parecia pairar sobre o local. Havia alguma luz no seu pequeno laboratório. Bati à porta, não houve resposta. Empurrei-a. Diante de mim erguia-se a retorta com o gás completamente aberto. Os meus olhos correram rapidamente ao longo do condensador até ao globo de vácuo. Ele tinha evidentemente terminado outra experiência, pensei eu. Suspensa no vácuo,

pendia desta vez não uma rosa, mas a aparição de um lírio branco, o mais puro e belo que eu alguma vez vira.

"Mas onde está Minchin?", perguntei.

Como resposta, vi uma forma caída e encolhida sobre a mesa de escrita no canto, com a cabeça apoiada em algumas folhas de papel, sendo a de cima um horóscopo cuidadosamente desenhado. Muito gentilmente toquei-lhe, mas ele não se moveu. Ergui-lhe a cabeça; sob ela, a sua mão ainda segurava um lápis, com a ponta deste fixa num grupo de planetas na oitava casa, a "Casa da Morte".

CAPÍTULO XX

UM FEITICEIRO MODERNIZADO:

O "MOTOR KEELY" E O SEU INVENTOR

Um dos principais cientistas da América, o Dr. Joseph Leidy, LL.D. da Universidade da Pensilvânia, surpreendeu o mundo pensante em 1889 ao surgir publicamente como um apoiante do inventor do famoso "Motor Keely".

A declaração publicada do Dr. Leidy foi:

"Tendo tido a oportunidade de ver as experiências do Sr. John Keely, pareceu-me que ele tem o comando de alguma força desconhecida de mais maravilhoso poder mecânico. (Assinado) Joseph Leidy."

Vindo de um cientista de tal reputação, estas palavras causaram uma sensação considerável tanto nos meios financeiros como nos científicos.

Uma outra declaração do Dr. Leidy apareceu no *The Inquirer* (Filadélfia) como se segue:

"8 de abril de 1890. Após ter tido a oportunidade de testemunhar uma série de experiências feitas pelo Sr. John Keely, ilustrativas de um reputado novo poder motor, pareceu-me que ele demonstrou justamente a descoberta

de uma força previamente desconhecida para a ciência. Não tenho nenhuma teoria para explicar os fenómenos observados, mas acredito que o Sr. Keely é honesto na sua tentativa de os explicar. As suas demonstrações parecem indicar um grande poder mecânico, o qual, quando aplicado a maquinaria apropriada, deverá substituir todos os dispositivos ordinários. (Assinado) Joseph Leidy."

Antes deste anúncio, por mais de vinte anos, um homem completamente desconhecido, John Worrell Keely da Filadélfia, tinha estado a trabalhar pacientemente e em segredo para demonstrar que descobrira uma nova força na natureza que eclipsaria a eletricidade e todas as outras forças mecânicas conhecidas.

Uma empresa extremamente grande, todos o devem admitir.

Keely tinha estado a trabalhar na sua ideia muito antes de os cientistas terem começado a discutir a probabilidade de "partir o átomo" para libertar a enorme força contida nele, cuja experiência foi em anos recentes parcialmente levada a cabo por cientistas em Inglaterra, Alemanha e América durante 1932-1933 (1).

O principal trabalho de Keely, durante anos anteriores a tornar-se falado, tinham sido os seus esforços para demonstrar, para o dizer pelas suas próprias palavras, "que todos os corpúsculos da matéria podem ser subdivididos por certas ordens de vibração, mostrando assim novos elementos". Não foi, contudo, senão por aquilo a que os homens chamam "mera casualidade" que o *"Sketch of a Philosophy"* de Macvicar lhe caiu nas mãos, juntamente com uma obra intitulada *"Harmonies of Tones and Colours, Developed by Evolution"*, escrita por uma senhora, a Sra. F. J. Hughes, uma sobrinha de Darwin, o que o fez voltar a sua atenção para a estrutura do éter e ele aprendeu que "as mesmas leis que desenvolvem harmonias desenvolvem o universo".

Isto recorda à mente aquele belo verso profético de Coleridge:

"E se toda a natureza animada Não passar de harpas orgânicas diversamente formadas, Que tremem em pensamento conforme sobre elas sopra, Plástica e vasta, uma brisa intelectual, Ao mesmo tempo a alma de cada uma e o Deus de todas?"

A partir deste momento, Keely voltou a sua atenção para a vibração etérica e para o fluxo da corrente magnética da terra de polo a polo, com o resultado surpreendente de ter aperfeiçoado de tal modo um motor para fazer uso destas forças que, entre 1889 e 1890, estava em posição de mostrar a cientistas, no seu laboratório na Filadélfia, uma máquina que funcionava por algum poder misterioso, ou, para citar as palavras do Dr. Leidy, "demonstrou a descoberta de uma força previamente desconhecida para a ciência".

Poder-se-ia ter imaginado que uma descoberta tão extraordinária teria sido saudada por cientistas e pela imprensa como uma revolução tão grande como a causada pela máquina a vapor e, mais tarde, pela produção de eletricidade.

O contrário foi, contudo, o caso. Quase todos os homens de ciência, com poucas exceções, juntamente com a imprensa, ridicularizaram a ideia como impossível, e não hesitaram em chamar a Keely um charlatão e uma fraude. O preconceito contra o infeliz inventor correu tão alto que quaisquer fontes financeiras que ele tivesse ficaram secas, e por alguns anos foi frequentemente reduzido ao limiar da fome.

Qualquer ajuda ou encorajamento que recebeu durante este período veio de duas mulheres, que talvez na sua intuição anteviram as possibilidades de tal descoberta muito antes de esta conseguir penetrar as mentes mais densas dos homens.

Uma destas senhoras, a Sra. Bloomfield Moore da Filadélfia, sofreu cruelmente pela sua lealdade e generosidade para com o inventor. Alguns dos seus parentes tentaram nos Tribunais provar que ela era insana. Foi obtida uma injunção contra ela para que não fizesse uso da sua propriedade, e ela acabou por ser reduzida a um estado de quase completa limitação.

Foi na casa dela em Londres que ouvi falar pela primeira vez do "Motor Keely".

Sentado ao meu lado na mesa do almoço estava o bem conhecido engenheiro científico, Major J. Ricarde Seaver, um homem bem conhecido nos círculos de Londres que, por serviços prestados em algum projeto de engenharia, tinha sido feito um "grande" de Espanha.

A conversa tinha-se voltado para as perspetivas do "Motor Keely", um assunto que, por conta da crítica hostil por essa mesma altura na imprensa, estava a ser muito discutido.

Para surpresa de todos os presentes, o Major Ricarde Seaver disse:

"Apenas ouvi falar das descobertas de John Keely na imprensa. Todos os projetores de novas ideias são a princípio sujeitos a calúnia, crítica e ridículo. James Watt (2), o inventor da máquina a vapor, levou mais de trinta anos para desenvolver os seus planos. No entretanto, foi frequentemente ridicularizado.

Quando a ideia foi proposta pela primeira vez de lançar um cabo elétrico para a América, foi considerada absurda. É o mesmo com muitas outras invenções que no fim provam ser de utilidade e benefício para a humanidade.

A julgar por artigos que li, o Sr. Keely demonstrou a muitos homens eminentes a sua neutralização ou superação da lei da gravidade e a separação de placas metálicas por um novo meio de emprego da Lei da Vibração. Homens tais como o Dr. Joseph Leidy da Universidade da Filadélfia e o Dr. James M. Wilcox, o autor de *"Elemental Philosophy"*, testemunharam que presenciaram as experiências de Keely e ficaram satisfeitos por ele ter tornado manifesto a existência de algum poder, até agora, desconhecido que não pode ser explicado por leis físicas ordinárias.

As opiniões de tais homens não podem ser levadas de ânimo leve. Apenas desejo que a oportunidade possa um dia surgir no meu caminho para ser enviado à Filadélfia para investigar as descobertas de Keely eu próprio."

Como o Major Seaver apenas tinha conhecido a Sra. Bloomfield Moore pela primeira vez naquele dia, ficou mais tarde surpreendido ao saber que a nossa anfitriã estava há anos profundamente interessada no progresso do "Motor Keely".

Seis meses mais tarde, o Major Seaver passou pelos meus aposentos na cidade de Nova Iorque.

"Sim," disse ele, enquanto estendia a mão, "o meu desejo tornou-se realidade. Os Irmãos Barnato (3), a firma para a qual sou engenheiro consultor, enviaram-me para investigar e relatar sobre o 'Motor Keely'.

Vou para a Filadélfia amanhã e proponho que venhas comigo. Dá a ti próprio um feriado por escassos dias e vem."

O dia seguinte encontrou o Major Seaver e eu próprio no comboio juntos.

Durante a viagem consegui que o Major me contasse algo dos seus planos.

"Não tenho ideias preconcebidas sobre Keely, de uma forma ou de outra," disse ele. "Vou apenas com uma mente aberta, comissionado para relatar aos meus empregadores se há quaisquer possibilidades comerciais no seu 'Motor'. O seu suposto ponto fraco é que apenas pode ser colocado em movimento por Keely tocando um acorde de vibração num violino, o qual é a chave para destrancar uma vibração semelhante na máquina. Se este for realmente o caso, então um homem com as aptidões de Keely poderá a qualquer dia inventar um instrumento para tomar o lugar do violino e, se tal coisa acontecesse, valeria bem a pena para uma firma como os Irmãos Barnato pagarem muitos milhões de libras para terem uma participação numa descoberta que faz época."

Na manhã seguinte, o Major Seaver apresentou as suas credenciais na oficina de Keely.

O inventor recebeu-nos sem qualquer formalidade. Estava de facto em mangas de camisa e nem sequer fez o fingimento de vestir o seu casaco. Era um homem extremamente modesto, muito simples e direto nas suas palavras e expressões. Não tinha pretensões de ser tomado por um engenheiro ou um cientista ou algo fora do comum.

Em resposta a uma das perguntas do Major Seaver sobre o que o tinha levado primeiro a acreditar que uma força, até ali, desconhecida existia para lá do poder do vapor e da eletricidade, ele disse muito simplesmente: "A ideia veio-me à mente de onde não sei dizer. Talvez tenha vindo primeiro de uma mania que eu tinha de estudar o íman para tentar resolver qual era o poder misterioso que lhe permitia atrair o aço e o ferro para si próprio.

Por muito tempo maravilhei-me sobre o facto indiscutível de que uma ferradura de ferro pode ser magnetizada em poucos segundos pela corrente de escassos amperes de uma bateria, e que tal íman pode erguer muitas

libras de peso de metal. Mais ainda, que a cada segundo de tempo, sem fim, enquanto o íman está a expandir energia, ele totaliza uma quantidade quase inconcebível de poder real; não apenas isso, mas o íman de uma libra de poder de elevação hoje, poderá e na verdade será mais forte amanhã.

De onde vem esta quantidade realmente tremenda de energia? Por que processo inescrutável a mera magnetização de uma barra de ferro faz dela uma máquina para a transformação de energia, ainda mais, um criador perpétuo de força?

Veio-me à mente que havia um processo oculto a decorrer de algum tipo, energia a entrar no íman e a fluir para fora dele todo o tempo em que ele estava a realizar trabalho — energia sob alguma forma.

De onde vinha ela — da gravidade? Da atmosfera? Dos raios solares? Das correntes terrestres? Quem pode dizer?

O mero facto de o íman carregar a sua carga prova conclusivamente o fluxo constante ou ação positiva de uma força simpática, excedendo a velocidade milhões de vibrações por segundo.

No decurso de muitos anos de experiências, acredito ter descoberto um meio de guiar o que se pode chamar de força ‘etérica’ e de superar a gravidade.

Quero que o senhor,” continuou Keely, voltando-se para o Major Seaver, “examine as minhas máquinas do ponto de vista do cético. A calúnia afirmou que eu as tenho ligadas por um fio de aço oco pelo qual emprego ar comprimido.

Quero que se certifique especialmente sobre este ponto. Tem o direito de levantar o motor da bancada, de o colocar onde desejar, e ele continuará a funcionar.

A primeira demonstração que lhe darei é a de iniciar o motor por uma nota de música, ou seja, vibração. Quero que faça isto o senhor mesmo. Tomará este violino, passará o arco pelas cordas. Ao início poderá não suceder, mas acabará por o conseguir.”

O Major Seaver tomou o violino. Estava a uns bons dez pés de distância da máquina que era suposto iniciar. Durante uns bons cinco minutos tentou nota após nota, mas nada aconteceu. Entregou o violino a Keely.

Talvez se devesse aos seus longos anos de prática, ou poderá ter sido devido à sua audição musical invulgarmente apurada, mas o facto permanecia que, numa passagem do arco, uma resposta imediata foi ouvida na máquina. O zumbido vindo dela tornou-se mais alto a cada segundo até que a sua velocidade se tornou tão grande que, embora aparafusada firmemente na bancada, abalava o local inteiro.

"Pode pará-la?", perguntou Seaver.

Como resposta, Keely tirou uma nota discordante do violino. A máquina começou imediatamente a desacelerar e acabou por parar.

"Agora, Major," disse Keely, "deverá ser capaz de a iniciar o senhor mesmo. Seja paciente, tente tom após tom e acorde após acorde. Mais cedo ou mais tarde haverá de atingir o correto."

O Major Seaver, com um aspeto muito paciente no rosto, tomou de novo o violino. Desta vez tirou notas mais longas do instrumento. Subitamente, um zumbido de resposta foi ouvido na máquina. Iniciou-se como antes, aumentando a sua velocidade rapidamente a cada momento.

De novo o Major ergueu o violino. Tirou um forte desacordo das cordas. Instantaneamente o motor desacelerou e tornou-se silencioso outra vez.

"Notável," foi tudo o que Seaver disse. Depois, pegando numa chave inglesa que jazia ali perto, desfez deliberadamente os parafusos e levantou o motor da bancada.

Como nenhuns fios de ligação de qualquer espécie se avistavam, voltou a aparafusar a máquina e, entregando-me o violino, disse-me para tentar.

Talvez fosse aquilo a que se chama "sorte de principiante". Mal tinha eu tirado uma nota nítida e clara da corda "Lá", quando de novo o motor se iniciou. Desta vez, o "parar" foi a parte difícil. Embora eu desferisse desacordo após desacordo, ainda assim o motor continuava a aumentar rapidamente a sua velocidade; apelei a Keely para que me ajudasse. Ele tomou o violino, desferiu um desacordo e imediatamente o motor desacelerou e parou como antes.

"Esse é o único ponto fraco que até agora impede o seu valor comercial," disse Keely. "Os meus esforços estão agora a ser concentrados

para fazer um instrumento que emita uma nota exata para iniciar e parar a máquina por vontade. A dificuldade não é fácil de superar devido à variação nas correntes magnéticas e etéricas que estão a mudar continuamente, mas acredito que um destes dias terei a inspiração de como resolver o problema."

Keely mostrou-nos a seguir o seu globo giratório de vidro que tinha causado muito comentário em jornais hostis.

Era de construção muito simples, meramente um grande globo de vidro equilibrado num pivô de platina que, ao rodar, mantinha o seu equilíbrio por ação centrífuga exatamente como o pião de um rapaz se mantém em posição pela mesma lei. Este globo era também iniciado por uma vibração do violino. Quando atingia uma velocidade considerável, Keely fez-me levantá-lo da mesa e carregar a coisa inteira, suporte de madeira e tudo, várias vezes ao redor da sala. Conforme as suas revoluções se tornavam mais e mais rápidas, fiquei alarmado, acreditando que poderia a qualquer momento voar em pedaços. De novo um desacordo do violino e, em poucos minutos, parou.

No dia seguinte, Keely mostrou ao Major Seaver e a mim próprio outra das suas invenções igualmente surpreendente. Era nada mais nada menos do que um meio de superar a lei da gravitação conforme aplicada a aeronaves.

Antes de entrar nesta demonstração, o inventor mostrou uma experiência notável em ligação com esta ideia.

Três câmaras de vidro, de quarenta polegadas de altura, cheias de água, foram colocadas sobre uma placa de vidro. Em cada um destes cilindros estavam três esferas de metal pesando seis onças cada. Quando um fio composto de prata e platina ligava estas câmaras de vidro ao transmissor simpático, as esferas de metal erguiam-se ou desciam nelas ou permaneciam estacionárias em qualquer ponto com um movimento tão suave como o de uma penugem de cardo a flutuar no ar.

Ao demonstrar o que parecia ser a superação da gravidade para a navegação aérea, o Sr. Keely mostrou-nos a seguir um modelo de uma aeronave pesando cerca de oito libras. Quando o fio diferencial lhe era fixado, ela também se erguia, flutuava ou permanecia estacionária, a qualquer altura que ele desejasse que estivesse.

Esta demonstração notável deste modelo de aeronave, deve ser lembrado, foi-nos mostrada nos Laboratórios Keely em 1890, cerca de treze anos antes de os irmãos Orville e Wilbur Wright voarem no primeiro aeroplano, na França, em 1903 (4).

Keely permitiu ao Major Seaver fazer, sem impedimento ou oposição, quaisquer investigações que desejasse. O Major, no fim, confessou livremente que não conseguiu encontrar evidência de "fios ocos", ar comprimido ou poder elétrico usado de qualquer forma nas demonstrações de Keely.

Ao regressarmos a Nova Iorque no comboio, no dia seguinte, ele sumariou o seu encontro com o inventor dizendo: "Apenas posso chegar à mesma conclusão que o Professor Leidy e o Dr. J. M. Wilcox, 'de que Keely tem o comando de alguma força desconhecida de mais maravilhoso poder mecânico'."

Apesar disto, este realmente grande inventor, ou como Keely preferia ser chamado, "descobridor", não estava mais perto do sucesso financeiro do que antes. O Major Seaver teve de relatar à sua companhia, os Irmãos Barnato de Londres, que até ao momento em que Keely produzisse um dispositivo mecânico para tomar o lugar do seu violino não poderia haver perspetiva de sucesso do "Motor Keely", de um ponto de vista comercial.

E assim as coisas continuaram até que a Sra. Bloomfield Moore, sob a oposição da sua família, já não pôde permanecer como financiadora de Keely. Contas e mandados por dinheiro vieram a verter sobre a cabeça do inventor, a imprensa perdeu a paciência, os jornais denunciaram "o Motor Keely" como um fracasso e Keely como "um dos maiores vigaristas que já viveu".

Talvez seja que os inventores, como os poetas, pintores e escritores, pertencem a uma classe invulgarmente sensível. Apenas conseguem criar sendo encorajados nas suas visões e sonhos. Tão poucos percebem que "sonhos" têm sido tantas vezes os precursores da realidade, que é aos "sonhadores" que o mundo tanto deve.

O pobre Keely foi literalmente caçado até à morte pela imprensa; repórteres mal pagos em busca de texto faziam "revelações maravilhosas", editores em cadeiras confortáveis escreviam comentários sarcásticos. "A desumanidade do homem para com o homem" esmagou mais uma alma

hipersensível e, assim, uma grande descoberta perdeu-se, pelo menos pelo tempo que corre.

Sozinho, numa noite no inverno de 1898, após destruir todos os seus papéis, os registos de mais de vinte anos de investigação, juntamente com as suas máquinas, John Worrell Keely pôs fim à sua própria vida.

Cópia do relatório final das investigações de W. Lascelles-Scott, dos Laboratórios Físicos e Químicos, Forest Gate, Inglaterra.

1 de maio de 1896. "A partir de um prolongado exame pessoal dos dispositivos do Sr. Keely, sou distintamente da opinião de que ele descobriu uma força até aqui absolutamente desconhecida para a ciência, e que detém ao seu alcance um poder motor, ou meio de realizar trabalho mecânico, que se poderia chamar de ilimitado. (Assinado) W. Lascelles-Scott."

(1) Nota do Tradutor: O texto original faz referência aos anos de 1932-1933 para as primeiras desintegrações atómicas artificiais obtidas em laboratório (como as experiências de Cockcroft e Walton em Cambridge).

(2) Nota do Tradutor: O nome surge grafado no original com uma gralha de fixação plural ("James Watts"), corrigida na tradução para James Watt.

(3) Nota do Tradutor: No original surge grafado "Bamato Brothers", tratando-se de uma gralha tipográfica evidente para a célebre empresa mineira e financeira Barnato Brothers, fundada por Barney Barnato.

(4) Nota do Tradutor: O primeiro voo controlado e motorizado dos irmãos Wright ocorreu em Kitty Hawk (Carolina do Norte, EUA) em dezembro de 1903, e não em França, embora tenha sido em França (em 1908) que realizaras as suas primeiras demonstrações públicas europeias que alcançaram fama mundial. Manteve-se a informação histórica do autor, com esta devida ressalva.

CAPÍTULO XXI

PREDIÇÕES VERIFICADAS

A Grande Peste e o Incêndio de Londres; A Revolução em Inglaterra sob Cromwell; Aeronaves; As predições de Goethe relativamente a si

próprio; Dryden vaticinou o destino do seu filho; e outras predições que foram verificadas.

Como muitos críticos na imprensa pensam que estão a demonstrar a sua inteligência superior (?) ao contestarem a ideia de que o futuro pode de alguma forma ser antevisto, poderá ser instrutivo se eu chamar a atenção para pelo menos algumas predições notáveis que foram verificadas e estabelecidas para lá de qualquer questionamento.

Tomarei apenas os exemplos mais marcantes, pois de outro modo seriam de longe demasiado numerosos para um livro desta natureza.

A GRANDE PESTE E O INCÊNDIO DE LONDRES PREDITOS

O célebre Vidente, Nostradamus, publicou a sua predição cem anos antes do acontecimento da destruição da Cidade de Londres pelo fogo. Ele deu inclusive o ano exato de 1666.

Em 1648, William Lilly, o famoso Astrólogo, predisse a morte de Carlos I e a revolução sob Oliver Cromwell, a qual teve lugar dois anos mais tarde. Em 1651, publicou em *"Monarchy or no Monarchy"* a Grande Peste de 1665 e o Incêndio de Londres para terem lugar no ano de 1666.

Por isto, foi chamado perante o Comité da Câmara dos Comuns a 25 de outubro do mesmo ano, para responder a perguntas sobre como fizera as suas predições.

Sir Robert Brooke, como Porta-Voz do Comité, dirigiu-se ao Astrólogo da seguinte forma:

"Sr. Lilly, este Comité julgou conveniente convocá-lo para aparecer perante ele neste dia, para saber se pode dizer algo quanto à causa do recente incêndio, ou se poderá ter havido algum desígnio no mesmo. É chamado aqui porque, num livro seu impresso há muito, o senhor insinuou tal coisa por via de um dos seus hieróglifos."

Lilly respondeu que chegara à conclusão "de que fora apenas o dedo de Deus; mas quais os instrumentos de que Ele Se serviu para tal, ignoro-o". Continuou depois dizendo: "O Comité pareceu bem impressionado com o que falei e dispensou-me com grande civilidade."

AS PROFECIAS DE ROGER BACON (1)

No *"Essay of Prophecies"* de Bacon (2), escreve ele:

"Quando eu estava em França, ouvi de um certo Dr. Pena que a Rainha-Mãe mandou calcular a natividade do Rei (Henrique II, seu marido) sob um nome falso, e o astrólogo deu o julgamento de que ele seria morto num duelo; com o que a Rainha se riu, pensando que o seu marido estava acima de desafios e duelos; mas ele foi morto num torneio de justa, tendo as lascas da lança de Montgomery entrado pela sua viseira." — (Da *"Encyclopaedia Britannica"*, Vol. II, página 799.)

Roger Bacon, que viveu entre 1214-1294 (3), o maior filósofo inglês de que há registo, era um crente sincero na astrologia e fez muitas predições notáveis, que podem ser encontradas na sua obra *"De Secretis"*. Afirma-se que foi o inventor da pólvora e foi um homem que viveu muito avançado em relação ao seu tempo.

TYCHO BRAHE,

O FAMOSO ASTRÓLOGO REAL DA DINAMARCA

Tycho Brahe não foi apenas um célebre astrónomo, mas foi também um crente confirmado na astrologia.

Era filho de um Conselheiro Privado dinamarquês, governador do Castelo de Helsingborg. Veio ao mundo em 1546. Educado na Universidade de Copenhaga, cedo mostrou o desejo de estudar astrologia e astronomia de preferência a qualquer outro trabalho.

Um eclipse do sol, que foi parcialmente visível em Copenhaga a 21 de outubro de 1560, trouxe-lhe proeminência entre os observadores. Conseguiu um exemplar da grande obra de Ptolomeu sobre os céus e dedicou muito do seu tempo a estudar as suas páginas. Estas ele anotou cuidadosamente com as suas observações, e este livro ainda se encontra como um dos grandes tesouros na biblioteca da Universidade de Praga, cidade na qual passou os últimos anos da sua vida.

Com a esperança de desviar a sua mente de tais estudos, o seu tio enviou-o com um tutor para Leipzig, mas, em vez de fazer qualquer

mudança, ele gastou toda a sua mesada na obtenção de livros para prosseguir o seu estudo favorito e inventou o seu "báculo de Tiago" (4), por meio do qual levou a cabo os seus planos para calcular os lugares das estrelas.

Por morte do seu tio, Tycho Brahe foi para Rostock, onde teve um duelo com um nobre dinamarquês a meio da noite. Durante a luta, o seu oponente cortou-lhe um pedaço do nariz, o que teria causado grande desfiguramento, mas o astrólogo, com grande engenho, deitou mãos à obra para fazer um órgão artificial de uma liga de ouro e prata. Esta é a primeira vez que há qualquer menção na história daquilo que hoje seria chamado de "cirurgia plástica".

O primeiro grande feito de Tycho Brahe foi a descoberta de uma nova estrela na constelação de Cassiopeia, em 1572. A notícia do seu sucesso chegou a Frederico II na Dinamarca, que o convocou a regressar ao seu país natal. O monarca ofereceu-lhe a Ilha de Hveen, no Sund, e deu-lhe os fundos necessários para construir o maior observatório que até então fora construído na Europa.

É uma questão de história que Tycho Brahe, o Astrónomo Real da Dinamarca, após estudar o famoso cometa de 1577, fez a extraordinária predição de que na Finlândia nasceria um Príncipe que devastaria a Alemanha e desapareceria em 1632. Gustavo Adolfo, como é bem sabido, nasceu na Finlândia (5), assolou a Alemanha e, quando foi morto na Batalha de Lützen, o seu corpo morto nunca foi encontrado (6).

Foi Tycho Brahe quem escreveu: "Não podemos negar a influência das estrelas sem desacreditar na sabedoria de Deus."

Deu o nome de Uraniborg ao seu bem equipado observatório. Os estudantes afluíam a ele de todas as partes da Europa para terem o privilégio de estudar sob tal mestre.

Durante 1577, quando um filho nasceu do Rei Frederico (7), o Rei convocou-o a Copenhaga para traçar a natividade para o infante. A 1 de julho desse ano, apresentou ao Rei um horóscopo muito completo predizendo o futuro do novo Príncipe, o qual, em todos os seus detalhes, provou mais tarde ser muito exato.

Por morte do Rei Frederico, o subsídio para manter o observatório em Uraniborg cessou. Muito desalentado, Tycho deixou a ilha onde tinha vivido tanto tempo, abandonou a sua terra natal e fixou-se em Praga, onde faleceu em 1601.

Durante a sua vida, Tycho Brahe fez um estudo considerável de medicina em combinação com a astrologia. Não acreditava absolutamente que o destino do homem estivesse decidido pelos seus planetas, mas sim que o Criador tinha ordenado as coisas de modo a que o homem estivesse em posição de conquistar os maus aspetos e de se elevar superior a eles. Uma das afirmações nos seus escritos era: "O aviso prévio de males ameaçadores dá-nos a oportunidade de os evitar." Desta forma, declarava ele que a astrologia era de grande valor para a humanidade.

Dava o seu conselho médico gratuitamente a todos os que procuravam a sua ajuda. Preparava muitas das suas prescrições ele próprio e dava-as aos seus doentes. O Farmacopeia Dinamarquês de 1658 contém um número considerável das suas fórmulas e vários dos seus "Elixires", mas o seu nome é mais lembrado pela sua extraordinária predição da devastação da Alemanha por Gustavo Adolfo.

PREDIÇÕES RELATIVAS

A AERONAVES CUMPRIDAS

Escrevendo em 1741, o célebre filósofo, o Marquês d'Argens, fez uma predição notável sobre aeronaves. Nas suas Memórias, que foram publicadas nesse ano, escreveu ele:

"Esta é outra ideia que será considerada ridícula, contudo uma das primeiras descobertas que serão feitas, talvez no nosso século, será a descoberta da arte de voar no ar.

Desta forma os homens viajarão celeremente e confortavelmente, e até mercadorias serão transportadas em grandes navios voadores. Haverá exércitos aéreos; as nossas fortificações atuais tornar-se-ão inúteis; mas a artilharia aprenderá a fazer pontaria no ar. Será necessário que um novo cargo seja criado no Reino (França) — o de Secretário de Estado para as Forças Aéreas."

AS PREDIÇÕES DE GOETHE

A PARTIR DO SEU PRÓPRIO HORÓSCOPO

Goethe começa a sua Autobiografia com estas palavras: “No dia 28 de agosto de 1749, ao meio-dia, quando o relógio batia as doze horas, vim ao mundo em Frankfurt-am-Main. O meu horóscopo era propício; o Sol estava no Signo de Virgem e tinha culminado para o dia; Júpiter e Vénus eram amigáveis e Mercúrio não adverso, enquanto Saturno e Marte eram indiferentes. A Lua apenas, precisamente cheia, exercia o poder da sua reflexão tanto mais quanto tinha então atingido a sua hora planetária; ela opôs-se ao meu nascimento, o qual, por conseguinte, não pôde ser consumado até que a hora tivesse passado. Estes bons aspetos, que os astrólogos consideravam muito auspiciosos para mim, poderão ter sido a causa da minha preservação; pois, devido à falta de perícia da parteira, vim ao mundo como morto e apenas após vários esforços fui capaz de ver a luz.”

AS PREDIÇÕES DE DRYDEN

QUANTO AO SEU FILHO

O grande Dryden, com toda a sua sabedoria e profundo saber, não desdenhou o auxílio da astrologia no cálculo dos horóscopos dos seus próprios filhos.

“No nascimento do seu filho Charles, ele colocou o seu relógio sobre la mesa, rogando às senhoras então presentes, da maneira mais solene, que tomassem nota exata do minuto preciso em que a criança nascera, o que elas fizeram e o informaram do mesmo.

Cerca de uma semana mais tarde, aproveitou a ocasião para dizer à sua esposa que estivera a calcular a natividade do rapaz e observara com desgosto que ele nascera numa hora má, pois Júpiter, Vénus e o Sol estavam todos abaixo da Terra, e o senhor do seu ascendente afligido com um mau quadrado de Marte e Saturno.

Ele anunciou: ‘Se o rapaz viver até chegar ao seu oitavo ano, irá perto de morrer de uma morte violenta no seu próprio dia de aniversário; mas se ele escapar a isso, então o vigésimo terceiro ano será perigoso, e se escapar a isso, o trigésimo quarto ano, receio...’ Aqui foi ele interrompido pelo desgosto da sua esposa, que já não podia ouvir pacientemente a calamidade profetizada para abater o seu filho.

O tempo por fim chegou, e agosto era o mês inauspicioso no qual o jovem Dryden havia de entrar no seu oitavo ano.

Estando a Corte em curso e o Sr. Dryden com tempo livre, foi ele convidado para a propriedade de campo do Conde de Berkshire, o seu cunhado, para passar as longas férias com ele em Charlton, em Wiltshire, enquanto a sua esposa foi convidada para casa do seu tio, para passar o resto do verão.

Quando chegaram à partilha dos filhos, a sua esposa pediu-lhe para levar John e permitir-lhe levar Charles, mas o Sr. Dryden foi absolutamente contra isso. Partiram em zanga e ele levou Charles consigo.

Quando o dia fatal chegou, a ansiedade da sua esposa provocou-lhe uma febre violenta e desesperou-se da sua vida, até que veio uma carta do seu marido repreendendo-a pela sua credulidade feminina e assegurando-lhe que o rapaz estava bem, o que lhe recuperou o ânimo, mas seis semanas mais tarde recebeu uma explicação de todo o assunto.

O Sr. Dryden, seja por medo de ser considerado supersticioso, ou por as pessoas pensarem que era uma ciência abaixo do seu estudo, era extremamente cauteloso em deixar que alguém soubesse que era um crente na astrologia, não pôde escusar a sua ausência, no aniversário do seu filho, de uma reunião de caça que o Lorde Berkshire organizara, para a qual todos os cavalheiros adjacentes foram convidados.

Contudo, antes de ir, teve o cuidado de dar ao rapaz uma tarefa dupla em latim, que ele próprio ensinava aos seus filhos, com uma recomendação estrita de não se mover do seu quarto até ao seu regresso, bem sabendo que a tarefa que lhe dera ocuparia muito mais tempo.

Charles estava a cumprir o seu dever em obediência ao seu pai, mas, por azar, o cervo dirigiu-se para a casa e, tendo o ruído alarmado os servos, estes apressaram-se a sair para ver o divertimento. Um deles tomou o jovem Dryden pela mão e levou-o para fora para o ver também.

Precisamente quando chegaram ao portão, estando o cervo acuado pelos cães, deu um salto sobre a parede do pátio, a qual sendo muito antiga e os cães seguindo-o, deitou abaixo uma parte da parede com dez jardas de comprimento, sob a qual Charles ficou enterrado. Foi imediatamente

desenterrado e, após definhar seis semanas numa condição perigosa, recuperou.

No seu vigésimo terceiro ano, Charles caiu do topo de uma torre do Vaticano, em Roma. Recuperou de novo, mas ficou para sempre depois disso num estado de definhamento.

No trigésimo terceiro ano da sua idade (8), tendo regressado a Inglaterra, foi infelizmente afogado no Tamisa, em Windsor. Assim, os cálculos do seu pai provaram ser nada menos do que proféticos." — (Extrato da *"Scientific Library"* de Bohn, Vol. II.)

O DUQUE DE FRIEDLAND,

KEPLER E CARDANO, O MAGO

O Duque de Friedland, Albert von Wallenstein, era um crente sincero na astrologia e estudou-a sob Argoli, em Pádua.

O grande Kepler traçou muitos horósticos para ele, e relata-se que, quando uma deputação chegou para o destituir do seu Comando, antes de permitir que os membros da mesma discutissem o assunto, ele apresentou um horóscopo a partir do qual lhes disse: "já sabia o propósito da sua visita e a natureza da mensagem que tinham para ele". No seu subsequente retiro, continuou o estudo dos céus, e um astrólogo de nome Senni, de Génova, tornou-se parte da sua casa.

JERÓNIMO CARDANO, O MAGO

O célebre Cardano (9) viveu por volta do início do século dezasseis e foi contemporâneo de Fausto e Paracelso. Também praticava a astrologia. Predisse com alguns anos de avanço a data exata da sua morte à idade de setenta e cinco anos.

Esconjurou os críticos do seu tempo no seguinte verso:

"Afastem-se, zelotas ardentes, a vós atrevo-me a dizer Que a Astrologia vem do Céu, não do Inferno; Não é nenhuma arte negra; nenhuma maldita Necromancia, Nem bruxaria tão-pouco, como a alguns apraz fantasiar; Pois cérebros superficiais pensam que tudo o que é difícil ou elevado, É ilegal ou uma impossibilidade."

A MÃE SHIPTON E AS SUAS PROFECIAS

Esta mulher extraordinária nasceu em Knaresborough, Yorkshire, durante o reinado de Henrique VII (1485) (10).

O rumor diz que o seu pai era um necromante, mas ela conseguiu o nome sob o qual se tornou famosa pelo seu casamento com um tal Toby Shipton, carpinteiro de profissão.

A primeira referência impressa sobre ela estava contida num folheto intitulado: *"The prophecies of Mother Shipton in the reign of Henry VIII, foretelling the death of Cardinal Wolsey, the Lord Percy and others, as also what should happen in ensuing times"*.

Algumas reimpressões foram feitas deste folheto, para as quais muitos astrólogos fizeram adições. William Lilly citou nada menos do que dezoito das suas profecias, e relata-se que disse: "Tudo o que posso dizer é que receio que elas provarão ser verdadeiras, mais verdadeiras do que a maioria dos homens imagina, pois as profecias da Mãe Shipton nunca foram ainda questionadas nem pela sua veracidade nem pela sua antiguidade, por isso olhem para elas para ler o futuro com uma certeza e agirem em conformidade."

No seu primeiro folheto, grande proeminência é dada à sua profecia relativa ao Cardeal Wolsey. Relata-se que, ao ouvir que o Cardeal tencionava vir residir na cidade de York, a Mãe Shipton declarou publicamente que ele nunca entraria nessa cidade.

Ouvindo isto, o Cardeal enviou o Duque de Suffolk, o Lorde Percy e o Lorde Darcy disfarçados para a verem.

Quando chegaram onde ela vivia, ela conhecia-os a cada um pelos seus próprios nomes e colocou diante deles alguma cerveja e bolos. Informaram-na da razão da sua visita e ela respondeu de imediato:

"Eu disse que ele poderia vê-la, mas nunca entrar nela."

Os cavalheiros informaram-na calmamente de que, se o grande Cardeal viesse de facto, ele muito certamente a mandaria queimar na fogueira como uma bruxa.

Ao ouvir isto, o seu cronista afirma: "Ela tirou o seu lenço de linho da cabeça e disse: 'Se isto arder, eu também ardirei', e depois lançou-o ao fogo. Após deixá-lo jazer no fogo por um quarto de hora, e tirando-o para fora de novo, viram que não estava nem sequer chamuscado."

(1) Nota do Tradutor: No original surge por lapso o nome do autor do ensaio no título da secção ("The prophecies of Roger Bacon"), quando o texto cita, logo na primeira linha, o "Essay of Prophecies" de Francis Bacon. O filósofo Roger Bacon é tratado no parágrafo seguinte.

(2) Nota do Tradutor: O autor refere-se aqui ao ensaio "Of Prophecies" de Francis Bacon, publicado nas edições tardias dos seus Essays.

(3) Nota do Tradutor: O ano da morte de Roger Bacon é comummente fixado em 1292 ou 1294, e não 1296 como indica o texto original. Manteve-se a tradução rigorosa do texto com a retificação do ano limite habitual.

(4) Nota do Tradutor: O termo original "cross-staff" designa o báculo de Tiago (ou balestrilha), antigo instrumento de orientação e medição astronómica.

(5) Nota do Tradutor: Gustavo Adolfo nasceu em Estocolmo, Suécia, e não na Finlândia, embora a Finlândia fizesse parte integrante do reino sueco na época e os seus soldados (hakkapeliitat) tenham tido papel preponderante nas suas campanhas na Alemanha.

(6) Nota do Tradutor: O corpo de Gustavo Adolfo foi de facto encontrado no campo de batalha de Lützen, despojado dos seus pertences e ferido, tendo sido transportado e sepultado na Suécia. Manteve-se a narrativa do autor.

(7) Nota do Tradutor: O filho nascido a Frederico II em 1577 foi o futuro Rei Cristiano IV da Dinamarca.

(8) Nota do Tradutor: O autor indica algumas linhas acima que o perigo fatal ocorreria no "trigésimo quarto ano" (thirty-fourth year), mas ao descrever o desfecho refere o "trigésimo terceiro ano" (thirty-third year). Manteve-se a oscilação exata do texto original.

(9) Nota do Tradutor: No original surge a grafia inglesa "Carden", traduzida para a forma portuguesa consagrada do nome do matemático e astrólogo italiano Girolamo Cardano (Jerónimo Cardano).

(10) Nota do Tradutor: Henrique VII reinou de 1485 a 1509; Henrique VIII reinou de 1509 a 1457. O texto original menciona na mesma linha Henrique VIII e o ano de 1485, gerando uma sobreposição de

monarcas, corrigida na tradução para Henrique VII em concordância com a data dada.

Quando o Cardeal Wolsey chegou a Cawood, um local a cerca de oito milhas de distância da Cidade de York, ascendeu à torre do castelo e olhou através da paisagem intermédia em direção a York. Enquanto estava na torre, chegou um mensageiro da parte do Rei exigindo a sua presença imediata. O Cardeal foi obrigado a regressar. Adoeceu em Leicester e, morrendo na viagem de volta, a profecia foi cumprida.

Muitas das profecias seguintes da Mãe Shipton foram por ela colocadas sob a forma pitoresca de verso místico, o qual entregou nas mãos do Abade de Beverley. Ela predisse a destruição da Armada Espanhola da seguinte forma:

"Uma Rainha donzela por muitos e longos anos O cetro guerreiro de Inglaterra empunhará. Os Cavalos de Madeira do Monarca Ocidental Pelas forças de Drake destruídos serão."

Também a execução do Rei Carlos I, como:

"Mas diz o que vem depois. Oh! Cruel destino, Um Rei feito mártir diante do seu próprio portão."

A Revolução por Cromwell e a restauração da realeza foram antevistas no seguinte verso, escrito quase duzentos anos antes dos acontecimentos:

"Morto o justo Rei, o lobo irá então Com sangue usurpar a Toca do Leão. Mas a morte à pressa o levará embora. A confusão por um tempo reinará, Até que o Destino a Inglaterra restaure Um Rei para reinar como outrora. Que a misericórdia e a justiça igualmente No seu Império exercerá."

Noutra das suas predições escreveu ela:

"Carruagens sem cavalos hão de andar E acidentes o mundo de mágoa encher. Em redor da terra os pensamentos voarão, Num piscar de olhos. Por colinas profundas os homens marcharão E nenhum cavalo ou jumento estará ao seu lado. Sob a água os homens caminharão Hão de marchar, dormir e falar. No ar os homens serão vistos De branco, de preto e também de verde. Três vezes três a adorável França Será levada a dançar uma dança sangrenta! Antes que o seu povo seja livre Três

governantes tiranos ela verá; Três vezes a esperança do povo fenece; Três governantes em sucessão verá Cada um de uma dinastia diferente. Então o pior combate estará terminado Inglaterra e França serão como uma só. A oliveira britânica a seguir enlaçar-se-á Em casamento com a videira alemã."

A popularidade das profecias da Mãe Shipton é provada pelo facto de cinquenta e uma edições diferentes terem sido publicadas entre os anos de 1641 e 1881.

Supõe-se que ela viveu até uma idade muito avançada antes de morrer em Clifton, no Yorkshire. Uma lápide assinala o seu túmulo, exibindo o seguinte epitáfio:

"Aqui jaz aquela que nunca mentiu Cuja perícia muitas vezes foi provada As suas Profecias hão de ainda sobreviver E para sempre manter o seu nome vivo."

CAPÍTULO XXII

PODE O FUTURO SER ANTEVISTO?

Um relato de predições cumpridas. Morte da Rainha Vitória, do Rei Eduardo VII, do Czar da Rússia, do Marechal de Campo Lorde Kitchener, do Papa Pio X, do Rei Humberto de Itália, do Xá da Pérsia, de Joseph Chamberlain e de Sir Austen Chamberlain, de Sir Lionel Phillips, de Lorde Pirrie, etc., etc.

Como muitos críticos das minhas Memórias recentemente publicadas afirmaram em alguns artigos que algumas das minhas predições não foram certificadas antes de os acontecimentos terem lugar, considero que está em harmonia com a tendência do presente livro se eu defender o estudo com o qual há tanto tempo estou associado, dando nestas páginas finais algum relato de predições que refutam a ideia de que estas não eram universalmente conhecidas antes dos acontecimentos.

Como me retirei da vida profissional, não posso ser acusado de ter interesses pessoais ao tornar públicos tais assuntos.

Sei que, pelo menos na maioria dos casos, é a política geral dos críticos descredibilizar a ideia de que o "futuro" pode ser contado de

qualquer forma que seja. Parecem considerar um sinal de fraqueza mental permitir que qualquer admissão da verdade subjacente a qualquer forma de estudos ocultos entre nas colunas que controlam. No seu saber superior (?), acreditam ser os árbitros exclusivos daquilo em que o público que lê os seus artigos deve acreditar. Se os proprietários dos seus jornais por acaso têm alguma ideia convencional de religião, eles seguem a pista das visões dele, ou dela, e criticam em conformidade.

É raro, na verdade, entrar em contacto com um crítico realmente independente, um homem ou uma mulher que tenha a força das suas convicções, alguém que se possa dar ao luxo de expor de forma clara e honesta os factos tal como são, sem lhes dar alguma torção ou pendor eivado pelas suas próprias ideias.

Não seria razoável esperar que um editor — digamos, um zeloso membro da Igreja educado numa escola estreita de pensamento, suponhamos um antagonista do espiritismo — pudesse permitir que as colunas do seu jornal dessem um relato isento de alguma narrativa de fenómenos espiritistas. Seria contrário à natureza humana esperar tal coisa. Contudo, tal editor não consideraria descabido publicar alguma história altamente improvável de curas operadas por "santas relíquias" enviada por algum correspondente fanático.

Conhecendo o preconceito que tem existido por centenas de anos contra o trabalho com o qual, pelos últimos cinquenta anos, tenho estado associado, tem sido uma surpresa para mim que os meus livros tenham sido tão bem criticados pela imprensa em todas as partes do mundo. Em nome do meu trabalho, estou profundamente grato pela forma como ele tem sido recebido. Encoraja-me a registar nestas páginas um relato de como e quando as minhas várias previsões para nações e indivíduos foram confirmadas.

MORTE DA RAINHA VITÓRIA

Na edição do *American Register and Anglo-Colonial World*, publicada a 26 de julho de 1900, a qual pode ser vista nos arquivos de jornais do Museu Britânico, é dado um relato da minha predição, seis

meses antes do acontecimento, da doença da Rainha Vitória no dezembro seguinte e da sua morte na parte inicial de 1901.

REI EDUARDO VII

No que diz respeito às minhas predições sobre o Rei Eduardo VII. A minha primeira entrevista com ele teve lugar, conforme recontei nas minhas Memórias (1), na casa de Lady Arthur Paget, quando ele era Príncipe de Gales. Nesta entrevista, predissera que o fim da sua vida não chegaria antes do seu sexagésimo nono ano, estando o Príncipe então no seu quinquagésimo segundo ano. Esta afirmação foi, portanto, feita dezassete anos antes do acontecimento.

O próprio Príncipe de Gales corroborou isto à Princesa de Montglyon (2) em agosto de 1900. Quando o Rei Eduardo jazia seriamente doente no Palácio de Buckingham, em junho de 1902, e a sua coroação marcada para 26 de junho foi adiada, a Rainha Alexandra mandou chamar-me para incutir na mente do Rei que eu tinha predito anos antes que ele viveria para ver o seu sexagésimo nono ano. Esta entrevista era bem conhecida em Londres. O Rei Eduardo estava então no seu sexagésimo primeiro ano quando a Rainha Alexandra me mandou chamar para ir ao Palácio de Buckingham.

O FALECIDO CZAR DA RÚSSIA

Em 1902, um jornal de Londres chamado *M.A.P. (Mainly About People)* publicou um relato dizendo que: "Numa das visitas do Czar a Inglaterra, este soubera por 'Cheiro' que a guerra seria fatal para ele e para a sua família imediata; daí o seu famoso Rescrito de Paz."

Em 1904, durante uma das minhas visitas a São Petersburgo, o Ministro dos Negócios Estrangeiros, o Senhor Isvolsky, providenciou para que eu jantasse com o Czar e com ele próprio no Palácio de Verão em Peterhof. Nesta ocasião, o Czar mostrou ao Ministro e a mim próprio os cálculos que eu tinha feito para ele quando ele me visitara em Londres. Estes cálculos prediziam que a guerra mais fatal em que a Rússia alguma vez se envolvera eclodiria durante o verão de 1914, terminando em revolução e na queda da dinastia Romanov, etc.

Estas predições foram feitas, como se observará, muitos anos antes da declaração de guerra da Rússia à Alemanha em julho de 1914.

LORDE KITCHENER DE CARTUM

A 21 de julho de 1894, o Lorde Kitchener, ou como era então o Major-General Kitchener, recebeu-me no Ministério da Guerra e deu-me a impressão autografada das suas mãos que desde então tem sido publicada em muitos dos meus livros sobre o estudo da mão.

Para meu espanto, o Major-General Kitchener nessa entrevista disse-me que já me tinha consultado vários anos antes e que a minha predição de então "de que ele se afogaria no mar" o tinha influenciado tanto que ele se tinha tornado um nadador perito para escapar de ser afogado, se tal pudesse ser possível.

Estava então no seu quadragésimo quarto ano e, enquanto estávamos ali sentados no Ministério da Guerra, tracei para ele as posições ainda mais elevadas que aguardavam a sua carreira militar. Nesse momento, ele tinha regressado a Inglaterra para apresentar a sua demissão como Sirdar do Exército Egípcio por conta de alguma crítica hostil do Governo Britânico sobre o que foi chamado de "O Caso Abbas".

A sua ação de forte têmpera escassas semanas mais tarde foi completamente justificada; a sua demissão não foi aceite; em vez disso, foi feito K.C.M.G. e regressou ao Egito com mais autoridade do que antes, e pouco depois levou a Campanha Egípcia a um término de sucesso.

Conforme falávamos naquela tarde de 21 de julho de 1894, mostrei-lhe, pelos meus cálculos baseados na astrologia, que ele assumiria sobre os seus ombros, no seu sexagésimo quarto ano (1914), uma posição de responsabilidade a maior em toda a sua carreira, mas quão pouco qualquer um de nós pensava nesse momento que a posição que eu indicava seria a de Comandante-em-Chefe na mais terrível guerra em que a Inglaterra alguma vez se envolvera.

A parte da predição que pareceu interessá-lo mais foi que repeti a minha previsão de que ele não encontraria a morte de um soldado, mas sim que se afogaria no mar no seu sexagésimo sexto ano.

Que esta predição causou uma profunda impressão na sua mente é confirmado por uma mensagem da *Exchange Telegraph Company* publicada em jornais ingleses a 19 de junho de 1915, como se segue:

"Quando o Lorde Kitchener chegou à Frente Britânica, foi recebido pelo Comandante de Balancourt, a quem mencionou que um 'Jack Johnson' (3) caíra bastante perto dele. 'Isso não me alarmou,' disse o Marechal de Campo, 'porque sei que hei de morrer no mar'."

Como toda a gente sabe, o Lorde Kitchener afogou-se no desastre do H.M.S. *Hampshire* ao largo da costa da Escócia na noite de 5 de junho de 1916. Como o Lorde Kitchener nasceu a 16 de junho de 1850, estava aquando da sua morte a escassos dias de entrar no seu sexagésimo sexto ano.

PAPA PIO X

Já recontei no Capítulo XVIII a minha predição a Sua Eminência o Cardeal Sarto de que ele estava destinado a ocupar o Trono de São Pedro no espaço de dois anos a contar da data do nosso encontro.

REI HUMBERTO DE ITÁLIA

A 29 de abril de 1900, fui apresentado ao Rei Humberto de Itália, no Palácio do Quirinal em Roma, pelo Príncipe Borghese (4). Em suma, a única pergunta do Rei para mim foi: "Se for possível, 'Cheiro', diga-me a data da minha morte?"

Os escassos meses que se erguiam entre ele e o dia fatal destacavam-se claros e distintos na minha consciência oculta conforme examinei o seu mapa de nascimento.

"Sua Majestade," respondi, "daqui a três meses todos os sinais apontam para o fim da sua vida."

Ficou pálido por um momento, depois com um sorriso disse: "Che sarà sarà" ("O que tiver de ser, será").

O Rei Humberto foi assassinado três meses mais tarde pelo anarquista Bresci em Monza, a 29 de julho de 1900.

Ambas estas predições foram difundidas em Roma pelo Príncipe Borghese e pelo Príncipe Marco di Colonna, que estavam presentes comigo na entrevista mencionada.

O ATENTADO CONTRA A VIDA DO XÁ DA PÉRSIA

Enquanto calculava os "anos de perigo" de vários chefes coroados, notara que o período fatal para o Rei Humberto de Itália coincidia, com diferença de escassos dias, com um para Muzaffar al-Din (5), o Xá da Pérsia, naquele momento hóspede do Governo Francês durante a grande Exposição de 1900.

Tinha feito a afirmação de que, se o meu sistema de predição provasse estar correto no caso do Rei Humberto, por volta da mesma data a vida do Xá da Pérsia estaria também em perigo. Isto foi levado à atenção de Amin al-Sultan (6), o Grão-Vizir, que tomou o assunto tão a sério que, no momento em que a notícia chegou a Paris do assassinato do Rei de Itália, se dirigiu de imediato ao Senhor Lépine, o Chefe da polícia de Paris, e por conta da minha predição insistiu em ter uma guarda dupla de detetives para fazer a "sombra" ao seu mestre onde quer que ele fosse.

É um facto bem conhecido que esta guarda extra salvou a vida do Xá quando, escassos dias mais tarde (4 de agosto), Salson, o anarquista, tentou quebrar a guarda e disparar contra o Xá.

No dia seguinte, Sua Majestade Muzaffar al-Din mandou-me levar ao *Palais des Souverains* e recompensou-me com a Ordem do Leão e do Sol da Pérsia.

JOSEPH CHAMBERLAIN E O SEU FILHO, SIR AUSTEN

O grande "Joe" Chamberlain, um dos mais famosos estadistas na política inglesa, fez-me encontrar com ele no seu gabinete privado na Câmara dos Comuns na manhã de 23 de junho de 1894, para lhe explicar o significado das linhas nas mãos do seu filho Austen. Ele queria que isto fosse feito por conta da notável semelhança das linhas nas suas próprias mãos e nas do seu filho.

Expliquei-lhe que era um exemplo de hereditariedade; que o seu filho Austen estaria destinado a seguir uma carreira paralela à sua em todos os aspetos. Predisse-lhe que o seu filho, na sua carreira parlamentar, preencheria inclusive os mesmos cargos que ele (Joseph Chamberlain) tinha ocupado, tais como Diretor-Geral dos Correios, Chanceler do Erário, Secretário de Estado e Líder da Câmara dos Comuns, mas que, como as linhas nas suas mãos, embora dispostas na mesma posição, não eram tão marcadamente vincadas, a sua personalidade não seria tão forte como a do seu pai, mas, apesar de tudo isso, preencheria alguns dos cargos mais

elevados na vida parlamentar e atingiria o cenite da sua carreira durante o curso de 1925 (7).

As mãos do pai e do filho, como um exemplo notável de hereditariedade, foram publicadas na minha obra *"Cheiro's Language of the Hand"*, já em 1894.

SIR LIONEL PHILLIPS AND A REMARKABLE PREDICTION

Pelo fim de 1896, Sir Lionel Phillips, o milionário sul-africano, escreveu no meu livro de visitas as seguintes palavras:

"Até visitar 'Cheiro', não fazia ideia de que os segredos da vida de alguém estivessem impressos nas suas mãos. Àqueles que desejem ocultar a sua história do olhar de qualquer semelhante, eu diria — evitem uma entrevista com 'Cheiro'!

(Assinado) Lionel Phillips."

Em anos recentes, numa das suas muitas visitas a Londres, Sir Lionel pediu-me para o ir ver à sua casa em Wilton Place. Queria mostrar-me, disse ele, algo de invulgar interesse. Eram as notas que ele tinha registado da sua entrevista em 1896. Nestas notas, do seu próprio punho, estava a predição de que ele veria, durante os anos de 1899 e 1900, a totalidade dos seus interesses financeiros em risco devido a uma guerra. (Isto foi cumprido pela eclosão da Guerra dos Bóeres em outubro de 1899, a qual encerrou as minas de ouro em Joanesburgo.) Mas a predição que ele tinha sublinhado era "uma fuga da morte por um fio a ocorrer na primavera de 1914". A acompanhar esta nota, tinha ele escrito: "Em abril de 1914, conforme saía do Clube em Joanesburgo, fui atacado na rua, sem aviso, por um homem que disparou um revólver três vezes diretamente contra mim. Fiquei gravemente ferido; durante quase três semanas desesperou-se da minha vida. Durante os momentos de consciência, lembrava-me sempre da afirmação de 'Cheiro' de que eu viveria até uma idade avançada."

UMA CARTA DE LORDE PIRRIE (8)

O homem que edificou a grande firma de construção naval *Harland & Wolff* de Belfast, que se tornou o seu chefe e, mais tarde, pelos seus serviços ao Império, foi feito Par de Inglaterra, seria naturalmente classificado como um homem prático e realista; contudo, foi de um homem assim que recebi uma manhã a seguinte carta:

"Queen's Island,

Belfast.

14 de agosto de 1899.

Caro 'Cheiro',

"Sinto-me realmente compelido a dizer-lhe o quanto desfrutei da minha entrevista consigo na passada sexta-feira, e ouvir tantos factos respeitantes à minha carreira passada da boca de um perfeito estranho foi perfeitamente surpreendente.

Eu era cético em relação ao assunto do Estudo da Mão quando fui ter consigo, mas o seu esboço da minha vida desde a infância até agora foi tão maravilhosamente exato, que sou obrigado a dizer que fiquei completamente convencido de que estava errado na minha estimativa do seu trabalho.

Tendo em conta o facto de ter afirmado tão distintamente na sexta-feira que eu estava prestes a receber uma grande honra, é notável que tenha recebido uma comunicação privada esta manhã de que me vai ser conferido o grau honorífico de LL.D. pela Universidade Real da Irlanda (Dublim) — uma distinção que considerarei como a maior que me foi outorgada.

Se passar por Belfast, espero que me dê o prazer de lhe mostrar as nossas instalações.

Seu muito atenciosamente,

(Assinado) W. J. Pirrie." (1)

(1): O autor refere-se à sua obra "Confessions: Memoirs of a Modern Seer", publicada pela editora Jarrolds em Londres, conforme indicado na nota de rodapé do texto original.

(2) Nota do Tradutor: No original surge grafado "de Montylyon", tratando-se de uma incorreção para o título de Anna de Montglyon (Princesa de Montglyon).

(3) Nota do Tradutor: "Jack Johnson" era a gíria militar utilizada pelas tropas britânicas na Primeira Guerra Mundial para designar os projéteis de artilharia pesada alemães de 15 cm (devido ao fumo preto espesso, numa alusão ao pugilista de pesos pesados homónimo).

(4) Nota do Tradutor: O apelido surge grafado no original com uma gralha tipográfica ("Borghase"), corrigida na tradução para Borghese (Príncipe Scipione Borghese).

(5) Nota do Tradutor: No original surge grafado "Muzaffer-ed-Din", adaptado para a forma em português consagrada do nome do monarca persa, Muzaffar al-Din Shah Qajar.

(6) Nota do Tradutor: No original surge grafado "Amin-es-Sultan", adaptado para a grafia correta Amin al-Sultan (título de Ali Asghar Khan, primeiro-ministro da Pérsia).

(7) Nota do Tradutor: Na nota de rodapé editorial do original, acrescenta-se que em 1925 ele foi eleito Presidente da Conferência Internacional em Genebra e recebeu o título de Cavaleiro (Knighthood). Austen Chamberlain recebeu a Ordem da Jarreteira e o Prémio Nobel da Paz nesse ano.

(8) Nota do Tradutor: O apelido do construtor naval surge grafado no texto original com uma gralha de fixação vocálica ("Lord Pirie"), corrigida na tradução para a grafia correta do título (William Pirrie, 1.º Visconde Pirrie).

No ano seguinte aceitei o seu convite. Durante mais de uma hora ele conduziu-me pessoalmente a cada ponto de interesse naqueles grandes estaleiros navais da *Harland & Wolff* com os quais tinha crescido e que são famosos em todo o mundo.

Escassos anos mais tarde, foi criado Lorde Pirrie e, durante a sua carreira notável, recebeu algumas das mais elevadas honras que o Rei ou a nação podiam outorgar.

Nas minhas Memórias recentemente publicadas (2) dei muitos outros exemplos de as minhas predições terem sido cumpridas a pessoas tão bem conhecidas como Oscar Wilde, o Duque de Newcastle, Sarah Bernhardt, Lorde Russell de Killowen (Lorde Chefe de Justiça de Inglaterra), S.A.R. a Princesa Eulália de Espanha, o Príncipe Luís Filipe (Duque de Orleães e Pretendente ao Trono de França), o Príncipe Alexis Karageorgevitch, Sir Ernest Shackleton (o explorador do Antártico), Sir Edward Marshall Hall, K.C., "Mark Twain", a Sra. Langtry, Melba, Calvé, W. T. Stead, Mata Hari

(a famosa mulher espiã) e outros demasiado numerosos para mencionar aqui.

No meu livro intitulado *"Cheiro's World Predictions"*, publicado em 1926 (3), muitas afirmações foram feitas por impresso muito antes de os acontecimentos terem lugar, afetando nações em diferentes partes do globo. Este livro continua em circulação, e as predições feitas nele estão a ser cumpridas à medida que os anos rolam.

Como me retirei do trabalho profissional, estes exemplos de predições cumpridas não são dados aqui para de alguma forma me publicitar, mas são em resposta a críticos dos meus livros que pensam que "é inteligente" contestar a ideia de que o futuro pode ser antevisto.

Seria impossível num livro desta natureza citar as milhares de cartas que recebi de predições que foram igualmente cumpridas nas vidas de indivíduos mais privados. Aproveito, contudo, esta oportunidade para agradecer aos meus numerosos correspondentes por se terem dado ao trabalho de me enviar relatos dos seus próprios casos.

Camille Flammarion afirmou ousadamente, nalgumas das suas obras recentes, que "o futuro pode ser antevisto e predito por aqueles que têm um dom especial nessa direção". No seu volume intitulado *"Death and Its Mystery"*, ele dá exemplos que recolhera de sacerdotes, médicos, advogados e pessoas eminentes para provar que "acontecimentos futuros podem indubitavelmente ser vistos antecipadamente".

A minha própria teoria é que temos pouca, se é que alguma, perceção real dos poderes latentes da mente. É um lado do estudo, por norma negligenciado por conta do preconceito contra todas as coisas tais como o desenvolvimento da intuição, do instinto ou da clarividência.

Se, portanto, após longa prática, concentração e estudo, fui capaz de desenvolver qualquer um destes dons peculiares, considero apenas justo dar os resultados da minha experiência ao público em geral.

PARTE III

CAPÍTULO XXIII

ALGUNS DOS FAMOSOS ALQUIMISTAS

E A SUA PROCURA PELO "ELIXIR DA VIDA"

E TRANSMUTAÇÃO DE METAIS VIS EM OURO

Assim como a Astrologia é o Pai da Astronomia, também a Alquimia é a Mãe da Química.

A palavra "Alquimia" é extremamente antiga. É derivada do árabe *al* = o/a, e *kimya* = química. Poderá também ser uma derivação da antiga palavra egípcia *Khemia*, que significa "a preparação do minério negro", o qual era considerado como o princípio ativo na transmutação de metais.

Desde um período de tempo muito distante que os egípcios tinham a reputação de ser trabalhadores destros em metais e, através de escritores gregos, sabemos que eram bem versados nas teorias da transmutação, empregando o mercúrio no processo de separação do ouro e da prata da matriz nativa, e declaravam que o óxido resultante possuía poderes maravilhosos, contendo dentro de si as individualidades dos vários metais.

Cresceu no Egito a ideia de que poderes mágicos existiam em fundentes e ligas, e tal crença espalhou-se por toda a Europa em ligação com as castas trabalhadoras do bronze das suas várias raças.

É evidente, a partir de investigações, que esta tradição egípcia, descendo através de fontes alexandrinas e gregas, foi o alicerce sobre o qual a ciência da Alquimia se edificou. Quando os maometanos conquistaram o Egito, continuaram as investigações deixadas pelos seus predecessores egípcios e, através deles, a arte foi levada para Marrocos e, no século oitavo, para Espanha, onde deitou raízes em solo fértil. Do século nono ao décimo primeiro, Espanha tornou-se o principal centro da ciência alquímica, a partir do qual esta irradiou para todas as partes do continente da Europa.

Diz-se que o primeiro alquimista prático foi Geber, o Árabe — que existiu por volta de 720-750 d.C. —, mas, pelos seus escritos, é seguro concluir que ele bebeu das fontes de uma linha ininterrupta ainda mais antiga de adeptos bem versados na arte da alquimia. Encontram-se muito poucas alterações nas fórmulas do período entre os séculos sétimo e dezassete, tendo este último se tornado o cenite da teoria e da prática da arte. Uma maravilhosa unanimidade de todos os investigadores da "grande

ciência" é mostrada por estudantes herméticos de todas as eras passadas, inclusive até ao tempo presente.

O real objetivo da alquimia era, primeiro e acima de tudo, a descoberta de um processo pelo qual metais vis pudessem ser transmutados em prata e ouro; em segundo lugar, a descoberta do "Elixir da Vida" e, por último, a produção de um processo artificial para criar vida humana.

Esta última etapa de investigação é mencionada na obra de Paracelso, que fala do *"Homunculus"*, um homem artificial feito por alquimistas e por ele próprio. Ele afirma que "as substâncias espagíricas necessárias devem ser tomadas e fechadas num frasco de vidro e, depois, colocadas a digerir numa emulsão morna pelo espaço de quarenta dias. Ao fim deste tempo, haverá algo que começará a mover-se e a viver na garrafa. Esse algo é um homem, mas um homem que não tem corpo e é transparente. Não obstante, ele existe, e nada mais resta senão criá-lo — o que não é mais difícil de fazer do que fazê-lo. Pode alcançá-lo alimentando-o diariamente, durante quarenta semanas, com o arcano do sangue humano. Ao fim deste tempo, terá um verdadeiro filho vivo, tendo cada membro tão bem proporcionado como qualquer infante nascido de uma mulher. Ele será apenas muito mais pequeno do que uma criança comum e a sua educação física requererá mais cuidado e atenção."

O "Elixir da Vida" era a busca de todos os alquimistas, tanto dos mais antigos como dos mais modernos. A resistência aos estragos da idade e o encurtar o passo à morte tem sido o estudo universal comum a todos os homens e encontrado em todas as nações.

Séculos antes de o rádio ser descoberto, cujas emanações continuam por milhares de anos, os alquimistas acreditavam nas emanações dos metais no reino mineral e dos vegetais no reino vegetal. Como o ouro é a substância metálica mais perfeita que existe e não pode ser destruído nem mesmo pelo fogo, uma das suas maiores buscas era produzir a forma mais elevada e pura do metal precioso e, a partir dela, formar uma tintura ou solução que purificasse o sangue de todos os micróbios da doença.

Há evidências consideráveis de que os antigos alquimistas do Egito eram capazes de produzir esta tintura. O grande Cagliostro, que estudou magia entre as Pirâmides, era creditado com o poder de fazer um "Elixir da Vida" pelo qual realizava muitas das suas curas milagrosas. Nalgumas das

suas memórias é afirmado que o elixir que empregava era feito a partir da tintura de ouro com algumas essências de vegetais adicionadas, das quais só ele conhecia o segredo. A esta poção ele próprio chamava “O Vinho do Egito”.

Muitos médicos no dia presente admitem que, se o ouro puro em solução pudesse ser introduzido no sangue, seria uma cura para todas as doenças — mas, infelizmente!, como fazer tal tintura de ouro parece ser uma arte perdida. Apesar dos grandes avanços feitos pela ciência médica em anos recentes, há ainda muitos segredos da vida que permanecem por resolver. Poderá ser que a corrente atual de médicos esteja tão cercada pelas regras e regulamentos das universidades a que devem a sua formação que se vejam forçados a seguir um trilho batido por medo de serem considerados anticonvencionais e condenados por aquilo a que se chama “ética médica”.

Durante a minha carreira em Londres, conheci muito intimamente um médico grego que, embora detentor de elevados diplomas continentais, nunca quis tirar um inglês, pela razão de que, se o fizesse, seria obrigado a conformar-se com uma “ética médica” tão estrita que não teria a liberdade de levar a cabo as experiências que tinha no coração.

Este homem não era um crente em fórmulas médicas comuns; os seus principais auxílios nas muitas curas notáveis que realizou eram o emprego do ouro e da corrente elétrica. Vi-o, pelo uso de uma voltagem enormemente alta, dissolver o ouro num gás e passá-lo para qualquer parte do corpo que desejasse. Em centenas de casos, estancou hemorragias dos pulmões ao, praticamente falando, dourar as células sangrantes com ouro convertido num gás e transportado pela corrente elétrica para dentro dos pulmões. Era um mestre da eletricidade; empregava uma voltagem alta quase inédita, mas, por medo de que algum acidente por causa imprevista tivesse lugar, ele interpunha sempre o seu próprio corpo de tal forma que seria ele a perder a vida e não o doente.

E, no entanto, este homem notável era chamado de “charlatão” por toda a faculdade médica em Inglaterra, e teria sido corrido do país se as suas curas quase milagrosas não lhe tivessem valido a proteção dos poderosos.

Mas, para regressar aos nossos alquimistas de meados do século. É concedido por todos os historiadores isentos que, como classe, eles representavam os intelectos mais desenvolvidos de qualquer que fosse a era em que viveram. Muitos dos seus nomes destacam-se como estrelas de luz no firmamento negro da superstição e da intolerância religiosa.

Basta-me citar alguns: O Grande Hermes Trismegisto do Egito; Geber, o Árabe; no Continente: Alain de Lisle; Arnaldo de Villanova; Nicolau Flamel; Van Helmont; Martini; Richthausen; Jacob Böhme; Paracelso; Casanova; Benvenuto Cellini; Alberto Magno; Roger Bacon; Cagliostro; Agrippa von Nettesheim; Alexandre Aksakof; Conde de Saint-Germain; São Tomás de Aquino; Éliphas Lévi; Thomas Charnock; Dr. John Dee; Elias Ashmole, fundador da famosa biblioteca em Oxford, e muitos outros demasiado numerosos para mencionar.

É devido às pacientes investigações destes homens altamente intelectuais que a nossa atual ciência da Química deve a sua origem.

CAPÍTULO XXIV

MAIS SOBRE ALQUIMISTAS QUE FAZIAM OURO

Alberto Magno foi um gigante intelectual do século doze. Nada menos do que vinte e um volumes em fólio são creditados a este famoso alquimista. É também considerado como tendo sido o inventor de pistolas e canhões, e os seus dotes científicos eram reconhecidos pelos maiores homens do seu próprio tempo.

Michael Maier, autor de numerosas obras sobre alquimia, declarou que Alberto Magno conseguiu fazer a Pedra Filosofal, a qual, antes da sua morte, deu ao seu distinto aluno, São Tomás de Aquino, que destruiu a preciosa dádiva por acreditar que o seu poder vinha do diabo. O próprio Alberto Magno declarou na sua obra sobre Metais e Minerais que tinha "pessoalmente testado algum ouro que tinha sido feito por um alquimista, o qual resistiu a muitas e rigorosas fusões".

Um correspondente, escrevendo para o *Liverpool Post* de 28 de novembro de 1907, dá um relato interessante de um alquimista egípcio que conhecera no Cairo. Continua ele dizendo: "Este homem recebeu-me na sua casa privada no bairro nativo. Trajado com as túnicas fluídas de um

graduado de Al-Azhar, com a sua longa barba cinzenta a dar-lhe um aspeto verdadeiramente venerável, o sábio, pela expressão distante dos seus olhos, traía a mente do sonhador, do homem alheio aos confortos mais mesquinhos do mundo na sua devoção aos segredos misteriosos do universo.

Após os habituais salamaleques, o homem douto informou-me de que procurava três coisas — a Pedra Filosofal, a cujo toque todo o metal se tornaria ouro; o Elixir da Vida; e o Solvente Universal, que dissolveria todas as substâncias como a água dissolve o açúcar; o último, assegurou-me ele, tinha na verdade sido descoberto um pouco antes.

Eu estava bem ciente da relutância dos alquimistas medievais em divulgar os seus segredos, acreditando como acreditavam que a posse dos mesmos pelo vulgo traria a ruína de Estados e a queda de reinos, e temi que a relutância do alquimista moderno em divulgar quaisquer segredos a um estranho e a um estrangeiro não seria menor.

Contudo, tirei do bolso o espintariscópio de Sir William Crookes, uma pequena caixa contendo uma partícula de rádio altamente ampliada, e mostrei-o ao Xeque. Quando ele contemplou o maravilhoso fenómeno deste ponto escuro a lançar as suas agulhas de fogo para todos os lados, ficou maravilhado, e quando lhe assegurei que manteria esta propriedade por mil anos, saudou-me como um companheiro de trabalho e como alguém que tinha de facto penetrado nos segredos do mundo. A sua reticência desapareceu de imediato, e começou a contar-me os objetivos e métodos da investigação alquímica, que eram os mesmos que os dos antigos alquimistas de outrora.

No dia seguinte, foi-me concedido o privilégio invulgar de inspecionar o laboratório do Xeque, e apresentei-me devidamente à hora marcada.

As minhas mais elevadas expectativas foram cumpridas; tudo era exatamente o que o laboratório de um alquimista deveria ser, o sábio rodeado pelas suas retortas, alambiques, crisóis, fornalha e foles, e, melhor de tudo, apoiado por assistentes de aspeto semelhante a gnomos agachados no chão, um a soprar o fogo (uma tarefa a ser realizada diariamente por seis horas contínuas), um a moer substâncias num almofariz e outro aparentemente ocupado em fazer trabalhos avulsos.

(1) Nota do Tradutor: No corpo da carta reproduzida no texto original, o apelido surge grafado com a variante "W. J. Pirie", tendo sido mantida a grafia correta Pirrie no corpo do texto em português, conforme estabelecido no capítulo anterior.

(2) Nota do Tradutor: O autor refere-se novamente às suas memórias "Confessions: Memoirs of a Modern Seer".

(3) Nota do Tradutor: Na nota de rodapé do original indica-se a editora Herbert Jenkins, Ltd., de Londres.

Após satisfazer a minha curiosidade de uma forma geral, pedi ao sábio que explicasse os princípios das suas investigações e me dissesse em que se baseavam as suas teorias.

Explicou ele que todos os metais são formas degradadas do ouro original, o qual é o único metal puro e não composto; que toda a natureza se esforça por regressar à sua pureza original, e todos os metais regressariam ao ouro se pudessem.

"A Natureza é simples," disse ele, "e não complexa, e funciona com base num único princípio, a saber, o da reprodução sexual."

O Senhor Figuier (1), na sua obra *"L'Alchimie et les Alchimistes"*, relata um encontro notável que teve com um jovem alquimista moderno cujas visões considerou que valia a pena citar detalhadamente.

"O ouro," disse este alquimista moderno, "tem três propriedades distintas. Primeiro, a de reduzir os metais mais vis a si próprio e intermutar e metamorfosear todos os metais uns nos outros.

Segundo, a cura de aflições e o prolongamento da vida.

Terceiro, como um *spiritus mundi* para colocar a humanidade em sintonia com as esferas supermundanas."

Continuando, o jovem prosseguiu dizendo:

"O objetivo da alquimia moderna poderia ser reduzido à busca de uma substância que tivesse o poder de transformar e transmutar todas as outras substâncias umas nas outras — em suma, descobrir esse meio tão bem conhecido dos alquimistas de outrora e perdido para nós.

Nas quatro substâncias principais que são o oxigénio, o hidrogénio, o carbono e o azoto (2), temos o *tetractys* de Pitágoras e o tetragrama dos caldeus e egípcios. Todos os sessenta elementos são referíveis a estes quatro originais.

A antiga teoria alquímica estabelecia o facto de que todos os metais são iguais na sua composição, que todos são formados a partir do enxofre e do mercúrio, e que a diferença entre eles reside na proporção destas substâncias na sua composição.

Mais ainda, todos os produtos de minerais apresentam na sua composição uma identidade completa com as substâncias que lhes são mais opostas. Assim, os ácidos fulminantes contêm precisamente a mesma quantidade de carbono, oxigénio e azoto que o ácido ciânico, e o ácido 'cianídrico' não difere do formiato de amónio. Esta nova propriedade da matéria é conhecida como 'isomerismo'."

Continuou ele dizendo: "Se a teoria do isomerismo se pode aplicar a tais corpos, a transmutação dos metais deixa de ser um sonho selvagem e impraticável e torna-se uma possibilidade científica, sendo a transformação provocada por um rearranjo molecular.

O isomerismo pode ser estabelecido no caso de substâncias compostas por meio da análise química, mostrando a identidade das suas partes constituintes. No caso dos metais, pode ser provado pela comparação das propriedades dos corpos isoméricos com as propriedades dos metais, a fim de descobrir se têm quaisquer características comuns.

Tais experiências," continuou ele dizendo, "foram conduzidas pelo Senhor Dumas, um bem conhecido químico francês, com o resultado de que se descobriu que as substâncias isoméricas têm equivalentes iguais, ou equivalentes que eram múltiplos exatos uns dos outros. Esta característica é também um traço dos metais. O ouro e o ósmio têm equivalentes idênticos, tal como a platina e o irídio. O equivalente do cobalto é quase o mesmo que o do níquel, e o semiequivalente do estanho é igual ao equivalente dos dois metais precedentes."

Nas minhas Memórias recentemente publicadas, *"Confessions of a Modern Seer"* (3), relatei com considerável extensão as minhas próprias experiências com um químico que efetivamente fazia ouro a partir de uma mistura de várias argilas, e que recebia da Casa da Moeda do Governo dos

Estados Unidos, em Washington, um preço tão elevado pelo ouro que enviava como qualquer outro que alguma vez fora pago pelo metal precioso vindo das famosas minas de ouro da Califórnia.

No mesmo capítulo desse livro dei um relato de uma entrevista no *World Magazine* de 26 de junho de 1916, com Rudolph M. Hunter, da Filadélfia — um homem que ocupa o terceiro lugar depois de Edison entre os grandes detentores de patentes do mundo, um cientista reconhecido, com uma reputação mundial, que declarou: "Posso fabricar ouro não apenas a partir de metais mais vis, mas a partir de substâncias minerais comuns, tais como a pedra."

CAPÍTULO XXV

HISTÓRIAS ESTRANHAS DOS ALQUIMISTAS

Há muitas histórias estranhas que se encontram nos registos de Tomás de Aquino, que após a sua morte foi canonizado por Roma e cujo nome desde então desceu para a posteridade como São Tomás de Aquino.

Este homem foi indubitavelmente um dos maiores sábios da sua época. Recebeu os alicerces da sua educação dos monges de Monte Cassino e, mais tarde, na Universidade de Nápoles. Contra a vontade da sua família, que era de alta estirpe nobre, juntou-se à Sociedade dos Frades Pregadores, ou Dominicanos, quando tinha apenas dezassete anos de idade.

A sua mãe, ficando indignada por ele tomar um voto de pobreza, fez tudo o que estava ao seu alcance para alterar a sua decisão, mas sem qualquer resultado. Os Frades, a fim de o afastar dos apelos dela, levaram-no para várias cidades em Itália e, finalmente, para Roma. A sua devotada mãe seguiu-o através de todas estas mudanças de residência, mas nunca lhe foi permitido vê-lo novamente.

Os seus dois irmãos mais velhos, numa ocasião, armaram-lhe uma cilada no seu caminho para Paris, para onde ele ia a fim de completar a sua educação, e fecharam-no durante dois anos no castelo de Roccasecca (4), onde tinha nascido. De alguma forma, contudo, ele conseguiu enviar uma comunicação aos superiores da sua ordem e acabou por escapar por uma janela do castelo.

Mais tarde, tornou-se aluno do grande alquimista Alberto Magno e aprendeu muitos segredos de magia com ele, sendo o mais importante o segredo de fazer ouro a partir dos metais mais vis.

Relata-se também que ele desfez em pedaços um homem feito de latão que Alberto Magno tinha levado trinta anos a aperfeiçoar. Esmagou-o, diz-se, "porque a imagem não cessava de falar e interrompia os seus estudos".

Noutra ocasião, estando o seu laboratório situado numa grande artéria onde os lacaios exercitavam os seus cavalos, determinou pôr um fim ao seu ruído contínuo. Para este propósito, fez uso do seu conhecimento de magia para construir um pequeno cavalo de latão, o qual enterrou no centro da estrada real. A partir do momento em que fez isto, afirma-se, nenhum cavalo passava pela estrada. Foi em vão que os lacaios tentaram pelo chicote, espora ou afagos forçar os animais a vencer a sua relutância; no fim, tiveram de ceder e deixar a artéria para São Tomás.

A LENDA DO REI ARTUR

A história do Rei Artur está intimamente associada ao oculto. Encontramo-lo ligado a um dos maiores nomes de magos dos primeiros tempos ingleses, a saber, o de Merlin, o Encantador.

De Merlin, o Rei Artur é creditado com o facto de ter recebido excelentes conselhos, tanto mágicos como de outra ordem. Supunha-se que ele estava com o Rei quando este recebeu a sua espada mágica Excalibur, a qual o dotou de poder e invulnerabilidade.

Glastonbury, no Somerset, mesmo nos tempos mais recuados, tornou-se famosa pela sua associação à Corte do Rei Artur e à Távola Redonda. As ruínas da famosa Abadia são as mais pitorescas e maiores em Inglaterra, e datam da reportada chegada de José de Arimateia, que foi enviado para a Bretanha por São Filipe.

Diz-se que José recebeu uma pequena ilha no Somersetshire, onde "construiu com ramos entrançados" a primeira igreja cristã em Inglaterra, a qual mais tarde se tornou a grande Abadia de Glastonbury.

Uma lenda afirma que José de Arimateia plantou o seu báculo no solo, o qual se transformou num espinheiro que florescia duas vezes por ano, no Natal e na Sexta-Feira Santa, sendo a razão dada para isto o facto de o báculo de José ter sido originalmente parte do arbusto de espinhos a partir do qual a "Coroa de Espinhos" tinha sido feita.

No Novo Testamento afirma-se que José de Arimateia era um judeu rico que tinha sido convertido pelo Cristo e que, após a Crucificação, foi ter com Pilatos e pediu o corpo de Jesus, que subsequentemente preparou para o sepultamento e colocou no seu próprio túmulo. No Evangelho de Pedro ele é descrito como um "amigo de Pilatos e do Senhor".

É dos anais da Abadia de Glastonbury que vem a bela história de "A Demanda do Santo Graal", um cálice da Última Ceia, no qual José de Arimateia colocou o sangue das feridas do Salvador crucificado e o carregou consigo para Glastonbury.

CAPÍTULO XXVI

A EXTRAORDINÁRIA HISTÓRIA DE GILLES DE LAVAL, O HOMEM QUE FEZ UM PACTO COM O DIABO

Gilles de Laval, Senhor de Rais (5) e Marechal de França, nasceu por volta do ano 1420 (6) de uma das mais ricas e nobres famílias da Bretanha.

No seu vigésimo ano o seu pai faleceu e ele tornou-se detentor de um poder ilimitado e de grande riqueza. Por morte do seu pai, herdou nada menos do que quinze domínios dignos de qualquer príncipe, os quais lhe traziam um rendimento de trezentas mil libras por ano.

Tudo prometia para ele uma carreira brilhante e ilustre em vez da terrível história de crime que o envolveu antes do fim.

No dealbar da sua vida, nada fez para justificar um mau augúrio. Serviu com galhardia e sucesso nas guerras de Carlos VII (7) contra os ingleses e combateu sob Joana d'Arc no nunca esquecido Cerco de Orleães.

A sua coragem no campo de batalha era tão grande que recebeu do próprio Rei a elevada posição de Marechal de França.

A partir deste ponto, o seu destino tendeu para baixo até terminar numa morte ignominiosa às mãos do carrasco público.

Retirando-se da Corte em idade precoce, regressou ao seu Castelo de Champtocé (8) na Bretanha (9) e entregou-se imediatamente a uma vida de luxo sumptuoso e extravagância quase impossível de descrever.

Duzentos cavaleiros acompanhavam-no onde quer que fosse, enquanto o seu séquito de seguidores nas suas expedições de caça excedia em magnificência até o do próprio Rei. Os seus servos trajavam com as mais ricas vestes bordadas a ouro puro, enquanto os seus cavalos eram ajaezados com os arreios mais elaborados que se podiam obter.

Dia e noite os portões do seu castelo estavam abertos a todos os que vinham; um boi, um carneiro e um porco eram assados inteiros cada dia, juntamente com aves de capoeira, o suficiente para alimentar quinhentas pessoas, a par de uma sumptuosa dotação de vinho e cerveja.

Carregava o mesmo amor pela pompa para as suas devoções religiosas: tinha um bispo como seu capelão pessoal, um decano, um chantre, dois arcediagos, quatro vigários, doze capelães assistentes e oito coristas no seu estabelecimento eclesiástico, sendo todos eles providos de cavalos e servos e vestidos com as mais dispendiosas vestes de veludo escarlate e ricas peles.

Cada vaso ou crucifixo na sua capela era feito de ouro e tinha de ser transportado com ele para onde quer que fosse, juntamente com muitos órgãos, cada um carregado por seis homens.

No seu castelo mantinha um coro de vinte e cinco crianças de ambos os sexos e fazia com que lhes fosse ensinada música pelos melhores mestres da época. Apoiava também cinquenta comediantes, cinquenta bailarinos e cinquenta malabaristas, e cada hora era preenchida com alguma gratificação sensual ou divertimento voluptuoso.

Tal era a vida do jovem senhor de Rais quando tomou por sua esposa Catherine, a herdeira da nobre família de Thouars, cujo acontecimento lhe deu uma nova ocasião de exibir a sua louca paixão por pompa e cerimónia luxuosas.

(1) Nota do Tradutor: No original surge a grafia francesa "M. Figuier", referindo-se ao cientista e escritor Louis Figuier.

(2) Nota do Tradutor: O termo original "azote" designa o azoto (atualmente mais denominado nitrogénio em contextos químicos, embora a forma azoto continue perfeitamente válida e consagrada em português de Portugal).

(3) Nota do Tradutor: Conforme indicado na nota de rodapé do original, a obra foi publicada pela editora Jarrolds em Londres.

(4) Nota do Tradutor: O texto original apresenta a gralha "castle of Aguino", baseada no título da personagem (Tomás de Aquino). Contudo, o santo nasceu no castelo de Roccasecca e foi mais tarde confinado pela família no castelo de Monte San Giovanni Campano ou em Roccasecca, comunas situadas na província de Frosinone (antiga Terra de Trabalho). Manteve-se a menção ao castelo adaptando a designação histórica correta na nota.

(5) Nota do Tradutor: O texto original apresenta a grafia antiga "Raiz", corrigida para a forma histórica fixada, Rais.

(6) Nota do Tradutor: Gilles de Rais nasceu em 1405, e não por volta de 1420 como indica o texto. Em 1420 o seu pai já havia falecido (em 1415), altura em que ficou sob a tutela do avô. Manteve-se a cronologia do autor.

(7) Nota do Tradutor: O texto original indica por lapso "Charles VI", mas as campanhas de Joana d'Arc e a concessão do título de Marechal de França a Gilles de Rais deram-se sob o reinado de Carlos VII (Charles VII).

(8) Nota do Tradutor: O original apresenta a grafia com caractere em falta "Château of Champtocé".

(9) Nota do Tradutor: Champtocé-sur-Loire situa-se historicamente na província de Anjou (hoje no departamento de Maine-et-Loire), e não na Provença ("Provence") como erradamente indica o original.

Como Senhor de Rais, ele dava os banquetes mais sumptuosos de toda a França; convidados vinham de todas as partes da Europa para assistir aos seus torneios, e diz-se que não sabiam o que admirar mais: se a sua perícia nos jogos de cavalaria, se a sua profunda erudição (1).

Poucos meses após o seu casamento, fechou a sua bela e jovem esposa numa das torres do castelo, onde nem mesmo os seus parentes mais próximos tinham permissão para a ver ou manter comunicação com ela de qualquer forma que fosse.

Por fim, o seu enorme rendimento começou a sentir o esforço da sua extravagância e, a fim de obter dinheiro para as suas despesas, viu-se compelido a vender um domínio após outro, até que o Rei emitiu um édito proibindo-o de vender o resto das suas propriedades.

Gilles de Laval não conseguia conter os gastos, não conseguia viver num esplendor diminuído. O dinheiro tornou-se, portanto, a única necessidade da sua vida e, para o obter, propôs-se a tornar-se alquimista e a produzir ouro a partir dos metais mais vis.

Mensageiros foram por ele enviados à Itália, Áustria, Alemanha e Espanha, aos principais adeptos da Alquimia, para que viessem o mais depressa possível ao Castelo de Champtocé.

Entre os que vieram estava um alquimista de Pádua chamado Prelati (2), que permaneceu com ele até ao fim. Seguindo o conselho deste homem, Gilles de Laval construiu um laboratório magnífico, equipado com todos os aparelhos necessários para o trabalho de investigação.

Juntando-se a outros adeptos, por mais de doze meses a busca continuou pela “Pedra Filosofal”; mais de mil combinações químicas foram tentadas, uma após outra; uma certa quantidade de ouro, ao que parece, foi feita, mas em quantidades tão pequenas que a despesa ajudava a esgotar a já depauperada tesouraria do Marechal.

O Senhor de Rais tornou-se impaciente; queria riqueza, mas queria-a imediatamente. Nesta etapa, Prelati, que tinha ganho completamente a sua confiança, sussurrou-lhe métodos mais rápidos e ousados de obter os resultados desejados, caso ele tivesse a audácia de seguir os planos de Prelati.

Gilles de Laval concordou; dispensou imediatamente todos os adeptos inferiores e colocou-se nas mãos do seu tentador para fazer dele o que este desejasse.

A sugestão de Prelati era que, se o seu mestre assinasse um contrato com o próprio sangue com o Diabo, a sua Suprema Majestade concederia

todos os seus desejos e mostrar-lhe-ia onde tesouros de ouro estavam ocultados.

Nessa mesma noite, no laboratório agora deserto, Prelati conduziu uma pretensa sessão, na qual fez o Diabo aparecer sob a forma de um belo jovem de cerca de vinte e um anos de idade.

Sob este disfarce, o Diabo censurou o Senhor de Rais por ter esbanjado a sua fortuna em sumptuosos entretenimentos para o usufruto de outros e para satisfazer a sua própria vaidade, quando poderia ter empregue o seu dinheiro de formas mais pecaminosas. De facto, o Diabo disse-lhe claramente que, por muito mau que ele fosse, ainda não tinha atingido o estado de depravação que o tornaria elegível como um companheiro adequado para o Senhor do mundo inferior.

— Colocar-te-ei num período de provação por sete meses — disse a sua Majestade altivamente. — Se ao fim desse período tiveres cumprido todos os meus desejos, conduzir-te-ei a uma caverna de tesouros que está cheia do chão ao teto com lingotes de ouro.

O Senhor de Rais implorou que sete meses era muito tempo para esperar, que já estava endividado e no limite dos seus recursos. O Diabo limitou-se a rir e respondeu: "que ele podia ficar ainda mais endividado", e sugeriu "que ele ignorasse o édito do Rei e hipotecasse o resto das suas terras".

— Tu vais querer riquezas — escarneceu o Diabo —, se é para provares ser um companheiro adequado para mim — a virtude custa dinheiro, terás de a comprar a qualquer preço. Os pais vendem as filhas pelo valor mais alto que conseguem obter. O meu Reino tem abundância de velhas bruxas, a maioria delas meretrizes, mas eu quero as almas de raparigas jovens e tantas virgens quantas possível. Com o teu aspeto senhorial podes ser extremamente útil para os meus planos, mas não deves ter escrúpulos em levá-los a cabo.

"Pensa nos prazeres voluptuosos que se erguem à tua frente pelos próximos sete meses: o ataque a alguma aldeia à frente dos teus cavaleiros todas as noites, o rapto de uma virgem, o carregá-la em triunfo para o teu castelo e o verga-la para fazer as tuas vontades. Não temas ficar saciado; prometo que porei na tua mente ideias de luxúria, crueldade e crime que

nunca foram ainda concebidas. Sete meses serão de todo muito curtos para ti e, ao fim desse tempo, pensa nos lingotes de ouro que te prometi dar."

O Senhor de Rais de facto pensou; foi talvez o ouro que mais o tentou; para aqueles que tiveram riqueza e a perderam, a loucura de a recuperar é o pior inferno de todos.

Gilles de Laval assinou o contrato nessa noite com o seu próprio sangue, tirado do seu peito esquerdo.

Na noite seguinte, o Diabo apareceu de novo sob o disfarce de um jovem; cavalos foram trazidos e ele montou o mais fogoso ao lado do seu escravo. Uma aldeia foi atacada, uma dúzia de raparigas foram raptadas e, lançadas sobre o dorso dos cavalos, foram carregadas para o Castelo; passaram por todas as indignidades possíveis; dez delas cometeram suicídio e o Diabo riu-se de uma noite de bom trabalho.

A partir daí, as iniquidades cometidas no Castelo de Champtocé tornaram-se indescritíveis. Gilles de Laval transformou-se num louco na busca da crueldade e do vício. Um dos seus passatempos favoritos era suspender uma rapariga nua por uma corda de seda em redor do pescoço, com os pés apoiados no topo de uns degraus de madeira aos quais fixava uma corda. Colocava uma espada afiada na mão direita da rapariga, dizendo-lhe que, num dado momento, quando ele puxasse os degraus de debaixo dos seus pés, ela poderia, se fosse suficientemente rápida com um golpe de espada acima da cabeça, cortar o cordão de seda e salvar a sua vida.

Algumas raparigas conseguiram passar por esta provação, mas muitas falharam, como foi provado pelo número dos seus cadáveres encontrados nas masmorras do castelo quando Gilles de Laval foi, no fim, preso.

Os relatos dizem que, para o fim do sétimo mês, o Diabo se tornou mais e mais exigente. Insistia em que a "Missa Negra" tinha de ser realizada todas as noites às doze horas e que mais e mais vítimas, tanto rapazes como raparigas, fossem trazidos para o castelo para nunca mais saírem dele.

A última semana do sétimo mês estava a chegar ao fim quando o Diabo exigiu do Senhor de Rais o maior teste de todos; escassas noites antes, tinha-o levado ao centro da floresta, a cerca de uma milha do castelo,

e mostrara-lhe uma caverna feita de lajes de pedra, a qual prometeu que se transformaria em lingotes de ouro na última hora da sua provação, desde que ele passasse pelo teste supremo de fé.

Em suma, era que ele deveria encontrar uma mulher prestes a dar à luz uma criança, que mataria a mãe, tiraria a criança viva do seu ventre e a sacrificaria no fim da "Missa Negra", no clímax da sua provação.

As circunstâncias favoreceram que este plano diabólico fosse levado a cabo da seguinte forma:

A sua bela esposa, Catherine, estava a chegar às últimas etapas da sua gravidez quando o seu senhor e mestre a informou de que, com Prelati, ia partir em peregrinação para Roma, mas que permitiria que a irmã dela, Anne, viesse para a sua torre-prisão e permanecesse com ela até ao seu regresso.

Nessa noite, sozinhas no castelo, as duas senhoras começaram a falar dos estranhos rumores que andavam a circular, de raparigas que tinham sido roubadas de aldeias e de rapazes e raparigas vistos a entrar no castelo para nunca mais se ouvir falar deles. Como o Senhor de Rais estava ausente, a curiosidade de mulher impeliu as duas irmãs a explorar as câmaras subterrâneas do castelo, nas quais tinham sido proibidas de entrar. Ao fazerem isto, depararam-se com uma torre interior construída de tal forma que não tinha entrada pelas paredes exteriores.

Descendo alguns degraus, encontraram-se face a face com uma pesada porta de carvalho que teria barrado o seu avanço se a Senhora de Rais não tivesse reparado num botão de cobre no centro, que parecia polidíssimo pelo uso constante. Pressionando este botão, a porta abriu-se e elas entraram no que era, aparentemente, uma capela subterrânea.

Para seu horror, contemplaram todos os objetos de culto sagrado numa posição invertida em relação ao que estariam numa capela regular. A Santa Cruz erguia-se de cabeça para baixo, com o corpo nu de uma mulher pregado a ela de pernas para o ar, enquanto sobre a laje de mármore negro que servia de Altar-Mor o corpo de um rapaz jazia estendido com o lado esquerdo aberto e o coração arrancado.

A Senhora de Rais teria caído num desmaio se, nesse momento, não tivesse ouvido o toque do sino exterior a anunciar que o seu marido tinha regressado e estava a entrar pelos portões.

A sua irmã Anne, num pavor indescritível, correu para fora da capela e fugiu escadas acima até atingir o telhado do terraço exterior. Uma vez ali, arrancou a sua túnica branca e acenou com ela ao luar, esperando atrair a atenção de alguns cavaleiros que passassem a cavalo.

Por obra do destino, os dois cavaleiros à frente da tropa eram por acaso os seus próprios irmãos que, ouvindo dizer que o Senhor de Rais tinha ido em peregrinação para Roma, vinham visitar a irmã e a Madame de Rais.

Entretanto, lá em baixo na capela, uma cena terrível estava a ter lugar. Gilles de Laval tinha entrado com Prelati. Arrastando a Madame de Rais para fora de um falso confessionário no qual ela se tinha escondido, Prelati sussurrou ao ouvido do seu mestre: “A última ordem do Diabo para ti foi: encontra uma mulher grávida prestes a dar à luz uma criança, tira a criança viva do seu ventre e sacrifica-a sob a Cruz. Eis que ele te enviou a mulher, é a última hora do sétimo mês da tua provação — não hesites — mas age.”

O Senhor de Rais puxou da sua espada; estava prestes a matar a infeliz mulher diante de si, quando os irmãos dela entraram de rompante e lhe derrubaram a espada da mão.

Gilles de Laval e o seu cúmplice Prelati foram levados a julgamento perante uma comissão composta pelo Bispo de Nantes (Chanceler da Bretanha), pelo Vigário da Inquisição e por Pierre de L'Hôpital, Presidente do Parlamento da Bretanha (3).

De Rais foi acusado de feitiçaria, magia negra e homicídio. Ao início exibiu a mais absoluta frieza e desdém pelo tribunal, mas a prova esmagadora trazida contra ele, juntamente com as revelações feitas por Prelati e pelos seus servos sobre os seus sacrifícios de crianças jovens para a suposta gratificação do Diabo, este relato horrível conforme se desenrolava dia após dia do registo negro das suas enormidades abalou inclusive a sua coragem, de modo que, no fim, confessou tudo.

A crónica manchada de sangue mostrava que mais de uma centena de crianças tinham caído vítimas deste louco e da sua insana ganância pelo ouro.

Tanto De Rais como Prelati foram condenados a ser queimados vivos, mas, em consideração do seu posto de Marechal de França, De Rais foi estrangulado antes de ser entregue às chamas.

Conforme subia ao cadafalso com uma monstruosa presunção de fé religiosa, gritou para Prelati: "Adeus, querido amigo, neste mundo nunca mais nos encontraremos, mas depositemos as nossas esperanças em Deus — que nos veremos no Paraíso."

O Castelo de Champtocé ergue-se hoje em ruínas no seu belo vale. Conforme as mulheres passam à distância, benzer-se-ão com pavor — conforme os homens passam, amaldiçoam o Senhor de Rais pela mágoa e sofrimento que trouxe a tantos lares.

Assim termina a história de Gilles de Laval.

(1) Nota do Tradutor: O autor comete no original uma gralha ortográfica na grafia da palavra erudição ("erudition"), escrevendo-a por lapso com "h" ("herudition"). Manteve-se o termo correspondente correto em português.

(2) Nota do Tradutor: No texto original surge impresso sem caractere completo ("Prelati" e "Praelati"), corrigido e fixado na tradução como Prelati (Francesco Prelati).

(3) Nota do Tradutor: No original surge grafado "Proven9al Parliament", mas Pierre de L'Hôpital era o Presidente do Parlamento da Bretanha (Parlement de Bretagne), província onde correu o julgamento (em Nantes), e não da Provença. Ajustou-se a designação histórica correta em nota.

FIM